

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

SIDNEY PEREIRA DE SOUZA E SILVA

A IGREJA CATÓLICA EM CUBA: NOVOS TEMPOS, NOVAS RELAÇÕES

PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

SIDNEY PEREIRA DE SOUZA E SILVA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 06/11/2019.



A IGREJA CATÓLICA EM CUBA: NOVOS TEMPOS, NOVAS RELAÇÕES

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências das Religiões  
Faculdade Unida de Vitória  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de pesquisa: Religião e Esfera Pública

Orientador: Dr. José Mário Gonçalves

Vitória - ES  
2019

Silva, Sidney Pereira de Souza e

A igreja Católica em Cuba / novos tempos, novas relações / Sidney Pereira de Souza e Silva. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019.

ix,134 f. ; 31 cm.

Orientador: José Mário Gonçalves

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019.

Referências bibliográficas: f. 120-134

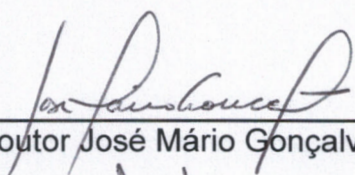
1. Ciência da religião. 2. Religião e Esfera Pública. 3. Revolução cubana.
  4. Igreja Católica. 5. Religião e socialismo. 6. Tensões e aproximações.
  7. Igreja Católica em Cuba. - Tese. I. Sidney Pereira de Souza e Silva.
- II. Faculdade Unida de Vitória, 2019. III. Título.

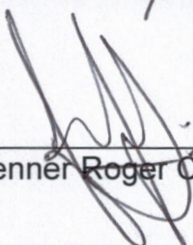
SIDNEY PEREIRA DE SOUZA E SILVA

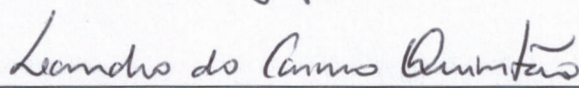
A IGREJA CATÓLICA EM CUBA: NOVOS TEMPOS, NOVAS RELAÇÕES

PPGCR  
Faculdade Unida

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.

  
Doutor José Mário Gonçalves – UNIDA (presidente)

  
Doutor Kenner Roger Cazotto Terra – UNIDA

  
Doutor Leandro do Carmo Quintão – IFES

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, que sempre acreditou em mim e sacrificou sua vida para que eu pudesse crescer na vida.

Também quero dedicá-lo a todos os meus amigos, em especial à minha amiga Wilce, que sempre me motivou e não permitiu que eu desistisse no meio do caminho.

E, por último, minha homenagem e gratidão à minha linda família, que tanto amo.



## AGRADECIMENTOS

Minha sincera gratidão ao meu orientador, professor doutor José Mário Gonçalves, pelo apoio contínuo em meu estudo no Mestrado, por sua paciência, motivação e imenso conhecimento compartilhado. Sua orientação me ajudou em todo o tempo de pesquisa e escrita desta dissertação. Eu não poderia imaginar ter um melhor conselheiro e mentor para meu estudo de Mestrado.



## EPÍGRAFE

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 06/11/2019.



“Se saímos, chegamos; se chegamos, entramos;  
se entramos, triunfamos.”

Fidel Castro



## RESUMO

Este trabalho visa discutir a relação entre a Igreja Católica e a Revolução Cubana, os conflitos e as aproximações decorridos desse levante, que ocorreu de 26 de julho de 1953 a 1.º de janeiro de 1959, e foi parte de um processo que se iniciou décadas antes, com raízes em fatores datados desde o fim do século XIX. A análise deu ênfase no período de 1959 a 1962 e, em razão da peculiaridade e da contemporaneidade da Revolução, com seus ideais socialistas, estendeu-se até 2015. A pesquisa mostra como o cenário pré-Revolução existente em Cuba gerou a convicção de se fazer a Revolução e procurou responder em que medida a Igreja Católica facilitou a implantação e a manutenção do sistema socialista em Cuba, e até que ponto se tornou uma voz de esperança para o povo cubano no enfrentamento aos desafios que surgiram com o levante socialista. Para obter respostas, foi necessário apresentar também uma visão geral do cenário pré-revolucionário, a posição da Igreja Católica ante a Revolução, as tensões e possíveis aproximações entre tão diferentes pensamentos, culminando na década atual, com a visita de Papas a Cuba. Dessa forma, a pesquisa se justifica pela riqueza de eventos históricos que envolveram a Ilha antes e depois da Revolução Cubana, não só pelos seus aspectos políticos, econômicos e sociais, mas principalmente pela posição da Igreja Católica nesse processo, por ser a religião mais influente na época, embora existissem outras manifestações religiosas, como as de origem africana e as protestantes. A pesquisa teve caráter exploratório, bibliográfico e documental, utilizando-se livros, documentos e materiais on-line que possibilitaram analisar o cenário pré-Revolução, o período em que a Revolução Cubana ocorreu, os personagens que tiveram mais destaque e como está, atualmente, a relação entre a Igreja Católica e o Estado cubano. Teve abordagem qualitativa, que permitiu analisar motivos, crenças, valores que permearam o levante e os comportamentos da Igreja Católica decorrentes do socialismo proclamado.

Palavras-chave: Revolução Cubana. Igreja Católica. Religião e socialismo. Tensões e aproximações.



## ABSTRACT

This paper aims at discussing the relationship between the Catholic Church and the Cuban Revolution, the conflicts and the approximations that emerged from that uprising, which took place from July 26, 1953 to January 1, 1959 and was part of a process that began decades earlier, rooted in factors dating back to the late 19th century. The analysis emphasized the period from 1959 to 1962 and due to the peculiarity and the contemporary revolution with its socialist ideals, the analysis was extended to 2015. The research shows how the pre-Revolution scenario in Cuba generated the conviction of making the Revolution and sought to answer to what extent the Catholic Church facilitated the implantation and maintenance of the socialist system in Cuba, and to what extent it became a voice of hope for the Cuban people in facing the challenges that arose with the socialist uprising. Thus the attempt to obtain answers made it necessary also to present an overview of the pre-revolutionary scenario, the position of the Catholic Church before the results of the Revolution, the tensions and the possible approximations between so different thoughts, having its apex in the present decade, with the visit of Popes to Cuba. Thus, the research is justified by the wealth of historical events that involved the Island before and after the Cuban Revolution, not only for its political, economic and social aspects, but also for the position of the Catholic Church in that process, since it was the most influential religion at the time, although there were other religious manifestations, such as those of African origin and protestants. The research was exploratory, bibliographic and documentary, using books, documents and online materials that made it possible to analyze the pre-Revolution scenario, the period in which the Cuban Revolution occurred, the characters that were most prominent and how the relationship between the Catholic Church and the Cuban State is nowadays. It had a qualitative approach, which allowed to analyze reasons, beliefs, values that permeated the uprising and the behaviors of the Catholic Church stemming from the proclaimed socialism. It is understood that such a movement could not be overlooked, especially by religious scholars, because it is important to understand political and social processes with thoughts antagonistic to religion, such as the Revolution in Cuba.

**Keywords:** Cuban Revolution. Catholic church. Religion and socialism. Tensions and approximations.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 REVOLUÇÃO E RELIGIÃO EM CUBA .....	19
1.1 Breve histórico do período pré-Revolução.....	19
1.2 A Revolução .....	26
1.2.1 Personagens mais influentes da Revolução .....	33
1.2.2 Fidel e o socialismo cubano .....	39
1.2.3 A Igreja Católica e a ameaça do comunismo .....	41
2 IGREJA CATÓLICA E REVOLUÇÃO – CONFRONTOS E TOLERÂNCIA .....	45
2.1 A Igreja Católica na Revolução – visão geral .....	45
2.1.1. Fidel e religião no período revolucionário .....	48
2.1.2 Confrontos e tolerância.....	52
2.1.3 Influência da Revolução Cubana na Igreja Católica .....	64
2.2 O período pós-Revolução e a Igreja Católica.....	66
2.2.1 Visão geral.....	66
2.2.2 O “Período Especial em Tempos de Paz” e a Igreja Católica .....	72
2.3 Importância e influência da doutrina da Igreja Católica.....	75
2.3.1 Visão geral.....	75
2.3.2 Concílio Vaticano II .....	77
2.3.3 Conferências Gerais do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) .....	80
3 A IGREJA CATÓLICA EM CUBA NOS DIAS ATUAIS .....	90
3.1 Cuba hoje – visão geral .....	90
3.1.1 Cuba e o Vaticano .....	95
3.1.2 As visitas papais .....	100
3.2 A prática da religião nos tempos atuais em Cuba.....	106
3.2.1 Disposições legais em relação à liberdade religiosa.....	106
3.2.2 A Igreja Católica nos tempos atuais .....	110
CONCLUSÃO.....	115
REFERÊNCIAS .....	120

## INTRODUÇÃO

Este trabalho visa discutir a relação entre a Igreja Católica Apostólica Romana – denominada, ao longo do texto, apenas como Igreja Católica – e a Revolução Cubana, os conflitos e as aproximações decorridos do movimento, que ocorreu de 26 de julho de 1953 a 1.º de janeiro de 1959, e foi parte de um processo que se iniciou décadas antes, com raízes em fatores datados desde o fim do século XIX. Para os objetivos que a pesquisa propõe, o enfoque recaiu no período pós-Revolução, com recorte principal de 1959 a 1962. Entretanto, em razão da peculiaridade e atualidade da Revolução, com seus ideais socialistas, a análise se estendeu até 2015.

A pesquisa procurou responder às questões: em que medida a Igreja Católica facilitou a implantação e a manutenção do sistema socialista em Cuba; e até que ponto se tornou uma voz de esperança para o povo cubano no enfrentamento aos desafios que surgiram com a Revolução socialista. A tentativa de obter respostas tornou necessária também apresentar uma visão geral a respeito da situação pré-Revolução, sobre como o cenário político-social antes da Revolução Cubana gerou a convicção de se fazer o levante, a posição da Igreja Católica e as possíveis aproximações em meio a tão diferentes pensamentos, até a década atual.

Também foram analisados os cenários internacional e nacional, antes, durante e depois dessa Revolução, seus agentes catalisadores e os motivos que a deflagraram. Dentre estes, a hegemonia norte-americana, contra a qual os revolucionários lutavam, e que marcava presença na Ilha desde sua independência, em 1898 – ocorrida em razão da intervenção estadunidense, por meio da guerra hispano-americana. Assim, as relações entre Cuba e os EUA também foram fatores importantes para explicar a Revolução, que triunfou em 1959.

A escolha da Igreja Católica para a análise em relação à Revolução Cubana deve-se ao fato de ser, na época e ainda hoje, a expressão mais importante da religião na Ilha cubana. “[...] Em todo caso, o espectro religioso cubano de hoje talvez seja o que maiores conquistas reflete, na história de Cuba, na superação das discriminações e na contribuição para fomentar um clima de liberdade religiosa sem diferenças de credos”<sup>1</sup>. Embora Kirk relate que apenas entre 1% e 2% de cubanos eram católicos praticantes<sup>2</sup>, numa população, nos anos de 1960, de cerca de 7 milhões de habitantes<sup>3</sup>, a influência moral da Igreja Católica era maior do que esses

<sup>1</sup> ALONSO, A. A Igreja católica, a política e a sociedade. *Revista de Estudos Avançados*, São Paulo, v. 25, n. 72, p. 114, 2011.

<sup>2</sup> KIRK, John. H. La Iglesia católica en Cuba. *Temas: Cultura, Ideología, Sociedad*, n. 2, abr./jun., 1995.

<sup>3</sup> Dados disponíveis em: <<https://www.populationpyramid.net/pt/cuba/1960/>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

dados possam sugerir. Esse fato explica a importância da Igreja Católica na Revolução, fosse apoiando, fosse resistindo ao que preconizava o movimento revolucionário. Outra religião que existia era a *Santería*, um conjunto de práticas religiosas de origem africana e que se mesclava com a religião católica. Sobre a *Santería*, observa-se que:

[...] este termo designava o culto popular dos santos e das virgens na Espanha. Era na origem pejorativo e devia ter um sentido próximo ao de ‘idolatria’. Hoje em dia é amplamente aceito pelos próprios santeros. A santería deve seu nome a um fenômeno [...]: os escravos negros identificaram os orixás africanos a certos santos e virgens católicas. [...] debate-se sobre o sentido que se deve atribuir e essa associação. Sinal da ‘mentalidade pré-lógica’ dos africanos – segundo os positivistas do princípio do século, o debate hoje se refere mais à realidade da identificação do que à sua origem. Para alguns autores, o culto dos santos [= santería] organizou-se à base das semelhanças formais entre os orixás e as entidades cristãs. Para outros pesquisadores, tratava-se apenas de uma ficção conscientemente adotada pelos escravos para iludirem os brancos e manterem práticas e crenças africanas.<sup>4</sup>

Além da *Santería*, também são mencionados cristãos protestantes: “[...] Foi criado um espaço para a Igreja Católica, proporcionalmente mais compartilhado, hoje, com o mundo das denominações protestantes [...]”.<sup>5</sup>

A importância da Igreja Católica na América Latina e no país caribenho é apresentada no capítulo que trata do Concílio Vaticano II e das primeiras Conferências Gerais do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam). Essa importância foi determinante para a análise do período da Revolução Cubana, pelo socialismo<sup>6</sup> predominante em Cuba e por esse movimento ter-se transformado num modelo de resistência ao imperialismo dos Estados Unidos, na América Latina, Central e em outros continentes, como África e Ásia.

Cuba é uma ilha que, atualmente, tem quase 12 milhões de habitantes, onde, por muito tempo, só se vendiam açúcar e charutos. Sobre seus recursos naturais, de acordo com o jornal cubano *Granma*, 4.195 pequenas ilhas, ilhotas e rochedos, espalhados entre o oceano Atlântico e o Mar do Caribe, compõem o arquipélago, sendo a maior e mais importante a Ilha de Cuba, que se assemelha um enorme jacaré flutuando nas suas águas. Há belas praias e, ao longo dos 3.200 quilômetros da plataforma insular há um mundo de formas e cores, a mais diversa fauna marinha das Antilhas. Além do mais, sua posição geográfica, seu desenho

<sup>4</sup> MOTTA, Roberto. Enciclopédia Afro-Cubana. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 44, n. 2, p. 204-205, 2001. Resenha do livro: DIANTEILL, Erwan. *Des dieux et des signes: initiation, écriture et divination dans les religions afro-cubaines*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences. Sociales, 2000. 381 p.

<sup>5</sup> ALONSO, p. 114, 2011.

<sup>6</sup> “Teoricamente entendido aqui, como Estado socialista, o sistema econômico e social que segue os princípios ideológicos do marxismo ou do leninismo, implica economicamente a apropriação pelo Estado, a cooperativização dos meios de produção e a terra. Em essência, o Estado Socialista é politicamente o exercício do poder pela classe trabalhadora.” LENIN, V. I. *Obras escogidas en tres tomos*. Moscú: Progreso, p. 681-689, 1970. v. 3.

alongado e estreito, estrutura geológica e isolamento geraram uma grande riqueza e diversidade biológica. De acordo com o jornal, essa riqueza é protegida e conservada pelas instituições competentes mediante abrigos de fauna, reservas ecológicas ou parques nacionais, muitos deles situados nas principais regiões de montanhas do país, como Serra Maestra, o maciço do Escambray ou Guahumayae e Guaniguanico. A primeira árvore que contempla quem visita o país é a palmeira-imperial-de-cuba, sendo difícil pensar em Cuba sem sua presença. Ainda, conta com a maior diversidade florística da região e uma das mais interessantes e valiosas do mundo. Sobre a alta densidade da flora cubana, de acordo com especialistas, “[...] é sete vezes maior que na Espanha, 36 vezes maior que na Índia e na China e 45 vezes maior que na Austrália”<sup>7</sup>.

Em relação à Revolução Cubana, não se tem tido informação, em cinco décadas, de uma única manifestação coletiva contrária a essa insurreição, como ocorreu nos países socialistas do Leste europeu antes da derrubada do Muro de Berlim, que ocorreu em 1989.<sup>8</sup> Essa afirmação do movimento revolucionário em Cuba, por tanto tempo, tornou pertinente questionar o posicionamento da Igreja Católica em relação à Revolução de Fidel Castro, Raúl Castro e Che Guevara e sua coexistência com as consequências advindas. O estudo também analisou as condições criadas para sua ocorrência, e quais foram os motivos para que Cuba viesse a transformar-se em um país socialista, além disso, aponta as tentativas de aproximação do Vaticano da Ilha cubana, na década atual.

Com relação aos objetivos da pesquisa, de maneira geral, o que se fez foi analisar o papel da Igreja Católica que, em certo momento, entrou em conflito com os líderes da Revolução Cubana, o que acarretou um processo de distanciamento, de tensão e desacordo, em alguns momentos, e de aproximação e anuência, em outros, com esses líderes.

Os objetivos específicos consistiram em: investigar a Revolução Cubana, identificando os motivos que levaram à ocorrência desse movimento; apontar os líderes da Revolução; analisar se a Igreja Católica apoiou ou se opôs à Revolução; observar os momentos de tensão e aproximação; investigar a coexistência da Igreja Católica com o socialismo; e identificar a aproximação do Vaticano com a Ilha cubana.

Com relação às fontes utilizadas, notou-se, de um lado, que a literatura oficial produzida pelo Estado revolucionário cubano dá forte apoio às diretrizes do Governo em

---

<sup>7</sup> SUÁREZ, Lisanka González. As riquezas naturais do arquipélago cubano. *Granma*. 10 dez. 2015. Disponível em: <<http://pt.granma.cu/cuba/2015-12-10/as-riquezas-naturais-do-arquipelago-cubano>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

<sup>8</sup> ÁLVAREZ, Carmen Segrelles. La revolución cubana y la iglesia católica: historia de un desencuentro. *Geógrafos*, v. 9, n. 102, 2018, p. 33.

curso, enfatizando a natureza social, em detrimento da Igreja Católica cubana em geral. Por outro lado, também é apresentada na literatura a perspectiva contrarrevolucionária, escrita principalmente por exilados cubanos na diáspora, que demonizam a Revolução e seus líderes.

Feita essa ponderação, a análise buscou fazer um breve relato da história da pré-Revolução e da Revolução propriamente dita, conhecer os personagens nela envolvidos, a filosofia predominante, a Igreja Católica e seu posicionamento, os conflitos, as concordâncias e a coexistência dos pensamentos antagônicos que marcaram a época. Antagonismo marcado pelos ideais socialistas-marxistas e as crenças da Igreja Católica. Nessa direção, o estudo buscou alcançar seus objetivos procedendo a uma pesquisa exploratória, visando obter uma visão geral do tema – quer dizer, o cenário pré-revolucionário, a Revolução propriamente dita, a posição da Igreja Católica nesse contexto, bem como conflitos e aproximações – e, assim, refinar as ideias, levando em consideração os variados aspectos relativos ao questionamento proposto.<sup>9</sup> Segundo Gil:

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.<sup>10</sup>

Ficou claro, no trabalho, que ambos os lados analisados têm sua visão histórica comprometida pela parcialidade, por isso foi necessário examinar várias bibliografias existentes, para não se incorrer no erro de interpretações preconcebidas, enraizadas, e apresentar a visão histórica dos eventos, além de apresentar fatos e personagens relevantes ao tema. Assim, o estudo foi bibliográfico e documental, recorrendo-se a fontes variadas. Foi feito um levantamento do que já existia publicado sobre a Igreja Católica durante a Revolução Cubana e quais os eventos relacionados ao longo dos anos, até a década atual. Isso feito, livros, artigos e entrevistas publicadas foram selecionados. De acordo com Fonseca:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas [...]. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.<sup>11</sup>

<sup>9</sup> GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007, p. 41.

<sup>10</sup> GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007, p. 27.

<sup>11</sup> FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002, p. 32.



Para Gil, os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são as investigações sobre ideologias ou aquelas que procuram analisar as diversas posições sobre um problema.<sup>12</sup> Semelhante à bibliográfica é a pesquisa documental, sendo que a primeira utiliza fontes de material já elaborado, composto basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas.<sup>13</sup> Sobre a segunda:

A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão etc.<sup>14</sup>

A abordagem foi qualitativa, pois analisou a necessidade de se fazer a Revolução, seus motivos, seu significado para o povo cubano, as atitudes que a caracterizaram, os valores levantados, os conflitos suscitados, bem como as ações conciliatórias, sempre com base nos documentos analisados, mas também com o olhar do pesquisador, que também se posiciona diante dos fatos narrados. De acordo com Minayo:

[...] a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador.<sup>15</sup>

Dessa forma, as informações contidas no estudo também foram obtidas em livros, artigos impressos e eletrônicos de diversos autores, buscando-se dar uma visão geral sobre o tema, rico em história e desdobramentos: a Revolução Cubana, os motivos que levaram à sua ocorrência, a posição da Igreja Católica, os afastamentos, tensões e aproximações. Foram incluídos também eventos ocorridos até 2015, os quais requereram vários materiais de sítios eletrônicos, pois, conforme preconiza Fonseca, “[...] a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”.<sup>16</sup>

O marco histórico da pesquisa recaiu no recorte de tempo de 1959 a 1962, com análise da posição da Igreja Católica no período, e seus desdobramentos até 2015. Entretanto,

<sup>12</sup> GIL, 2007, p. 44.

<sup>13</sup> FONSECA, 2002, p. 32

<sup>14</sup> FONSECA, 2002, p. 32.

<sup>15</sup> MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 14.

<sup>16</sup> FONSECA, 2002, p. 32.



para clareza da pesquisa, foram apresentados dados relativos ao período pré-revolucionário, bem como as ocorrências da Revolução Cubana propriamente dita (1953-1959).

Nesse sentido, foram feitas muitas leituras, que incluíram obras e textos de e outros autores. Além da literatura impressa, em razão da contemporaneidade e amplitude do assunto, também foram feitas pesquisas em artigos de sites, revistas e jornais eletrônicos.

Diante do exposto, a pesquisa se justifica pela riqueza de eventos históricos que envolveram Cuba antes e depois da Revolução Cubana, não só pelos seus aspectos filosóficos, políticos, econômicos e sociais, mas também pela posição da Igreja Católica nesse processo. O estudo, além de ser mais uma fonte de pesquisa, procura instigar outros estudiosos das ciências das religiões a aprofundar-se, debater e trazer conclusões sobre a coexistência da Igreja Católica com os conceitos tão divergentes propostos pela Revolução Cubana. Coexistência essa que pode soar paradoxal, por causa do socialismo praticado no país, que considerava a religião uma das formas de opressão espiritual sobre o povo. De acordo com Lênin, pesa sobre as massas populares, oprimidas pelo seu eterno trabalho para outros, pela miséria e pelo isolamento, cuja impotência sobre os exploradores leva a uma crença numa vida melhor depois da morte. Ainda, na visão de Lênin, a religião ensina a humildade e a paciência, na esperança de uma recompensa e felicidade celestiais; a religião é o ópio do povo.<sup>17</sup>

Uma coexistência Igreja-Estado complexa, especialmente por causa do caráter ateuista do socialismo, como afirma Lênin: “Cada um deve ser absolutamente livre para professar qualquer religião ou para não reconhecer nenhuma, isto é, *para ser ateu, o que todo socialista geralmente é*”.<sup>18</sup> (grifo nosso)

Fundamentou a base teórica, dentre os demais autores, o poder simbólico defendido por Pierre Bourdieu, para compreender o simbolismo marcante na Revolução Cubana. No decorrer do estudo, em que o exercício do poder é abordado de diversas formas e em toda parte – Estado, Igreja, burguesia –, recorre-se a Bourdieu, que define o poder simbólico como: “[...] esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”.<sup>19</sup> É um poder oculto, diferente

<sup>17</sup> Lênin é pseudônimo de Vladimir Ilitch Ulianov (1870-1924), político revolucionário russo, principal líder da Revolução Russa de 1917 e primeiro presidente da Rússia socialista. De acordo com ele: “A religião é o ópio do povo. [...] uma espécie de má aguardente espiritual na qual os escravos do capital afogam a sua imagem humana, as suas reivindicações de uma vida minimamente digna do homem”. LÉNINE, V. I. O socialismo e a religião. *Jornal Nóvaia Jizn*, n. 28, 3 dez. 1905. Tradução de Edições Avante! In: LÉNINE, V. I. *Obras completas*. 5. ed. em russo, t. 12, p. 142-147. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1905/12/03.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>18</sup> LÉNINE, 1905.

<sup>19</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989, p. 9-10.

de uma noção do poder que estaria diretamente ligado ao Estado ou a algum aparelho de repressão claramente assim identificado e reconhecido. Leva-se em conta que o mecanismo do sistema simbólico não deixa de ser uma estratégia política de luta pelo poder simbólico, pois “[...] o poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce”.<sup>20</sup> Quer dizer, não se revela como um poder, nem aparenta ser um meio de coerção – mas é o poder que o indivíduo ou não sabe ou não se apercebe que está sendo dominado. Para ele, esse poder é invisível e só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a ele. Menciona Bourdieu que a tradição neokantiana trata os universos simbólicos como, por exemplo, arte, religião, língua, ciência, como instrumentos de conhecimento e construção do mundo.<sup>21</sup> Importa, então, a esta pesquisa da área das Ciências da Religião, essa visão de Bourdieu, para quem Durkheim vai mais além e considera essas formas simbólicas como arbitrárias e socialmente determinadas. Bourdieu defende ainda que

[...] as ciências sociais, em geral, estão expostas a receber uma série de *problemas* legitimados pela sociedade, e dignos de serem discutidos e estudados, mas muitas vezes o pesquisador torna-se objeto do objeto pesquisado na medida em que fica preso a uma estrutura de pensamento, [...] fica condenado a ser apenas instrumento daquilo que ele quer pensar.<sup>22</sup>

Os sistemas simbólicos, para Bourdieu, exercem um poder estruturante (conhecer o mundo), à medida que são também estruturados. E a estruturação decorre da função que os sistemas simbólicos possuem de integração social para um determinado consenso.<sup>23</sup> Nessa direção, o consenso aqui apresentado inclui diversos símbolos, por exemplo, a religião, a filosofia vigente, a situação de codependência de outras nações, as quais, por sua vez gerariam outro tipo de poder simbólico: o estreito nacionalismo estruturante, uma vez que decorre da hegemonia e da dominação evidenciadas no período analisado neste trabalho, em que Cuba, ora está sob a dominação espanhola, ora sofre sob o jugo norte-americano.<sup>24</sup> Nesse contexto, “[...] as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material e simbólico acumulado pelos agentes”.<sup>25</sup> O que se observa, na pesquisa, é uma relação de luta em que as diferentes classes

<sup>20</sup> BOURDIEU, 1989, p. 188.

<sup>21</sup> BOURDIEU, 1989, p. 8-9.

<sup>22</sup> BOURDIEU, 1989, p. 35.

<sup>23</sup> BOURDIEU, 1989, p. 9.

<sup>24</sup> BOURDIEU, 1989, p. 8-9.

<sup>25</sup> BOURDIEU, 1989, p. 10.

estão envolvidas para imporem a definição do mundo social conforme seus interesses, conforme a visão de Bourdieu.<sup>26</sup>

Para ele, o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo, em particular, do mundo social, supõe aquilo que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, “[...] uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências”.<sup>27</sup> Daí sua afirmação de que uma estrutura só pode ser estruturante porque é estruturada. Um exemplo de estrutura é a imprensa, ou mais especificamente, a mídia. Ela busca estruturar a sociedade, ou pelo menos uma parcela da sociedade de acordo com sua própria estrutura. Quando a mídia passa, ou vende uma ideia à sociedade, ela está estruturando. Se formos pensar nas grandes corporações midiáticas, elas estão estruturadas de acordo com a ideologia dominante, que é a ideologia da classe dominante.<sup>28</sup>

O mesmo ocorre com os tipos de poder simbólico apresentados aqui: a religião – em destaque aqui a Igreja Católica; o sentimento nacionalista, gerado por uma situação de opressão e ditadura; a filosofia, que se converteu em socialista; e a burguesia, que, firmava o status quo. Isso corrobora o pensamento de Bourdieu, de que os sistemas simbólicos servem como meios de dominação. A ideologia passada para a sociedade por meio dos meios simbólicos de dominação é passada como desinteressada, ou seja, como se não fosse uma ideologia ou instrumento de dominação, quando na verdade é de interesse da classe produtora dessa ideologia, a classe dominante. As ideologias, por oposição ao mito, produto coletivo e coletivamente apropriado, servem aos interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo.<sup>29</sup> A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade como conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções.<sup>30</sup> E o pertencer a uma classe está incorporado no sujeito pelo *habitus*, que ocorre mediante relações sociais entre os sujeitos, pela diferenciação de

---

<sup>26</sup> BOURDIEU, 1989, p. 14.

<sup>27</sup> BOURDIEU, 1989, p. 9.

<sup>28</sup> SOUZA, Rafael Benedito de. Formas de pensar a sociedade: o conceito de *habitus*, campos e violência simbólica em Bourdieu. *Revista Ars Historica*, n. 7, p. 139-151, jan./jun. 2014.

<sup>29</sup> BOURDIEU, 1989, p. 10.

<sup>30</sup> BOURDIEU, 1989, p. 10.

acordo com as estruturas (físicas, como alto/baixo; sociais, como rico/pobre) e se impõe como princípios geradores de práticas.

Assim, o conceito de poder simbólico preconizado por Bourdieu vai dando sentido ao que foi colocado nos capítulos desta pesquisa, que foi dividida em três capítulos.

O primeiro capítulo trata da Revolução Cubana e a religião em Cuba, apresentando um breve histórico do período pré-Revolução, passando pelo movimento revolucionário propriamente dito – com seus personagens mais influentes –, o pensamento de Fidel Castro e o socialismo cubano, bem como a posição da Igreja Católica, seu temor em relação à ameaça do comunismo iminente. O segundo versa sobre a Igreja Católica e a Revolução, os momentos de confrontos e tolerância percebidos, dando uma visão geral sobre a posição da Igreja Católica ante o movimento revolucionário, bem como a influência desse levante no status então vigente dessa instituição religiosa. Já o terceiro capítulo apresenta a situação da Igreja Católica em Cuba nos tempos atuais, dividido entre as considerações sobre a relação Cuba-Vaticano, as visitas papais, a religião de forma geral, nos dias de hoje, incluindo as disposições legais cubanas e a Igreja Católica nos tempos atuais.

Sobre as fontes, em relação às definições gerais das filosofias existentes, foram feitas muitas leituras, mas base da pesquisa recaiu em pensamentos de Karl Marx, Engels, Chomsky, Lenin, Gott, dentre outros autores. Referentes aos assuntos mais específicos, como a própria Revolução e a Igreja Católica, foram pesquisados os autores Ayerbe, Dabène, Bandeira, Segrelles Álvarez, Aggio, Contreras Garcia, Torreira Crespo, Fonseca, Pierre-Charles além de textos e discursos de Fidel Castro e outros autores. No que concerne à Igreja Católica, o estudo recorreu a obras de Frei Betto, Boff, documentos papais, conferências, arquivos do Vaticano outros autores. Além da literatura impressa, em razão da contemporaneidade e amplitude do assunto, também foram feitas pesquisas em artigos de sítios eletrônicos, revistas e jornais on-line.

Pode-se incorrer que a Igreja Católica no contexto da Revolução Cubana, objeto do estudo, e até a década atual, sempre se deparou com inúmeros desafios, e coexistir com o socialismo cubano foi e tem sido um destes, principalmente hoje, tempos em que a liberdade de expressão é defendida em todas as suas formas. Além do mais, considera-se importante entender processos que pareçam antagônicos à religião, conforme são aqui apresentados.

## 1 REVOLUÇÃO E RELIGIÃO EM CUBA

Para entender os motivos que levaram à Revolução Cubana, é necessário que se apresente um relato do cenário do que ocorria antes do movimento. Principalmente porque a história de Cuba foi marcada por crises políticas e sociais, escravidão, golpes de Estado, guerras, ditaduras e desgaste da população, pelo não cumprimento dos direitos naturais inerentes a todo ser humano.

### 1.1 Breve histórico do período pré-Revolução

Cuba foi invadida pela Espanha, em 1492, onde viviam os índios Siboneys<sup>31</sup>, invasão que transformou Cuba numa colônia espanhola. A Espanha retirou ouro e madeiras preciosas que havia na Ilha de Cuba, mas o interesse maior era sua posição geográfica estratégica, por estar localizada entre outras colônias espanholas, e isto ajudava muito na logística da Espanha. No início do desenvolvimento colonial não havia mão de obra suficiente para manter a produção das especiarias responsáveis pela prosperidade econômica dos colonizadores, então utilizaram a mão de obra escrava indígena. Dessa forma, se estabeleceu uma organização social e econômica constituída por exploradores e explorados.<sup>32</sup> Durante o domínio espanhol, eram retirados da colônia cubana café, tabaco e açúcar e havia muitos escravos, pessoas que eram trazidas da África e para o vizinho do lado, o Haiti, cujos escravos também eram africanos.

A história de Cuba teve início com o projeto marítimo-mercantil espanhol, que ocasionou no processo de colonização hispânico. Invadida pela Espanha em 1492, Cuba se tornou uma de suas colônias. Após a extração de ouro e madeiras preciosas, os interesses básicos dos colonizadores compreendiam a posição geográfica estratégica da ilha, que estava localizada entre outras colônias pertencentes à Espanha. Sob tal conjuntura, a ocupação da ilha ocorreu por meio da disposição de grandes monoculturas de açúcar e tabaco.<sup>33</sup>

O Haiti, por muito tempo, além de produzir café, anil, cacau, algodão e outros gêneros, produzia, principalmente, o açúcar, em condições mais competitivas do que as outras colônias da época. Nessa produção, havia meio milhão de escravos, a maioria africana, na

<sup>31</sup> HARNECKER, Marta. Fidel. *A estratégia política da vitória*. São Paulo: Expressão Popular, 2000, p. 10.

<sup>32</sup> SILVA, Keicy Lopes da. *Restrições econômicas: crescimento das mazelas sociais e a deficiência econômica em Cuba*. Brasília: Organização dos Estados Americanos – Modelo Internacional do Brasil, 2017, p. 12.

<sup>33</sup> SILVA, 2017, p. 12.



proporção de dois terços.<sup>34</sup> Esses escravos negros, que trabalhavam nas plantações e nos engenhos, eram dominados por 30 mil brancos, incluindo os proprietários e seus empregados (feitores, técnicos, vigilantes e outros). Havia também poucos milhares de mulatos, já livres, mas que eram submetidos a extorsões e agressões dos brancos escravocratas. No entanto, apesar dessa desvantagem, vários mulatos espertos e ambiciosos conseguiam aproveitar as oportunidades de negócios e enriquecer.<sup>35</sup>

O plantio do açúcar e a importação de escravos africanos fizeram do Haiti a mais rica colônia francesa nas Américas, durante os anos 1700, tornando-o o produtor oficial de açúcar, exportando para muitos lugares. Entretanto, a Revolução Haitiana (1789-1804) acabou tirando o Haiti desse mercado, o que se tornou uma oportunidade para Cuba ocupar esse lugar. Na mesma época em que chegaram escravos em grande quantidade em Cuba ocorreu a revolução do Haiti, até então, como falado, o maior produtor mundial de açúcar. A revolução retirou o país desse mercado quando o Haiti rompeu com a monocultura em sua busca por uma mudança estrutural, de diversificação de produção. Então, um amplo capital estrangeiro se instalou em Cuba, que passou a substituir o Haiti como o principal abastecedor de açúcar mundial.<sup>36</sup>

Ou seja, tendo o Haiti saído de cena, foi a oportunidade para Cuba se tornar potência na produção de açúcar. Quando isso ocorreu, nos anos de 1818, os Estados Unidos começaram a sonhar em usufruir o açúcar cubano, passando a relacionar-se e a comercializar com Cuba. Em 1818, a Espanha autorizou, formalmente, esse laço comercial entre Estados Unidos e Cuba. Nos meados do século XIX, já havia em Cuba empresas que investiam fortemente em maquinários que sustentavam toda a movimentação do açúcar e adquiriam escravos como se estes fossem uma mercadoria qualquer. Era um tipo de produção que demandava uma tecnologia que os Estados Unidos dispunham e a disponibilizaram a Cuba, facilitando e colocando o país caribenho no cenário mundial na produção de açúcar.<sup>37</sup>

Mas isso gerou um início de levante crítico e revolucionário dos cubanos, quando começaram a perceber que estavam sendo usados e explorados – e foi assim que surgiu a primeira luta independentista contra a invasão espanhola em Cuba. Assim, em 1868, essa rebelião foi liderada por Carlos Manuel de Céspedes, advogado e latifundiário cubano que tentou provocar a independência de Cuba soltando os escravos da fazenda “La Demajagua”,

<sup>34</sup> GORENDER, Jacob. O épico e o trágico na história do Haiti. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50, p. 295, 2004.

<sup>35</sup> GORENDER, 2004, p. 296.

<sup>36</sup> CHAVES JR., Eliseu de oliveira. *Um olhar sobre o Haiti*. Refúgio e imigração como parte da história. Brasília: LGE, 2008, p. 15-17.

<sup>37</sup> SILVA, 2017, p. 13.

localizada na província de Oriente. Isso marcou o início da primeira guerra, chamada de Guerra de 10 anos (1868-1878), contra o domínio espanhol, dando início ao processo de abolição da escravidão, pois embora Céspedes e os adeptos de suas ideias tenham sido malsucedidos, sua iniciativa aumentou as hostilidades do povo cubano para com os espanhóis. Quando a guerra acabou, a Espanha reinstaurou o controle colonial e, em 1880, encaminhou, por meio do Patronato, a abolição do trabalho escravo, que seria decretada no ano de 1886. Cuba saía do escravismo, mas ainda continuava uma colônia latifundiária e agroexportadora.<sup>38</sup>

Existiram também muitos outros líderes que se levantaram, como Francisco Vicente Aguilera e Maceo Osório, que estavam questionando e insatisfeitos com o regime espanhol. Entretanto, os latifundiários rejeitaram essa guerra porque estavam assustados e com medo de perder os seus escravos e também não queriam que o país ficasse na liderança de alguém que fosse democrático.<sup>39</sup> Não tendo o apoio dos latifundiários, essa guerra terminou com o Pacto de Zanjón<sup>40</sup>, em 1878, um acordo entre a burguesia cubana e o império. Segundo Marx e Engels, a burguesia exerceu na história um papel eminentemente revolucionário, de acordo com seus interesses:

Onde quer que tenha conquistado o Poder, a burguesia destruiu as relações feudais, patriarcais e idílicas. Ela despedaçou sem piedade todos os complexos e variados laços que prendiam o homem feudal a seus 'superiores naturais', para só deixar subsistir, entre os homens, o laço do frio interesse, as cruéis exigências do 'pagamento à vista'.<sup>41</sup>

Ainda, segundo os autores, “A condição essencial da existência e da supremacia da classe burguesa é a acumulação da riqueza nas mãos dos particulares, a formação e o crescimento do capital; a condição de existência do capital é o trabalho assalariado”<sup>42</sup>, e:

[...] baseia-se exclusivamente na concorrência dos operários entre si. O progresso da indústria, de que a burguesia é agente passivo e inconsciente, substitui o isolamento

<sup>38</sup> DURÃES, Bruno José Rodrigues; MATA. Iacy Maia. Cuba, os afro-cubanos e a revolução: passado e presente. *História Social*, n. 17, p. 134, 2009.

<sup>39</sup> SILVA, 2017, p. 15-16.

<sup>40</sup> O Pacto Zanjón foi um manuscrito que continha as bases para acabar com a Guerra dos Dez Anos (1868-1878). Foi assinado por uma parte dos líderes políticos e militares cubanos. O documento não garantia o cumprimento dos dois principais objetivos da contenda: alcançar a independência e eliminar a escravidão. Por essa razão, constituiu uma rendição. Foi aceito pela maioria dos cubanos militares, com exceção de alguns chefes e oficiais, dentre os quais o major-general Antonio Maceo, que se destacou e transformou a capitulação de Zanjón em trégua frutífera, com seu imortal Protesto de Baraguá (recusa em aceitar o Pacto, protesto por Maceo e outros altos líderes, oficiais e tropas ocorrido em Mangos de Baraguá, em 15 de março de 1878). ECURED. *Pacto del Zanjón*. Disponível em: <[https://www.ecured.cu/Pacto\\_del\\_Zanj%C3%B3n](https://www.ecured.cu/Pacto_del_Zanj%C3%B3n)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>41</sup> MARX, ENGELS, p. 10.

<sup>42</sup> MARX, ENGELS, p. 10.



dos operários, resultante de sua competição, por sua união revolucionária mediante a associação. Assim, o desenvolvimento da grande indústria socava o terreno em que a burguesia assentou o seu regime de produção e de apropriação dos produtos. A burguesia produz, sobretudo, seus próprios coveiros. Sua queda e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis.<sup>43</sup>

E a história relata que era dessa burguesia que o clero fazia parte.

Os Estados Unidos ajudaram no processo de apaziguamento entre a Espanha e Cuba, porque temiam perder os seus privilégios e a facilidade de retirada de recursos da Ilha, como na indústria refinadora e no minério. Porém, uma situação ocorreu que mudou o curso da economia cubana, no fim do século XVIII: as plantações de fumo caíram e muito, fazendo com que todos se voltassem para a única possibilidade de produção: o açúcar. No fim do século XVIII, os Estados Unidos estavam investindo pesado em Cuba e queimaram muitas florestas para dar lugar à cana. De acordo com Galeano, a monocultura da cana fez Cuba arder com os vários incêndios nas melhores extensões das suas matas virgens e, paradoxalmente, enquanto devastava sua própria floresta, “[...] Cuba se tornava o principal país comprador de madeira dos Estados Unidos. A cultura extensiva da cana, cultura de rapina, implicou não só a morte das matas, mas também, a longo prazo, a morte da fabulosa fertilidade da ilha”.<sup>44</sup>

Ainda, os operários migravam para os engenhos, bem como os pequenos agricultores que plantavam tabaco ou frutas, em razão da bestial destruição das terras pelos canaviais, integravam-se também à produção do açúcar. As torres dos engenhos aumentavam nos campos cubanos, o que exigia cada vez mais terras, assim, o fogo devorava as plantações de fumo, as matas, e aniquilava as pastagens.<sup>45</sup>

O que a Espanha não esperava era um grande levante popular contra a política da monocultura, que levou à criação do Partido Revolucionário Cubano, fundado por José Martí, em abril de 1892, movido pelos ideais de união continental e pelo temor do expansionismo norte-americano.<sup>46</sup> Martí viveu 15 anos nos EUA, em Nova York, entre 1880 a 1895, quando ali ocorria uma transformação que daria ao capitalismo seu caráter agressivo. Esse tempo também lhe possibilitou ter contato com o que havia de mais avançado nos pensamentos filosóficos, científicos e espirituais. José Martí morreu em 1895, de armas na mão, defendendo a emancipação de Cuba do domínio espanhol. De acordo com Frei Betto,

<sup>43</sup> MARX, ENGELS, p. 10.

<sup>44</sup> GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM, 2010, p. 67.

<sup>45</sup> GALEANO, 2010, p. 67.

<sup>46</sup> SILVA, 2017, p. 15-16.

Sua luta disseminou raízes que floresceram no projeto de soberania e libertação nacionais, com expressiva ressonância internacionalista, realizado pelo povo cubano nas últimas seis décadas, sob a liderança dos irmãos Fidel e Raúl Castro. Graças a Martí, a Revolução Cubana preservou a sua cubanidade, a sua originalidade, sem se deixar engessar por conceitos dogmáticos que, em outros países socialistas, produziram tão nefastas consequências. Martí tinha o dom de ser um homem de ação sem deixar de ser um intelectual refinado, um pragmático e um espiritualista. Jamais perdeu o senso crítico e mesmo autocrítico.<sup>47</sup>

A fundação de uma estrutura política capaz de dirigir o processo de independência foi o ponto de inflexão na atividade proposta por Martí, pois o cubano “[...] compreendia que as tarefas a serem realizadas iam muito além da luta pela obtenção da independência propriamente dita, pois já antevia as necessidades e os desafios da construção de uma república futura”<sup>48</sup>.

Esse projeto anti-imperialista preconizava que a liberdade e os interesses de Cuba fossem respeitados. Segundo José Rodrigues Mao Júnior (2007, p. 17), “[...] acabaram por determinar a correlação de classes do movimento nacional cubano, que passou a basear-se num nacionalismo militante extremado e de caráter crescentemente anti-imperialista”<sup>49</sup>.

A primeira luta independentista contra a invasão espanhola foi iniciada em outubro de 1868, pelo advogado e proprietário de terras Carlos Manuel de Céspedes, e se estendeu até o ano de 1878.<sup>50</sup> A Espanha já tinha o apoio dos Estados Unidos, uma vez que a libertação de Cuba não lhes convinha, porque tinham interesse em manter aquela situação de dominação, continuando a extrair de Cuba os seus recursos.

Ao fundar o Partido Revolucionário Cubano, em 1892, José Martí deu as bases para a organização do processo revolucionário e buscou nos líderes da primeira revolução o apoio para iniciar, em 1895, uma nova guerra contra o jugo espanhol – a Guerra da Independência.<sup>51</sup> Essa guerra foi de extrema importância no cenário internacional do fim do século XIX, pois serviu de

[...] agente catalisador para importantes mudanças nas relações entre alguns países; seu desfecho concluiu a desintegração do império colonial espanhol na América

<sup>47</sup> BETTO, Frei. Martí e a Revolução Cubana. Disponível em: <<http://www.freibetto.org/index.php/artigos/14-artigos/36-marti-e-a-revolucao-cubana>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

<sup>48</sup> MAO JUNIOR, José Rodrigues. *A Revolução Cubana e a questão nacional (1868-1963)*. São Paulo: Do Autor, 2007, p. 123.

<sup>49</sup> MAO JUNIOR, 2007, p. 17.

<sup>50</sup> SAIANI, Renato Cesar Santejo. Impressões de uma guerra: o discurso de O Estado de S. Paulo sobre a guerra de independência cubana (1895-1898). *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 20, p. 95-125, jan./jun., 2016. Disponível em: <<http://revista.anphlac.org.br>>. Acesso em: 24 ago. 2019.

<sup>51</sup> SAIANI, Renato Cesar Santejo O Estado de S. Paulo e a independência cubana: repercussão e posicionamento (1895-1898). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPUH, 2011.

mediante perda de Cuba e Porto Rico e configurou-se o início de uma nova fase da política exterior norte-americana para a América Latina, assim como de redefinição dos governos latino-americanos em relação aos Estados Unidos e a Espanha.<sup>52</sup>

A hegemonia militar, política e econômica dos EUA sobre Cuba ocorria de maneira indireta, já que uma ocupação formal geraria custos e responsabilidades; ou seja, sem que se pudesse falar ou fazer algo diante daquela situação – o que estavam encobertos eram o controle e a manipulação indireta da penetração dos Estados Unidos na Ilha cubana. Para resolver isso, os EUA criaram mecanismos jurídicos, sociais, políticos e econômicos para manipular e controlar o destino de Cuba. Exemplos disso foram a Emenda Platt<sup>53</sup>, em 1901, e o Tratado de Reciprocidade Comercial, que facultavam aos Estados Unidos a participação do capital e dos setores mais importantes de Cuba. Em 1934, a Emenda Platt foi revogada, mas um novo acordo manteve a Bahia de Guantánamo sob o poder estrangeiro, base naval que fazia parte de um dos acordos.<sup>54</sup>

As últimas colônias espanholas foram Cuba e Porto Rico; a Espanha tentou resistir, mas sem êxito algum, pois Cuba se tornou independente daquele país, em 1898, passando a ser, então, uma neocolônia estadunidense, como se pode observar na fala de Pierre Charles: “O poder imperialista se estabelece na ilha, que entra em uma nova forma de colonialismo”<sup>55</sup>. O domínio dos Estados Unidos era total em todos os setores estratégicos: econômico, militar, social e religioso, chegando até a audaciosa atitude de instalar, em 1.º de janeiro de 1899, um governo militar estadunidense em Cuba, e a criar tratados e acordos como os já citados, que beneficiavam só os Estados Unidos e entregavam, totalmente, a soberania cubana nas mãos do país norte-americano.<sup>56</sup>

Desse contexto, em que atuavam o imperialismo espanhol e a dominação norte-americana, nasceu a Revolução Cubana. O movimento guerrilheiro, liderado por Fidel Castro e seu irmão Raúl, e com a ajuda do argentino socialista Che Guevara e de Camilo Cienfuegos, teve seu auge na destituição do ditador Fulgencio Batista.

Os Quadros 1 e 2 apresentam um resumo desses eventos.

<sup>52</sup> SAIANI, 2011, p. 1.

<sup>53</sup> A Emenda Platt foi um dispositivo legal, inserido na Carta Constitucional de Cuba, que autorizava os Estados Unidos a intervir naquele país a qualquer momento em que interesses recíprocos de ambos os países fossem ameaçados. Limitava a Cuba a conclusão de tratados e o direito de contrair dívidas públicas, validava todos os atos de ocupação militar e obrigava Cuba a vender ou arrendar bases navais em certas partes de seu território, como é o caso da base naval na Baía de Guantánamo, instalada em 23 de fevereiro de 1903. Já o Tratado de Reciprocidade Comercial permitia a participação de capital estadunidense na indústria açucareira de Cuba, o que possibilitava aos Estados Unidos o controle dos setores mais importantes de Cuba. SILVA, 2007, p. 16.

<sup>54</sup> SILVA, 2007, p. 16.

<sup>55</sup> “*El poderio imperialista se asienta sobre la isla que ingresa así a una nueva forma de coloniaje.*” PIERRE-CHARLES, Gérard. *Génesis de la revolución cubana*. 6. ed. Ciudad de Mexico: Siglo Veintiuno, 1985, p. 88.

<sup>56</sup> SILVA, 2007, p. 16.

Quadro 1 – Resumo histórico dos eventos até a Revolução Cubana, de 1492 a 1920<sup>57</sup>

Período	Eventos
1492	Cuba é invadida pela Espanha, onde viviam os índios Siboneys.
1789-1804	Ocorre a Revolução do Haiti, maior produtor de açúcar; rompimento com a monocultura e saída haitiana do mercado. Cuba passa a substituir o Haiti como o principal abastecedor de açúcar mundial.
1818	A Espanha autoriza formalmente o comércio livre entre sua colônia cubana e EUA.
1868-1878	Ocorre a Guerra dos Dez Anos, primeira luta independentista contra a invasão espanhola, em Cuba.
1895	É feito um investimento estadunidense em Cuba, estimado em torno de 50 milhões de dólares. Tem início a Guerra da Independência, também de caráter independentista.
1898	De abril a agosto, se passou a Guerra Hispânico-Americana, quando os Estados Unidos decidem intervir nas relações entre Cuba e Espanha sob o pretexto de garantir a independência de Cuba. Cuba torna-se independente da Espanha e passa a ser uma neocolônia dos Estados Unidos.
1899	Um governo militar estadunidense foi instalado no país, apoiado pelos setores estrategistas da burguesia vinculados ao açúcar. Diego Vicente Tejera lança um manifesto contendo as ideias para fundação do Partido Socialista Cubano e meses depois o partido é fundado.
1901	É aprovada a Emenda Platt, um adendo à constituição cubana, que permitia aos Estados Unidos intervir nos assuntos internos do país e fixar bases militares em território cubano.
1902-1903	É instituído o Tratado de Reciprocidade Comercial, que continha um regime tarifário a ser praticado entre eles e também permitia a participação de capital estadunidense na indústria açucareira cubana. Em 1903 esses acordos foram incorporados ao Tratado Permanente entre Cuba e os Estados Unidos.
1903	É dada a concessão da Bahia de Guantánamo para a instalação de base naval estadunidense.
1904	É fundado o Partido Obrero de Cuba.
1905	O Partido Obrero de Cuba se integra à Internacional Socialista e muda seu nome para Partido Obrero Socialista.
1906	Ocorre a fusão do Partido Obrero Cubano e do Partido Socialista Internacional em Partido Socialista de Cuba.
1907	De fevereiro a julho, ocorre um movimento grevista dos produtores de tabaco chamado “huelga de la moneda” (greve da moeda), que exigia o pagamento em moeda. No início do século, a moeda cubana não existia, as que circulavam em Cuba eram a americana, a espanhola e, com menos fluência, a francesa. Os trabalhadores cubanos, principalmente os que trabalhavam nas fábricas de tabaco, queriam ser pagos em moeda americana, que tinha valor era superior às demais, e significaria para eles um aumento aproximado de 10% no salário.
1920	Na década de 1920, Cuba vivenciou uma das graves consequências de uma economia baseada na monocultura. Houve uma baixa no preço do açúcar agravada pela crise de 1929, e que se prolongou até 1959.

<sup>57</sup> Elaborado pelo autor, a partir da literatura pesquisada: HARNECKER, 2000, p. 10; CHAVES JR., 2008, p. 15-17; SILVA, 2017, p. 13; DURÃES; MATA, 2009, p. 134; SILVA, 2007, p. 16; PIERRE-CHARLES, 1985, p. 88; ÁLVAREZ, Carmen Segrelles. La revolución cubana y la iglesia católica: historia de un desencuentro. *Geografos*, 2018, p. 1-47; ECURED. *Huelga de la Moneda*. Disponível em: <[https://www.ecured.cu/Huelga\\_de\\_la\\_Moneda](https://www.ecured.cu/Huelga_de_la_Moneda)>. Acesso em: 24 ago. 2019.

Quadro 2 – Resumo histórico dos eventos relativos à Revolução Cubana, de 1921 a 1959<sup>58</sup>

1921	Resultados da crise: quebram-se numerosas centrais açucareiras, adquiridas por interesses norte-americanos, e todos os bancos cubanos e espanhóis, inclusive o próprio Banco Nacional, sobrevivendo apenas as sucursais dos bancos dos Estados Unidos.
1923	É criado o primeiro grupo comunista de Havana; Carlos Baliño é vice-secretário.
1932-1933	As exportações caem bruscamente, levando a uma catástrofe na economia, com a quebra de bancos e de pequenos negócios.
1934	É revogada a Emenda Platt, mas um novo acordo manteve a Bahia de Guantánamo sob o poder estrangeiro.
1940-1944	Fulgencio Batista serve como presidente eleito da Ilha.
1952-1959	Fulgencio Batista, o homem de confiança de Washington, desembarca de viagem a Miami e aplica um golpe de Estado, ante a iminente vitória do partido Ortodoxo – fortemente respaldado pelas massas. Torna-se ditador de 1952 até 1959, quando foi derrubado pela Revolução cubana.
1959	A ditadura de Batista é derrotada e ele foge da Ilha na madrugada. O dia 1.º de janeiro marca a vitória dos revolucionários comandados por Fidel Castro sobre o governo ditatorial de Fulgencio Batista, depois de anos de conflito.

## 1.2 A Revolução

Conforme já foi mencionado, foram vários os fatores que geraram a Revolução Cubana: o imperialismo norte-americano em Cuba; os privilégios da pequena burguesia, em detrimento da massa; a grande maioria em Cuba vivendo em situação de total desprezo; a subserviência aos desejos e interesses estadunidenses; a entrega total do melhor de Cuba para os EUA. Mas, o que agravou o desejo da revolução, definitivamente, foi o golpe militar de Fulgencio Batista na sua volta ao poder.

Depois de Ramón Grau San Martín (1933; 1944-1948), Miguel Mariano Gómez (1936 – só ficou na presidência por sete meses) e de Federico Laredo Brú (1936-1940), foi colocado no poder Fulgencio Batista, que controlou Cuba de 1940 a 1944. Fulgencio Batista retornou ao poder depois do governo de Carlos Prío Socarrás (1948-1952), com o apoio dos Estados Unidos, de 1952 a 1959. Porém, esse retorno de Batista não agradou a todos, sobretudo porque foi um golpe, e já havia no ar de Cuba um sentimento de frustração em razão dessa dominação norte-americana: “O golpe militar liderado por Fulgencio Batista, em 10 de março de 1952, interrompeu um período de oito anos de frágil democracia no país, com

<sup>58</sup> Elaborado pelo autor, a partir da literatura pesquisada: ECURED. Huelga de la Moneda. Disponível em: <[https://www.ecured.cu/Huelga\\_de\\_la\\_Moneda](https://www.ecured.cu/Huelga_de_la_Moneda)>. Acesso em: 24 abr. 2018; PIERRE-CHARLES, 1985, p. 62; 94; GALEANO, 2010, p. 100; JEIFETS, Víctor. Carlos Baliño: un precursor del mellismo comunista. Cuba Posible. 10 mar. 2017. Disponível em: <<https://cubaposible.com/carlos-balino-precursor-del-mellismo-comunista/>>. Acesso em: 24 abr. 2018; AYERBE, 2004, p. 26; ÁLVAREZ, 2018, p. 23.



as presidências de Grau San Martín (1944-1948) e Prío Socarrás (1948-1952)”<sup>59</sup>. Assim, o golpe de Estado de 10 de março de 1952 suscitou um processo revolucionário radical, tendo como ponto de partida a luta contra a violação das leis.

Cuba estava, nessa época, marcada pela exploração; além disso, há relatos de que na Ilha havia muita prostituição; Cuba era enxergada “[...] como paraíso da corrupção, do jogo, da prostituição e de outros excessos que encontram melhor caldo de cultura em regimes ditatoriais”<sup>60</sup>. O povo cubano, marcado pela falta de esperança no governo, iniciou uma revolta contra as garras ferrenhas dos Estados Unidos. Bandeira deixa isso claro: “De fato, após a Segunda Guerra Mundial, os ressentimentos contra a sufocante preponderância econômica dos EUA espalharam-se na América Latina, particularmente nos países da América Central e do Caribe”<sup>61</sup>.

Todo esse cenário de dominação, primeiro pelos espanhóis, depois pelos Estados Unidos, foi gerando uma grande necessidade de Cuba de se levantar para fazer uma reforma agrária, o que traria melhorias em todas as áreas básicas da vida dos cubanos. Cuba estava buscando ser livre da tirania dos governos imperialistas que estavam sugando e roubando todos os seus recursos. De acordo com Ayerbe:

No combate aos seus inimigos, os Estados Unidos legitimam, ironicamente, a lógica da luta de classes, quando defendem o princípio de que a realização plena dos objetivos de uma parte (o Estado norte-americano) pressupõe, em termos estratégicos, a destruição da outra parte (os governos dos países que optam por uma política não alinhada ou contrária aos Estados Unidos). Enquanto isto não se efetiva, a luta é permanente.<sup>62</sup>

Os Estados Unidos lançaram mão de todos os artifícios possíveis para não perder a Ilha, inclusive criando uma imagem ruim de Cuba ante a comunidade internacional, e aplicando sanções e isolamento econômico, entre outras ações. Por exemplo, de acordo com um documento da CIA, Fidel tinha personalidade psicótica, agia como se tivesse doença mental; que Fidel recebeu adulação das massas, mas dos Estados Unidos só teve condenação; que executou partidários de Batista como se fosse um circo romano; e que tinha mente transtornada, dentre outras afirmações.<sup>63</sup>

<sup>59</sup> AYERBE, L. F. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Unesp, 2004, p. 26.

<sup>60</sup> AYERBE, Luis Fernando. A política externa dos estados unidos e a trajetória do desenvolvimento cubano. *Perspectivas. Revista de Ciências Sociais*. Unesp, v. 20-21, 1997-1998.

<sup>61</sup> BANDEIRA, Luiz A. V. M. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 93.

<sup>62</sup> AYERBE, 1997-1998, p. 218.

<sup>63</sup> CIA. *Relatório de Pesquisa: Por que a Revolução Cubana de 1958 levou à aliança de Cuba com a URSS*, apud AYERBE, 1997-1998, p. 197-198.

Isso sem falar nas animosidades artificialmente provocadas, as falsas informações, que dificilmente podem ser comprovadas e que resultam em situações claramente agressivas. Por causa de histórias anteriores os revolucionários cubanos sabiam o que podiam esperar dos Estados Unidos, especialmente quando as transformações estruturais na economia se firmassem.<sup>64</sup> Ressalta-se também o bloqueio econômico dos Estados Unidos, que teve início em dezembro de 1960, em resposta ao projeto socialista de nacionalizar todas as propriedades estadunidenses da Ilha. Em consequência, 3 milhões de toneladas de açúcar cubano ficaram sem destino, o que correspondia a 51% da safra daquele ano.<sup>65</sup>

Um dos mais duradouros prejuízos que o bloqueio estadunidense impôs a Cuba foi a restrição de fontes de tecnologia e energia necessárias ao seu desenvolvimento econômico, levando ao isolamento de Cuba, ação iniciada por John F. Kennedy. Logo nos primeiros anos de bloqueio, a indústria cubana que tinha matriz nos EUA sofreu um dramático desabastecimento de peças de reposição. Diante das dificuldades, surgiram tentativas de autonomia tecnológica, tanto na indústria química quanto no desenho de máquinas por técnicos cubanos.<sup>66</sup> Ayerbe relaciona assim os eventos:

Em janeiro de 1962, Cuba é expulsa da OEA. Em fevereiro, os Estados Unidos decretam o bloqueio econômico do país, o que inclui a proibição de todas as importações de produtos de origem cubana ou importados por Cuba. Em março, estendem a proibição à importação de produtos fabricados em qualquer país, que contenham total ou parcialmente produtos de origem cubana. Em outubro, Kennedy impõe o bloqueio naval a Cuba, o que inclui barcos comerciais, a raiz da instalação de mísseis soviéticos no território do país. A OEA aprova as medidas, e as negociações entre os EUA e a URSS culminam em acordo que inclui a retirada dos foguetes em troca do reconhecimento, por parte dos Estados Unidos, do regime político da Ilha.<sup>67</sup>

Os Estados Unidos manipulavam, colocando pessoas do seu interesse no poder, como o próprio Fulgencio Batista, que, com a derrocada do governo constitucional e a abolição da Constituição de 1940, impediu a vitória popular e firmou o domínio americano em Cuba. Batista, ao perder espaço e posição de liderança, cometeu o golpe de Estado de 10 de março de 1952, o que gerou um processo revolucionário radical que teve como ponto de partida a luta contra a violação das leis. Retrocedendo, tanto no mandato de Ramón Grau, sucessor de Batista, como no de Carlos Prío, houve uma repressão importante, por isso, vários

<sup>64</sup> AYERBE, 1997-1998, p. 198.

<sup>65</sup> VASCONCELOS, Joana Salém. Cuba e a dependência externa: passado e presente. *Revista REBELA*, v. 6, n. 1, p. 111, jan./abr. 2016.

<sup>66</sup> NOYOLA, Juan. *La economía cubana en los primeros años de la revolución y otros ensayos*. Mexico: Siglo Veintiuno, 1978, p. 128-129.

<sup>67</sup> AYERBE, 2002, p. 132-133



membros do Partido Autêntico não ficaram satisfeitos com a situação e fundaram, em 1947, o Partido do Povo Cubano.<sup>68</sup>

No período anterior às eleições de 1952, tudo previa o triunfo deste partido, principalmente pelo carisma de seu líder, Eduardo Chibás, mas a frustração não demorou muito a surgir por causa do golpe de Estado de Fulgencio Batista, com o apoio, como sempre, dos Estados Unidos. Em consequência, o governo militar substituiu o Congresso por um Conselho Consultivo, revogou a Constituição de 1940 e estabeleceu estatutos constitucionais, acabou com a liberdade de expressão, greve e assembleia, aboliu a autonomia da universidade e instituiu a pena de morte.<sup>69</sup>

Fulgencio transformou o país de Cuba, novamente, num quintal dos Estados Unidos, onde bases militares e a influência norte-americana tomavam Cuba por completo. Os Estados Unidos tinham créditos de açúcar, investimentos em maquinário e muitos trabalhadores qualificados e de profissionais de todos os ramos que trabalhavam na produção do açúcar. Naquele momento, Cuba só tinha capacidade de produzir açúcar e charutos. Ou seja, os EUA estavam fazendo o que sabiam fazer: dominar e retirar recursos de outros países ao redor do mundo. Em Cuba isso não foi diferente: a Ilha foi saqueada de tudo o que era de mais precioso para os cubanos. De qualquer forma, a América Latina nunca deixou de ser o quintal dos EUA para seus governos e suas empresas. A ditadura de Fulgencio só acabaria em 1.º de janeiro de 1959, com o triunfo da Revolução, comandada por Fidel Castro.<sup>70</sup>

As relações que Cuba mantinha com os Estados Unidos eram incompatíveis com os interesses da Nação cubana, que perdia totalmente a soberania nacional, entregando seus recursos, sua terra, e permitindo que a força e a alegria fossem tiradas do povo cubano, sem nenhuma consulta prévia. E a burguesia cubana – da qual o clero fazia parte – era fraca, não conseguia desenvolver um capitalismo nacional, como ocorreu na Europa, na revolução burguesa. A burguesia entregou o país inteiramente nas mãos estrangeiras e, conseqüentemente, a economia do país.<sup>71</sup> Observa-se na afirmação de Fernandes:

Os ‘donos do poder’, a partir de dentro e a partir de fora, possuem o mesmo interesse. Sufocar todo fermento revolucionário em seu nascedouro. Uma burguesia dependente não é só instrumental para com seus interesses conservadores ‘nacionais’; ela também é instrumental para com os interesses conservadores externos, ‘internacionais’, ou seja, ela atua em permanente aliança com o imperialismo e dele recebe parte de sua força econômica, cultural e política.<sup>72</sup>

<sup>68</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 22.

<sup>69</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 22.

<sup>70</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 22, 24.

<sup>71</sup> PIERRE-CHARLES, 1985, p. 65.

<sup>72</sup> FERNANDES, Florestan. *Poder e contrapoder na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 50-51.

Com a burguesia cubana do lado dos Estados Unidos, o resultado era evidente: uma Cuba saqueada e sem esperança. De acordo com Dabène, Cuba se transformou em símbolo de luta contra o capitalismo; a implantação do socialismo cubano trouxe muita luta e dor, mas, ao mesmo tempo, ganhos em áreas sociais de suma importância, como educação e saúde, sendo modelo para muitas outras nações do mundo:

Não obstante, mais além destas configurações geopolíticas, a revolução cubana provocou um autêntico trauma em toda a América Latina. Para os setores progressistas, se converteu num exemplo. Ficou demonstrado que era possível iniciar mudanças sociais, inclusive contra a vontade do grande-irmão norte-americano. Tal tarefa deveria ser mais fácil fora da área caribenha. Para as burguesias, ao contrário, o perigo de expansão da revolução, iria provocar, [em] curto prazo, problemas de sobrevivência. [Em] longo prazo, se agitaria com frequência o fantasma da ameaça comunista para bloquear qualquer tentativa de reformas<sup>73</sup>.

Para a ocorrência da Revolução Cubana, entende-se que Batista foi uma figura determinante, pois, por causa do golpe militar perpetrado por ele, os cubanos começaram a sentir e a ter iniciativas contra os EUA na Ilha; uma insatisfação com a presença norte-americana começou a crescer. Mas, a decisão de Fulgencio Batista foi chamada por alguns de “um tiro no pé”. O golpe de Estado que cometeu, em março de 1952, quando assumiu o governo, foi recebido pelo povo com atitude conformada. Seu governo foi um fator determinante para o início do descontentamento<sup>74</sup>. Alguns setores ficaram infelizes com o rumo antidemocrático dado por Batista ao país, e, assim, começaram os assaltos ao governo. Um dos grupos insurgentes tinha como liderança Fidel Castro, “[...] figura proeminente de sua geração, estudante e orador brilhante, atleta bem-sucedido e um homem destinado à política desde a tenra juventude”<sup>75</sup>.

O país Cuba era usado para tudo, até de proteção para os Estados Unidos, por causa da sua localização estratégica. Na primeira liderança de Fulgencio Batista, que iniciou em 1944, por meio da influência, poder e intervenção dos EUA, o estudo observou que seu mandato foi marcado também por melhorias no país: anunciou um programa muito amplo sobre todos os ramos da Administração; unificou os serviços; a execução de obras públicas e o desenvolvimento rural e urbano, incluindo a reparação da estrada central e a construção de estradas e estradas auxiliares, aquedutos e esgotos em certas cidades, e projetos de irrigação e construção de armazéns refrigerados em determinadas áreas agrícolas, para conservar

<sup>73</sup> DABÈNE, Olivier. *América Latina no século XX*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 164.

<sup>74</sup> AYERBE, 2004, p. 26-29.

<sup>75</sup> GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 172.

produtos de fácil decomposição.<sup>76</sup> Mas, depois do golpe de Estado aplicado por ele, decorrente de algumas derrotas e frustrações políticas, em 1952, quando assumiu de novo a liderança do poder, ele teve apoio, mas também teve uma parcela de opositores, como o movimento estudantil e o movimento operário e de outros sujeitos históricos. Dentre esses opositores, estava Fidel Castro, que, em 26 de julho de 1953, com mais de 165 jovens tentaram derrubar o regime de Batista na ação que ficou conhecida como Assalto ao Quartel Moncada, que foi um fracasso e fortaleceu a tropa de Batista. Assim tinha início a Revolução Cubana. De acordo com Reis, o assalto ocorreu porque havia um desejo e um movimento nacional democrático contra o regime ditatorial de Batista e o domínio norte-americano.<sup>77</sup>

Fidel e seu irmão Raúl conseguiram fugir, no entanto, foram perseguidos, presos e levados a julgamento. No tribunal, Fidel aproveitou sua formação em Direito e se autodenominou advogado de defesa. Assim, em 16 de outubro de 1953, num discurso de quatro horas, fez a sua própria defesa, atacou o regime, acusou a tirania de Batista, denunciou o desemprego e a falta de saúde e educação para todos.<sup>78</sup> O discurso de Fidel Castro foi vibrante, admirável, e seu pensamento, diante de toda a controvérsia envolvendo a Revolução Cubana, pode ser sintetizado na parte final da sua fala, ao perceber que seria condenado pelo Assalto ao Quartel Moncada: “A história me absolverá”<sup>79</sup>.

Mas, apesar da sua veemente defesa, Fidel Castro foi condenado a 15 de anos de prisão, e seu irmão Raúl Castro, a 13 anos. Foi na prisão que Fidel aprendeu sobre política radical, mas, depois de cerca de dois anos, ele e seu irmão foram liberados e encaminhados para o México – e foi nesse país que os dois conheceram o argentino Ernesto Che Guevara.<sup>80</sup>

Fidel Castro continuou sua resistência ao governo, então, em dezembro de 1956, desembarcou com seus companheiros para tentar o golpe contra Fulgencio Batista. O grupo foi denunciado e atacado em uma emboscada, morrendo a maioria das pessoas. Fidel e os sobreviventes fugiram para Sierra Maestra, uma região serrana de Cuba, onde foi criado um grande exército rebelde, agora não mais com guerrilheiros urbanos, mas sim uma formação rural, tendo um apoio muito grande da população.<sup>81</sup>

<sup>76</sup> CUBA Y SU HISTORIA. Gobierno del General Fulgencio Batista y Zaldívar (1940-1944). Disponível em: <<https://cubaysuhistoria.wordpress.com/la-republica/la-constitucion-de-1940-y-los-gobiernos-autenticos/gobierno-del-general-fulgencio-batista-y-zaldivar-1940-1944/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>77</sup> REIS, Daniel Aarão. A Revolução e o Socialismo em Cuba: ditadura revolucionária e construção do consenso. In: QUADRAT, Samantha; ROLLEMBERG, Denise (Org.). *A Construção social dos regimes autoritários – Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 365.

<sup>78</sup> CASTRO, Fidel. *A história me absolverá*: discurso de Fidel Castro, ante o tribunal de exceção de Santiago de Cuba, proferido em 16 de outubro de 1953. São Paulo: Alfa-Omega, 1979, p. 44.

<sup>79</sup> CASTRO, 1979, p. 44.

<sup>80</sup> ÁLVARES, 2018, p. 24.

<sup>81</sup> ÁLVARES, 2018, p. 24.

De acordo com Bandeira: “Fidel Castro e Guevara não apenas difundiram o método das guerrilhas – a via cubana da insurreição – para que servisse como exemplo e modelo, como trataram de impulsionar materialmente sua aplicação em todos os países da América”<sup>82</sup>.

Os revolucionários finalmente conseguiram convencer Fulgencio Batista a deixar o país, em dezembro de 1958, deixando o general Nulogio Cantillo no comando da nação. Castro conclama o povo à greve geral para derrubar o governo provisório e consegue entrar em Havana liderando as tropas rebeldes, em 1.º de janeiro de 1959, quando ocorre o triunfo final da revolução e o fim da ditadura de Batista.<sup>83</sup> Foge do país com a sua família e amigos, usando como rota de fuga Camp Columbia<sup>84</sup>, que era o símbolo anterior do seu poder. Isso deu espaço para Fidel assumir e começar a levar Cuba para um novo rumo.

Foi o desejo nacionalista que gerou a Revolução Cubana, na tentativa de retirar o domínio imperialista dos EUA sobre Cuba, de tirar os privilégios das empresas estrangeiras da Ilha, para nivelar com os anseios dos cubanos. O povo desejava ver seu país mais livre, justo e mais independente e o fato de os EUA terem tentado inibir ou neutralizar Cuba sem sucesso motivaram várias nações, como Nicarágua e Colômbia, principalmente com relação às Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), que até tiveram apoio e treinamento vindos de Cuba. O intuito era que as ações das Farc fossem também algo parecido com a Revolução Cubana. Entretanto, é importante colocar que, no mundo inteiro, todos os que foram inspirados pela Revolução tiveram seus esforços embargados ou por uma força armada ou por golpes, sem que obtivessem o sucesso que Cuba chegou a ter. Atualmente, conforme artigo do sociólogo cubano Aurélio Alonso: “[...] o problema dos demais países do continente que buscam o caminho da mudança é como sair da lei da selva sem cair no caos. E o dos cubanos, por sua vez, é de como sair do caos sem cair na lei da selva”.<sup>85</sup>

É possível concluir, ante todo esse cenário, que Cuba deveria, sim, ter passado pela Revolução Cubana; deveria, sim, ter se tornado um país socialista, mas precisaria continuar

<sup>82</sup> BANDEIRA, 1998, p. 301.

<sup>83</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 24.

<sup>84</sup> Columbia Military City, Columbia Camp, ou simplesmente Columbia, foi a principal força militar de Cuba desde a primeira intervenção norte-americana até 1959, quando foi transformada em escola. Essa unidade militar foi criada em 1899. Em 1933, depois do golpe militar contra o presidente Carlos Manuel de Céspedes, o novo chefe do exército cubano, coronel Fulgencio Batista, decidiu transformá-lo em uma grande cidade, dotada de todos os confortos para seus ocupantes. Desde então, tornou-se o principal símbolo do poder militar em Cuba. Em 1959, o então primeiro-ministro Fidel Castro entregou suas instalações ao Ministério da Educação e, a partir daquele momento, a unidade se tornou um complexo escolar com o nome de Ciudad Escolar Libertad (NAVARRO, José; HURTADO, Martín Duarte. *Cuba 42 años de Revolución*. Cronología histórica 1959-1982. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2006. Tomo I.).

<sup>85</sup> ALONSO, Aurélio. Cuba – Sair do caos sem cair da lei da selva. *Le monde diplomatique* Brasil. São Paulo. 1 jul. 2008. Disponível em: <<http://diplomatique.org.br/sair-do-caos-sem-cair-na-lei-da-selva/>>. Acesso em: 8 fev. 2018.

buscando ajustes e adaptações no modelo único de socialismo criado pelo país. Até o próprio Fidel Castro chegou a afirmar que Cuba precisa passar por uma reciclagem no que eles entendem de socialismo, que o socialismo cubano precisava de ajustes, adaptações. E isso se pode ver, principalmente, quando ele diz: “Uma conclusão a que cheguei ao cabo de muitos anos, entre os muitos erros que todos cometemos, o erro mais importante foi acreditar que alguém sabia de socialismo, ou que alguém sabia como se constrói o socialismo”<sup>86</sup>.

### 1.2.1 *Personagens mais influentes da Revolução*

Embora Fidel Castro apareça como o grande nome da Revolução Cubana, outros personagens importantes foram Raúl Castro, irmão de Fidel, Ernesto “Che” Guevara, com sua influência revolucionária, principalmente na América Latina, e Camilo Cienfuegos. Segue um breve relato sobre cada um.

*Fidel Castro* – Fidel Alejandro Castro Ruz nasceu no dia 13 de agosto de 1926, no povoado cubano de Birán (província de Holguin), e era filho de agricultor. Ficou mais conhecido como Fidel Castro. Na Revolução Cubana demonstrava fortes marcas e objetivos nacionalistas e socialistas e recebeu forte influência do argentino Ernesto “Che” Guevara, e do irmão de Fidel, Raúl Castro. O discurso de Fidel Castro casou muito bem com as necessidades de Cuba de ser livre da ganância estrangeira, que saqueava os seus recursos e o seu melhor; assim, ele se tornou uma figura de esperança, igualdade, solidariedade e justiça para aqueles que acreditavam na sua liderança. E isto é simplificado na afirmação de Gott:

A habilidade de Castro, e uma das chaves da sua longevidade política, está em manter os temas gêmeos do socialismo e do nacionalismo permanentemente em movimento. Ele devolveu ao povo cubano a sua história, capacitando-o a ver o nome e sua Ilha firmemente gravados na história global do século XX.<sup>87</sup>

Os Estados Unidos romperam relações diplomáticas com Cuba e estabeleceram um bloqueio econômico que perdura por muito tempo, tendo iniciado em dezembro de 1960.

A política de retaliação, no entanto, começa a delinear-se claramente a partir de 1960, no fim da administração Eisenhower, aprofundando-se ao longo das administrações Kennedy e Johnson. Em razão desse contexto, as respostas do governo cubano serão na linha do ataque aos interesses econômicos estrangeiros e

<sup>86</sup> CASTRO, Fidel. Discurso en la Universidad de la Habana. 17 de Noviembre de 2005. In: GUANCHE, Julio Cesar (org.). *El poder y el proyecto: un debate sobre el presente y el futuro de la revolución en Cuba*. Santiago de Cuba: Oriente, 2009. p. 55.

<sup>87</sup> GOTT, 2006, p. 173.



nacionais que promovem o boicote à revolução, amadurecendo, no decorrer do processo, uma visão mais radical sobre as alternativas.<sup>88</sup>

Na verdade, foram décadas de iniciativas dos Estados Unidos de isolamento, e Fidel Castro foi o alvo principal durante essa guerra silenciosa entre os Estados Unidos e Cuba.

Atualmente, ainda que haja esse controle, os EUA são hoje o 3.º maior exportador de produtos para Cuba, a maior parte alimentos e produtos agrícolas. Ironicamente, um dos principais fornecedores de comida para Cuba são os Estados Unidos. Apesar do embargo, em 2000 o governo Clinton promulgou o *Trade Sanctions Reform and Export Enhancements Act* (TSRA). Esse acordo permitia a venda de produtos de primeira necessidade a Cuba, Irã e Sudão, desde que fossem atendidas certas condições, como situações de emergência humanitária, e o pagamento fosse feito à vista.<sup>89</sup> Se nos tempos de Guerra Fria (1945-1991) todo o mundo capitalista tinha alguma restrição a Cuba, hoje o embargo só é apoiado pelos aliados americanos mais próximos – na Assembleia Geral da ONU em 2007, apenas 4 dos 188 membros não votaram pela condenação às sanções: Israel, Palau, Ilhas Marshall e, claro, os EUA.

Muitas vezes sofreu ataques da Agência Central de Inteligência (CIA) americana, como o a ocorrência na Baía dos Porcos, onde, no dia 17 de abril de 1961, desembarcou, vindo da Guatemala, um grupo paramilitar de exilados cubanos formado por 1.500 homens treinados pela CIA. O plano de invasão foi elaborado pela CIA durante a administração de Eisenhower e deixado de herança para o governo Kennedy.<sup>90</sup> Além disso, Castro sofreu calúnias por parte da mídia internacional, e foi isolado pelos líderes religiosos e políticos ao redor do mundo; mas, mesmo assim, Fidel Castro sobreviveu. Seu grande desafio foi superar o neocolonialismo e o veto estadunidense.

Em 2006, em caráter provisório e por motivos de saúde, passou os cargos de primeiro secretário do Partido Comunista, de presidente do Conselho de Estado e de comandante-chefe das Forças Armadas. A esse respeito o cientista político Bandeira afirma:

Sua renúncia à presidência de Cuba, após longo período de convalescença, não surpreende. Era esperada. Mas o fato de que permaneceu quase meio século no poder, a enfrentar e resistir ao embargo e a todas as agressões do Império – invasão, sabotagens e, inclusive, dezenas de tentativas de assassinato pela CIA – constituiu a maior derrota política que os Estados Unidos sofreram, não obstante seu imenso poderio econômico e militar, o maior de todos os tempos. Fidel Castro, o mais

<sup>88</sup> AYERBE, Luís Fernando. *Estados Unidos e América Latina*. A construção da hegemonia. São Paulo: Unesp, 2002, p. 132.

<sup>89</sup> SANTORO, Maurício. Cuba após a Guerra Fria: mudanças econômicas, nova agenda diplomática e o limitado diálogo com os EUA. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 53, n. 1, p. 132, jan./jul. 2010.

<sup>90</sup> AYERBE, 2002, p. 132.

importante líder da América Latina, no século XX, tornou-se o símbolo de uma era.<sup>91</sup>

Bandeira também relata que o fato de o presidente Barack Obama ter reatado relações diplomáticas com Cuba, depois de 53 anos, desde seu rompimento pelo presidente Dwight Eisenhower (em janeiro de 1961), constituiu mais uma das suas vitórias, consolidando o triunfo da Revolução Cubana. Apesar de todas as tentativas do império Americano, jamais foi destruído. E Fidel Castro, mesmo morrendo, continua vivo como herói e símbolo da maior epopeia da América Latina no século XX.<sup>92</sup>

Faleceu em 25 de novembro de 2016, aos 90 anos de idade e deixou, entre outros, o legado de ser um ícone de resistência contra o novo império mundial – os Estados Unidos.

*Raúl Castro* – Irmão de Fidel Castro, nasceu na Aldeia de Biran, Cuba, e teve grande importância à frente das Fuerzas Armadas Revolucionarias (FAR), desde sua fundação, em 16 de outubro de 1959. Estudou com os jesuítas e entrou na universidade, mas não concluiu seus estudos superiores, para se dedicar à política. Ainda estudante participou do assalto ao quartel de Moncada, em 1953, em Santiago de Cuba, tendo sido preso e condenado a treze anos de cadeia. Depois da eleição do golpista Fulgêncio Batista, em 1954, foi liberado no ano seguinte para o exílio no México, onde, com Fidel, passou a preparar uma invasão a Cuba, a bordo do navio Granma, no ano de 1956. A aventura, em 1957, foi catastrófica e apenas 16 guerrilheiros sobreviveram e se refugiaram na Sierra Maestra, onde se reorganizaram sob o comando de Fidel Castro. Ele e Juan Almeida comandaram uma segunda frente de atividade de intensa guerrilha, em 1958, contra o governo de Batista. Na serra conheceu sua esposa, a também guerrilheira Vilma Espín. Com Camilo Cienfuegos e Che Guevara, consolidaram o avanço revolucionário e, em 1.º de janeiro de 1959, os seguidores de Fidel Castro tomaram a capital Havana, em meio ao delírio popular e sob as bandeiras da moralização, do nacionalismo e do anti-imperialismo. Sete dias depois tomaram Santiago de Cuba, selando a vitória revolucionária. Desde então se tornou o braço direito de Fidel e seu primeiro substituto na linha de sucessão.<sup>93</sup>

Foi Primeiro Vice-presidente dos Conselhos de Estado e Ministros, Ministro das Forças Armadas Revolucionárias (1959-), nomeado Segundo Secretário do Comitê Central do Partido comunista de Cuba, em 1965, e Delegado do Comitê para a Assembleia Nacional do

<sup>91</sup> MELLO, João. Fidel Castro, a revolução cubana e a América Latina, por Moniz Bandeira. *GGN – Nassif Online*, 26 nov. 2016. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/fidel-castro-a-revolucao-cubana-e-a-america-latina-por-moniz-bandeira>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

<sup>92</sup> MELLO, 2016.

<sup>93</sup> NETSABER BIOGRAFIAS. *Raul Castro Ruíz (Irmão de Fidel) 1931-*. Disponível em: <<http://biografias.netsaber.com.br/biografia-2988/biografia-de-raul-castro-ruiz>>. Acesso em: 10 fev. 2018.



Poder Popular, desde sua criação, no ano de 1976.<sup>94</sup> Foi presidente do Conselho de Estado da República de Cuba, de 24 de fevereiro de 2008 até 19 de abril de 2018.

Raúl Castro chegou à presidência cubana em julho de 2006, quando Fidel adoeceu. Passou a assumir a presidência com plenos poderes, em 2008, tendo finalizado sua função em abril de 2018. A morte do irmão ocorreu em 25 de novembro de 2016. Dentre as reformas e renovações do seu governo, destaca-se o pronunciamento conjunto com Barack Obama, em dezembro de 2014, ocasião em que Cuba e Estados Unidos retomaram laços diplomáticos.<sup>95</sup> Ainda, em julho de 2010, seu governo autoriza a libertação de 130 presos políticos, sendo que a maioria foi para o exílio, na Espanha, processo que teve mediação da Igreja católica.<sup>96</sup>

*Che Guevara* – Ernesto Rafael Guevara de La Serna, conhecido como Che Guevara exerceu uma grande influência em Cuba, na Colômbia, e até mesmo ao redor do mundo. Ele era um médico, intelectual, que deixou tudo para viver uma vida de entrega ao socialismo e seus ideais. Seu encontro com Fidel Castro ocorreu no México, onde Fidel estava exilado, depois de ter sido julgado e condenado a 15 anos de detenção, dos quais ele cumpriu só dois anos, conforme já exposto. Dessa forma, no México, foi formado o notável quarteto Raúl Castro, Camilo Cienfuegos, Che Guevara e o próprio Fidel Castro. No governo com Fidel Castro, dentre outras funções, Che Guevara foi ministro da Indústria (1961-1965). Porém, seu objetivo primordial era estender a Revolução a outros países. Com esse propósito, deixou suas funções em Havana para juntar-se a um grupo de guerrilheiros bolivianos, cuja meta era derrubar o regime ditatorial que vigorava na Bolívia.<sup>97</sup>

Em 15 de março de 1965, ao retornar de Argel, onde acusou a União Soviética de dar um apoio frouxo e medíocre, Fidel aguardava Che Guevara no aeroporto de Havana, com a proposta de que deixasse o cargo de ministro e fosse excursionar, a fim de exportar a Revolução. Quer dizer, Che Guevara tinha se tornado um pensador incômodo tanto para Cuba quanto para Moscou.

Guevara não negava a ajuda da Rússia, mas era um marxista que procurava interpretar o socialismo a partir da realidade latino-americana; buscava um socialismo capaz de proporcionar a independência econômica e política do continente. Lutou três guerrilhas:

<sup>94</sup> NETSABER BIOGRAFIAS, [s.d.].

<sup>95</sup> NSC TOTAL. *Datas que marcaram os 11 anos de Raúl Castro no poder*. 31 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.nscotal.com.br/noticias/datas-que-marcaram-a-decada-de-raul-castro-no-poder>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

<sup>96</sup> NSC TOTAL, 2016.

<sup>97</sup> ERNESTO Guevara de la Serna “El Che” 1928-1967. *Vida*. Biblioteca Colectivos Praxis Insumisa. Tomo 1; RAMOS, Jefferson Evandro Machado. *Che Guevara. Sua Pesquisa.Com*. Disponível em: <[https://www.suapesquisa.com/biografias/che\\_guevara.htm](https://www.suapesquisa.com/biografias/che_guevara.htm)>. Acesso em: 10 out. 2019. Biografia completa em: Anderson, Jon Lee. *Che Gevara: uma biografia*. Tradução de M. H. C. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

Cuba, Congo e Bolívia. Foi capturado e morto pelo exército boliviano, em La Higuera, perto de Vallegrande, Santa Cruz, em 9 de outubro de 1967. Camilo Cienfuegos (1932-1959) e Che Guevara (1928-1967) foram brutalmente assassinados.<sup>98</sup>

Guevara defendia a ideia do “novo homem”. Para ele, a evolução do “novo homem” durante a transição para o socialismo é dialética. Ele deve enfrentar o velho homem, por assim dizer, em quem ainda existem resquícios de uma educação voltada para isolar o indivíduo:

A nova sociedade em formação tem que competir muito duro com o passado. Isto se sente não apenas na consciência individual, na qual pesam os resíduos de uma educação sistematicamente orientada para o isolamento do indivíduo, mas também pela própria natureza desse período de transição com persistência das relações mercantis (tradução nossa).<sup>99</sup>

Como esse individualismo nasce de condições materiais alienantes do capitalismo, os ideais que definirão o novo homem, da mesma forma, devem avançar com o desenvolvimento de novas formas econômicas. Para corrigir falhas ideológicas e morais do homem sob o capitalismo, então, primeiro é preciso livrar-se da célula econômica da sociedade capitalista: a mercadoria. Enquanto existir, seus efeitos serão sentidos na organização da produção e, portanto, na consciência. Deve haver uma correta utilização do estímulo material, sobretudo no que se refere à natureza social.<sup>100</sup>

Dessa forma, para alcançar este próximo estágio no desenvolvimento humano, Guevara propõe que o novo homem participe em todos os níveis dos meios de produção de propriedade pública até que ele conceitua o trabalho como “dever social” e como realização de sua natureza humana ao invés de alienação desta natureza, do seu companheiro, e do produto do seu trabalho.<sup>101</sup> Para ele, “Para construir o comunismo, simultaneamente com a base material, é preciso fazer o novo homem”<sup>102</sup>.

*Camilo Cienfuegos* – Um dos mais carismáticos líderes da Revolução, nasceu em Havana, em 7 de fevereiro de 1932 e viveu apenas 27 anos. Ficou conhecido como “O senhor da vanguarda”, “herói de Yaguajay”, depois de ganhar uma batalha fundamental da

<sup>98</sup> MORAES, Isaías Albertin de; MORAES, Leonardo. 50 anos da morte de Che Guevara: um economista dedicado. *Unesp Agência de Notícias*. 16 out. 2017. Disponível em: <<http://unan.unesp.br/destaques/29909/artigo-50-anos-da-morte-de-che-guevara-um-economista-dedicado&pagina=1>>. Acesso em: 8 fev. 2018.

<sup>99</sup> “*La nueva sociedad en formación tiene que competir muy duro con el pasado. Esto se siente no solo en la conciencia individual, en la cual el residuo de una educación se orienta sistemáticamente al aislamiento del individuo, sino también por el carácter mismo de este período de transición con persistencia de relaciones mercantiles*”. GUEVARA, Ernesto “Che”. *El socialismo y el hombre nuevo*. Siglo XXI, 1979, p. 6.

<sup>100</sup> GUEVARA, 1979, p. 6-7

<sup>101</sup> GUEVARA, 1979, p. 6-7

<sup>102</sup> GUEVARA, 1979, p. 7.

Revolução Cubana<sup>103</sup>, ou “o herói do *sombrero* Alón”. Tinha uma autêntica fama de valente e despertava simpatia por onde passava.<sup>104</sup> Recebeu de Fidel a missão de levar a ofensiva militar para o ocidente da Ilha, incumbência empreendida por ele e Che Guevara. Nos últimos dias, foi designado a ocupar o Regimento Columbia (ou Camp Columbia), um dos maiores símbolos da força militar de Batista.<sup>105</sup> Segundo Galvez, Cienfuegos foi um guerrilheiro incomum, de sorriso franco, sem ar de grandeza, autêntico, e partiu de forma surpreendente. Camilo desapareceu em 28 de outubro de 1959, quando exercia o segundo maior cargo dentro do exército, era Chefe de todas as Forças Armadas da província de Havana.<sup>106</sup> Também era Chefe do Estado-Maior do Exército Rebelde, e tinha se tornado um dos mais poderosos e populares comandantes da Revolução.

Em uma viagem de Camagüey para Havana, o avião que o levava, sobrevoando o oceano, sofreu um acidente. Não foram encontrados nem o piloto nem Camilo, nem o avião, e até hoje não se sabe o que ocorreu. Seu misterioso desaparecimento causou grande impacto nos cubanos que, durante dias, se lançaram por toda a Ilha à sua procura, e também desviou as atenções do caso Huber Matos, que foi a julgamento acusado de alta traição, depois de, em outubro de 1959, entregar uma carta a Fidel, na qual pedia seu afastamento, em caráter irrevogável do posto de comando que ocupava em Camaguey. Para Fidel esse ato foi considerado alta traição, pois, se não estava com Fidel, significava estar contra ele.<sup>107</sup>

<sup>103</sup> Sob a liderança de Camilo, na batalha de Yaguajay, havia três colunas incumbidas da tarefa de tomar Santa Clara: uma era liderada por Che Guevara; outra, por Jaime Veja; e a terceira, por Camilo Cienfuegos. A coluna de Vega caiu numa emboscada e não havia mais o que fazer. Che cercou os arredores de Santa Clara, mas foi Camilo e sua coluna militar que atacaram diretamente o quartel de Yaguajay. Vitorioso, Camilo, então, recrutou quase duas centenas de soldados que estavam ao lado das forças do ditador Fulgencio Batista. Guevara se somou à coluna e os dois marcharam com quase 500 homens para a cidade de Santa Clara (CARDOSO, Ismael. Não sabemos se nos céus ou nas águas, mas, Camilo vive! *Vermelho*, 29 out. 2013. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/228054-8>>. Acesso em: 8 fev. 2018).

<sup>104</sup> MATOS, Huber. *Cómo Llegó la Noche*. Barcelona: Tusquets Editores, 2002, p. 359.

<sup>105</sup> GALVEZ, William. Señor de la Vanguardia. *La Habana*. Editorial de Ciencias Sociales, 1988, p. 197.

<sup>106</sup> GALVEZ, 1988, p. 467.

<sup>107</sup> “Matos relata que certa feita, ainda nos primeiros meses de 1959 [...] perguntou ao chefe sobre seus planos para concretizar a promessa de participação dos operários nos resultados das empresas. E Fidel lhe respondeu: *No Huber, eso no lo podemos hacer, porque si propiciamos que los trabajadores tengan independencia económica, de ahí a la independencia política no hay más que un paso. No podemos! (Não, Huber, não podemos fazer isso, porque se incentivarmos os trabalhadores a terem independência econômica, daí para a independência política haverá apenas um passo. Não podemos!)* Tradução nossa. Percebendo a incoerência, [...] Matos enviou a Fidel uma carta pessoal [...] pedia seu afastamento, em caráter irrevogável do posto de comando que detinha em Camaguey. Foi o que bastou para ser levado a julgamento por alta traição em outubro de 1959”, pois “Matos é acusado de voltar atrás de seu juramento de lealdade, de atingir com sua renúncia o vigor da revolução, de tentar destruir com seu gesto o patrimônio simbólico e espiritual da revolução”, tendo sido “[...] condenado a 20 anos de prisão”. Morreu em Miami, em 2 de março de 2014, aos 95 anos. PUGGINA, Percival. Morreu Huber Matos, verdadeiro herói cubano. *Tribuna da Internet*. 2 mar. 2014. Disponível em: <<http://www.tribunadainternet.com.br/morreu-huber-matos-verdadeiro-heroi-cubano/>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

Ao longo de todos esses anos, surgiram variadas versões do que teria realmente acontecido com Cienfuegos. Desde então, sua imagem é frequentemente invocada, tanto pelo situacionismo cubano quanto pela oposição, que acusa os irmãos Castro pelo seu desaparecimento. Um mito nasceu e o mistério persistiu.<sup>108</sup>

### 1.2.2 *Fidel e o socialismo cubano*

Fidel Castro, quando começou a oposição ao governo Batista, não pensava tornar a Ilha caribenha um lugar socialista; ele não queria largar os laços com os EUA, mas, ao observar a direção que a Revolução estava tomando, Fidel chegou à conclusão de que, para realmente libertar a Ilha cubana do domínio estrangeiro, ele e Cuba teriam que se desvincular totalmente dos EUA.

Quando os Estados Unidos convocaram uma reunião decisiva na Organização dos Estados Americanos (OEA), que foi realizada em Punta del Este, Uruguai para decidir desligar ou aplicar sanções em Cuba, isso criou um mal-estar, porque algumas nações aceitaram aplicar as sanções, outras não, e algumas nações, dentre elas o Brasil, preferiram abster-se da votação. Na mesma época dessa reunião, Fidel Castro anunciou o rompimento com os EUA, o que facilitou a expulsão de Cuba da OEA, em 31 de janeiro de 1962, bem como a decisão de veto estadunidense e também a imposição norte-americana de que qualquer país aliado dos Estados Unidos tinha que vetar e sancionar Cuba. No entanto, a expulsão não foi uma unanimidade, como os EUA pretendiam, pois seis países se abstiveram (Brasil, Argentina, Chile, Equador, Bolívia e México).

A convocação foi votada apenas em 4 de dezembro, subsequente à declaração de Fidel. Aprovada por 14 votos a favor, 2 contra (Cuba e México), e cinco abstenções (Equador, Bolívia, Brasil, Chile e Argentina), a resolução estabelecia uma RMRE<sup>109</sup> para 10 de janeiro de 1962, com o objetivo de analisar ameaças à paz e à independência política dos países americanos.<sup>110</sup>

Em relato de Galeano, o delegado do Haiti trocou seu voto ao preço de um aeroporto novo, tornando possível que os Estados Unidos obtivessem a maioria necessária para expulsar Cuba da OEA. Já o ex-ditador da Guatemala, Miguel Ydígoras Fuentes, afirmou que foi preciso ameaçar os EUA com a sonegação de seu voto nas conferências da Aliança para o

<sup>108</sup> COSTA, Jaime. *El clarín toca al amanecer*. Barcelona: Ediciones Rondas, 2003, p. 108.

<sup>109</sup> Reunião de Ministros das Relações Exteriores.

<sup>110</sup> FRANCHINI NETO, Hélio. A política externa independente em ação: a Conferência de Punta del Este de 1962. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 48, n. 2, p. 10, 2005.

Progresso para que eles cumprissem a promessa de comprar mais açúcar do seu país.<sup>111</sup> Dessa forma, com alguns países a apoiar a decisão dos Estados Unidos e outros a condená-la, em favor do regime cubano, o desacordo se consumava e, com este, o reforço do sentimento nacionalista.<sup>112</sup>

Só em 3 de junho de 2009, 47 anos depois, a OEA revogou a expulsão: “[...] sexta resolução [...] da oitava Reunião de Consulta de Ministros de Relações Exteriores, mediante a qual o governo de Cuba teve a participação no sistema Interamericano excluída, fica sem efeito na Organização dos Estados Americanos”. A convocação foi votada apenas em 4 de dezembro, subsequente à declaração de Fidel. Aprovada por 14 votos a favor, 2 contra (Cuba e México), e cinco abstenções (Equador, Bolívia, Brasil, Chile e Argentina), a resolução estabelecia uma RMRE para 10 de janeiro de 1962, com o objetivo de analisar ameaças à paz e à independência política dos países americanos.<sup>113</sup> Cuba se desvinculou dos Estados Unidos e se aliou à União Soviética e foi aí que a Ilha caribenha abraçou o caráter socialista da Revolução.

Isso só agravou o relacionamento entre a Igreja Católica e o Estado cubano, porque os católicos e o clero católico ficaram assustados e temiam o comunismo. Havia um temor muito grande do comunismo e de uma guerra fria.

A Guerra Fria, entretanto, atingiu seu clímax quando a União Soviética, no curso de 1962, começou a instalar em Cuba, a 90 milhas de Miami, bases para o lançamento de mísseis de médio e intermédio alcance, com ogivas nucleares, capazes de atingir as principais cidades norte-americanas, até a fronteira do Canadá.<sup>114</sup>

Era criada, então, uma relação de dependência de Cuba para com a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Ou seja, Cuba saiu do imperialismo dos EUA, mas ficou sob o imperialismo russo, chegando a dever muito dinheiro para o bloco soviético. A União Soviética passou a investir pesadamente em Cuba, sim, mas para que a Ilha cubana se transformasse em uma vitrine do socialismo para a América Latina. Com esse fim, proporcionou a Cuba benefícios importantes, como: acabar com os índices de analfabetismo; ampliar a expectativa de vida por meio da construção de uma ampla rede hospitalar; e a criação de universidades de ponta.

<sup>111</sup> GALEANO, 2010, p. 218-219.

<sup>112</sup> CERVO, Amado Luiz. *Relações Internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas*. Brasília: UnB, 2001, p. 131.

<sup>113</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. *Leia na íntegra a resolução que revogou suspensão de Cuba à OEA*. 3 jun. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2009/06/576072-leia-integra-da-resolucao-que-revogou-suspensao-de-cuba-a-oea.shtml>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

<sup>114</sup> BANDEIRA, 2005, p. 230.



Com o fim da União Soviética, entre março de 1990 e dezembro 1991<sup>115</sup>, esse desenvolvimento entrou em crise, porém, Cuba, apesar das dificuldades, mantém-se socialista até os dias de hoje.

O socialismo de Cuba resultante da Revolução Cubana, é diferente de outros países – como Rússia, China, Coreia do Norte – porque é específico; embora, atualmente, lá não exista mais a exploração predatória capitalista, alguns problemas próprios do capitalismo ainda persistem (preconceito, alguma desigualdade e outros).

Esta pesquisa aponta que Fidel Castro já assinalava que o socialismo cubano cometeu alguns erros que precisavam ser reparados. Por esse motivo, Raúl Castro, seu irmão, depois de ter assumido Cuba, em 2006, entrou com o intento de fazer transformações e adaptações ao socialismo. Dentre elas, corrigiu o erro histórico da Revolução em perseguir os homossexuais e travestis, permitindo o debate sobre a aprovação de leis que criminalizem a homofobia, garantindo também a união civil homoafetiva. O artigo 82 da constituição diz: “[...] Reconhece-se também a união estável e singular com aptidão jurídica, que de fato forma um projeto de vida em comum, que nas condições e circunstâncias indicadas pela lei, gera os direitos e obrigações que ela proporciona”<sup>116</sup>.

De fato, é possível concluir que Cuba precisa de reformas políticas que introduzam uma democracia socialista autêntica, permitindo o pluripartidarismo, com eleições e sindicatos livres, e a legítima e efetiva participação dos trabalhadores no processo político.

### 1.2.3 *A Igreja Católica e a ameaça do comunismo*

Fidel Castro defendia que os ideais da Revolução, a princípio, eram humanistas e não pretendiam abraçar ou refletir o comunismo. Bambirra entende que Castro queria uma Revolução democrática, humanista e justiceira:

[...] Não sou comunista, nem estou de acordo com o comunismo [...] A democracia e o comunismo não são uma e a mesma coisa para mim. Chamamos humanistas aos nossos ideais, porque não queremos apenas dar liberdade ao povo, mas também proporcionar-lhe os meios de viver e conseguir comida.<sup>117</sup>

<sup>115</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 33.

<sup>116</sup> CUBA. Constituição (2018). Introducción al análisis del Proyecto de Constitución de la República durante la consulta popular. *Gaceta Oficial [de la] República de Cuba Ministerio de Justicia*. La Habana, 10 abr. 2019, p. 72. Disponível em: <<http://www.vanguardia.cu/images/materiales/gobierno/constitucion/constitucion-de-la-republica-de-cuba.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

<sup>117</sup> BAMBIRRA, Vania. *A revolução cubana: uma reinterpretação*. Coimbra: Centelha, p. 251-252.



O discurso da Revolução firmava um compromisso com o povo operário, o camponês, e o trabalhador industrial, que representavam a maior parte da população. A Revolução Cubana foi reformista até o dia que seus defensores perceberam que, para cumprir seus sonhos para Cuba, teriam que romper de vez com os Estados Unidos e com a falsa ajuda norte-americana ao povo cubano. Assim, tiveram que abraçar o discurso de Fidel Castro: para ter a real e verdadeira revolução, eles teriam que aceitar e fazer “sacrifícios da Revolução”, mencionados em um de seus extensos discursos.<sup>118</sup>

Isso significava que, ao tomar a decisão de romper com os Estados Unidos, o povo cubano teria que estar disposto a viver na escassez dos recursos básicos para viver. “O futuro não está ao alcance das mãos! Um povo não pode livrar-se, em pouco mais de um decênio, do fardo de uma herança pesada, deixada por cinco séculos de colonialismo e de neocolonialismo!”<sup>119</sup>. Com esse apelo, Fidel conseguiu fazer com que o povo se levantasse e lutasse pelo que queria; todos unidos pelo descontentamento com o governo do ditador Fulgencio Batista, e ao mesmo tempo alimentando a paixão de todos pelo país.<sup>120</sup>

A Igreja Católica, interesse da pesquisa, conforme se pôde observar, durante os períodos de imperialismo – primeiro, o espanhol; depois, o estadunidense – se manteve em silêncio, nunca se opondo aos interesses da burguesia, uma vez que fazia parte dela, ou à influência externa, até que surgiu uma forte ameaça: o comunismo. Quer dizer, num primeiro momento, quando a Revolução triunfou, em 1959, a Igreja Católica só se opôs principalmente porque acreditava que a insurreição estava encaminhando em direção ao comunismo – filosofia totalmente divergente do pensamento católico. A encíclica do Papa Pio XI contém o alerta para o que era considerado pela Igreja Católica um

[...] perigo ameaçador falamos: é do comunismo, denominado bolchevista e ateu, que se propõe como fim peculiar revolucionar radicalmente a ordem social e subverter os próprios fundamentos da civilização cristã [...] diante destas ameaçadoras tentativas, não podia calar-se nem de fato se calou a Igreja Católica [...] que muito bem conhece que tem por missão peculiar defender a verdade, a justiça e todos os bens imortais, que o comunismo despreza e impugna.<sup>121</sup>

<sup>118</sup> CUBA. Presidente (1976-2008: Fidel Castro). *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del comite central del partido comunista de cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en la conmemoracion del IX aniversario del asalto al palacio presidencial, celebrada en la escalinata de la Universidad de la Habana*. 13 mar. 1966. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1966/esp/fl30366e.html>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

<sup>119</sup> FERNANDES, 2007, p. 197.

<sup>120</sup> RODRIGUES, Andresa da Mota Silveira et al. Os rumos da revolução cubana. In: SIMULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA SECUNDARISTAS, 2012. Brasília. *Anais...* Disponível em: <<http://sinus.org.br/2012/wp-content/uploads/01-OEAH.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

<sup>121</sup> PIO XI. *Carta encíclica divinis redemptoris de Sua Santidade*. 19 mar. 1937. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19370319\\_divini-redemptoris.html#I\\_-\\_ATTITUDE\\_DA\\_IGREJA\\_PERANTE\\_O\\_COMUNISMO\\_>](https://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris.html#I_-_ATTITUDE_DA_IGREJA_PERANTE_O_COMUNISMO_>)>. Acesso em: 20 abr. 2019.

Também Pio IX condenou certas classes de eruditos que tinham por intento libertar a civilização e a cultura humanística dos laços da religião e da moral: “Para aqui (tende) essa doutrina nefanda do chamado comunismo, sumamente contrária ao próprio direito natural, a qual, uma vez admitida, levaria à subversão radical dos direitos, das coisas, das propriedades de todos e da própria sociedade humana”<sup>122</sup>.

Os estudos indicaram que a Igreja Católica, de forma geral, não se opôs aos interesses da burguesia – da qual o clero, na sua maioria, fazia parte – ou da influência externa, e que só demonstrou uma reação contrária mis significativa com a ameaça do comunismo, filosofia totalmente contrária ao catolicismo, conforme encíclica de Pio XI.<sup>123</sup> Além do mais, nacionalizar bens e instituições abalaria o status da Igreja Católica, pois antes da Revolução Cubana, o Estado e a Igreja quase sempre adotaram em Cuba uma parceria necessária, possibilitando ajuda mútua.

Nessa condição, a Igreja Católica poderia ter propriedades e acumular patrimônio, exercer importante influência social e controlar a educação por meio de suas escolas particulares. A instituição eclesiástica servia o poder que provinha do Estado apaziguando o povo crente, preparando mentes nas suas escolas e paróquias para que praticassem não só o autossacrifício e abrissem mão do bem-estar terrestre, visando a um galardão maior e eterno no céu depois da morte.<sup>124</sup>

A Igreja tradicionalmente defendia seu direito de ter escolas particulares, porque nessas estava a formação de futuros “[...] indivíduos doutrinados para justificar desigualdades sociais e aceitar com resignação a sociedade e o mundo em que vivem como o catolicismo os concebe”<sup>125</sup>.

Daí pode-se aferir que essa situação de certo conforto em que se achava a Igreja católica foi abalada pelos novos conceitos da Revolução Cubana, mais precisamente a possibilidade de o país tornar-se comunista. E com razão, pois, a aliança de Cuba com a União Soviética, como já foi mencionado, tornou-se um forte motivo para Igreja Católica se afastar e entrar em conflito com os líderes e com a Revolução Cubana propriamente dita.

Esse temor se agravou principalmente depois que Fidel assumiu o caráter socialista da Revolução Cubana e, depois, marxista-leninista, em abril de 1961.<sup>126</sup> A Igreja foi

<sup>122</sup> PIO XI, 1937.

<sup>123</sup> PIO X, 1937.

<sup>124</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 28.

<sup>125</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 38.

<sup>126</sup> CRESPO, Ramón Torreira. Breve acercamiento histórico a la iglesia católica en Cuba: conquista, colonización y pseudorrepública. En: Noemí Quezada (Ed.). *Religiosidad popular*. México-Cuba. México: Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) y Plaza y Valdés, 2004, p. 23.

marginalizada, as escolas que administrava e que constituíam fonte fundamental de renda e prestígio social foram tomadas pelo Estado, e a fuga de profissionais e especialistas da Ilha – incluindo muitos religiosos e padres – configurou forte perda das suas bases de apoio social e econômico. E ainda havia o aspecto ideológico, pois o novo governo revolucionário não podia deixar a doutrinação de milhares de crianças nas mãos da Igreja Católica.<sup>127</sup>

A expressão eloquente de Fidel Castro, coletado por Gianni Mina, em seu livro *Habla Fidel*, resume muito bem o que pode ser considerado a pedra angular das relações entre o Estado cubano e a Igreja Católica depois do triunfo da Revolução, em 1959:

Coletamos ideias marxistas, ideias de Martí, nossas próprias ideias, combinamos essas ideias, mas também nossa própria experiência. Nossa escola é outro mundo para a juventude. E embora eu não me arrependa de ter passado por essas escolas, acho que não é correto sujeitar crianças e adolescentes a esse tipo de ensino. Eu não acho que é direito desperdiçar os melhores anos da vida do jovem, sem dar uma educação mais racional e científica, e ensiná-lo a pensar, que é uma das coisas mais importantes na educação.<sup>128</sup> (tradução nossa)

A implantação do socialismo cubano trouxe muita luta e dor, mas, para a Igreja, cujo clero, na sua maior parte, compunha a burguesia existente, também era uma questão de sobreviver. Conforme coloca Dabène: “[...] Para as burguesias, ao contrário, o perigo da revolução iria provocar, a curto prazo, problemas de sobrevivência. A longo prazo, se agitaria com frequência o fantasma da ameaça comunista para bloquear qualquer tentativa de reformas”<sup>129</sup>.

Resumindo, o socialismo-marxismo abalou tudo isso: nacionalizou escolas, tirou a doutrinação dos estudantes das mãos da Igreja, questionou o posicionamento da instituição Católica, provocou a saída de profissionais, sacerdotes e outros religiosos da Ilha, rompeu com os Estados Unidos e aliou-se à, então, União Soviética. E, o mais difícil, a Igreja Católica teve que procurar uma forma de coexistir com uma filosofia que não só era diferente, mas antagonizava totalmente com a doutrina Católica e que tinha cunho basicamente ateu.

<sup>127</sup> ÁLVAREZ, 218, p. 31.

<sup>128</sup> “Hemos recogido las ideas marxistas, las ideas de Martí, nuestras propias ideas, las hemos combinado, pero también nuestra propia experiencia. Nuestra escuela es otro mundo para la juventud. Y aunque no me arrepiento de haber pasado por aquellas escuelas, creo que no es correcto someter a los niños y a los adolescentes a aquel tipo de enseñanza. No creo que sea correcto desperdiciar los mejores años de la vida del joven sin darle una enseñanza más racional y más científica, y enseñarlo a pensar, que es una de las cosas más importantes de una educación.” MINA, Gianni. *Habla Fidel*. Madrid: Mondadori, 1988, p. 256.

<sup>129</sup> DABÈNE, Olivier. *América Latina no século XX*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 164.

## 2 IGREJA CATÓLICA E REVOLUÇÃO – CONFRONTOS E TOLERÂNCIA

Observou-se que não houve uma grande participação da Igreja Católica e das religiões cristãs em geral, no processo revolucionário ou resistente de Cuba contra as formas de imperialismo que o país enfrentou. Para elucidar essa assertiva, este capítulo apresenta uma visão geral da posição da Igreja Católica no período revolucionário, o pensamento do líder mais importante da Revolução, Fidel Castro, em relação à religião, os confrontos ocorridos, bem como as fases de tolerância entre a Igreja e o Estado cubano. E, para corroborar a importância da Igreja Católica e justificar as expectativas em relação à sua atuação nos problemas sociais enfrentados pelo país cubano, são apresentados também o Concílio Vaticano II e as Conferências Gerais do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam).

### 2.1 A Igreja Católica na Revolução – visão geral

O fato de não ter havido uma manifestação contundente da Igreja Católica durante o período de colonialismo espanhol e nem durante a hegemonia dos Estados Unidos demonstra que houve uma aceitação passiva da situação por parte da religião. O que se observou foi que a Revolução nasceu porque havia um sentimento de nacionalização no coração dos chamados rebeldes. Alberto Aggio considera o nacionalismo cubano o elemento central do movimento revolucionário:

A inquietação que surge em relação ao Exército Rebelde que se notabilizou na Revolução Cubana deriva do fato de a Revolução Cubana ter evidenciado, desde o início, suas fortes marcas e objetivos nacionalistas, além de ser o nacionalismo cubano considerado como um dos mais fortes e diferenciados do continente.<sup>130</sup>

Movido por esse sentimento de nacionalismo, durante a luta contra a ditadura de Fulgencio Batista (1952-1958), Castro organizou um movimento religioso plural para tomar de assalto o Quartel Moncada, em 1953, para a expedição do navio Granma, 1956, e também para a luta guerrilheira em Sierra Maestra, que começou em 1957, no leste de Cuba. A presença de capelães católicos seria imediata, e o número de jovens líderes da Ação Católica e das igrejas evangélicas que participaram dos movimentos de oposição foi significativo.<sup>131</sup> Assim, esse apoio dos católicos ao movimento de Sierra Maestra indica um momento de

<sup>130</sup> AGGIO, Alberto. Repensando o sentido da rebeldia na Revolução Cubana. *Estudos de História*. Faculdade de História, Direito e Serviço Social (Unesp), Franca, v. 7, n. 2, p. 215-229, 2000.

<sup>131</sup> RAMOS, Marcos Antonio. *Panorama del protestantismo en Cuba*. Miami: Caribe, 1986, p. 635-640.

esperança ao povo cubano, uma vez que a luta era contra o Governo ditador de Fulgencio Batista. Dentre os sacerdotes participantes, o mais importante deles foi o padre Guillermo Sardiñas, que atuou como capelão e chegou a tornar-se comandante da Revolução em Sierra Maestra.

Outra figura importante foi Enrique Pérez Serantes, arcebispo de Santiago, que evitou que Castro fosse assassinado depois do fracasso do ataque ao Moncada. Nessa época, a Igreja católica ainda andava com o Estado cubano e tinha um apoio não oficial, registro que se pode achar no relatório do episcopado cubano, por ocasião do encontro dos bispos, em 1955, no Rio de Janeiro.<sup>132</sup> Em encontro com Frei Betto, em 1986, Castro explicou que do ponto de vista educativo, fixou sua atenção “[...] para os aspectos revolucionários da doutrina cristã”<sup>133</sup>.

Sobre essa atividade do catolicismo, também há relatos de que em muitas igrejas e conventos de mulheres religiosas foram elaborados folhetos e boletins impressos contra a ditadura. Os claustros serviram de refúgio para muitos perseguidos pela polícia de Batista, que não hesitava em matar primeiro e fazer perguntas depois. Também leigos católicos continuavam a tomar parte efetiva dessa luta, como a Juventude Operária Cristã, que lutava contra a discriminação racial e pelo fortalecimento do sindicalismo cristão. Ainda, o movimento Ação Católica seria adicionado, condenando a repressão policial; enquanto isso, as linhas de resistência aumentavam.<sup>134</sup>

Nesse período, depois de Cuba se tornar independente, foi possível observar uma situação contraditória ao que parecia uma aproximação da Igreja com o movimento revolucionário: a Igreja Católica passou a ter muita dificuldade, pois os padres, na sua maioria, eram espanhóis e durante a Revolução Cubana a imagem que os líderes cubanos tinham da Igreja Católica era de que essa instituição era estrangeira – e como tirar toda influência estrangeira de Cuba fazia parte da luta dos guerrilheiros, isso passou a afetar a Igreja Católica e o seu relacionamento com os líderes da Revolução. E, pior, a Igreja Católica foi contra a emancipação de Cuba durante a luta do país pela independência e isto deixou uma marca ruim, porque ela ficou do lado da Espanha.

Quer dizer, o clero cubano era de maioria espanhola e reacionária, não aceitando muito bem as ideias e os princípios da Revolução. A Igreja Católica era constituída de pessoas ricas, participando da pequena burguesia – que não queria que Cuba fosse livre da Espanha e nem mesmo dos EUA, porque isso afetava, diretamente, os privilégios que a Igreja iria perder,

<sup>132</sup> BETTO, Frei. *Fidel e a religião: conversas com Frei Betto*. 1. ed. São Paulo: Schwarcz, 2016, p. 165.

<sup>133</sup> BETTO, 2016, p. 185-191.

<sup>134</sup> CUARTERO, Izaskun Álvarez. Y yo pase sereno entre los viles: estado, revolución e iglesia en Cuba, 1959-1961. Universidad de Salamanca, España. *América Latina Hoy*, n. 18, mar., p. 87, 1998.



decorrentes da extrema exploração que o povo cubano sofria. Os operários qualificados também eram católicos e, com a saída dos maquinários dos EUA, também seriam afetados.

O episcopado chegou até a saudar a vitória da guerrilha de Sierra Maestra, acreditando que fazendo isso poderia chegar ao poder com os revolucionários. A Igreja Católica existia em Cuba, mas não era poderosa, e o vínculo com o Estado cubano era uma aliança informal; não era como é no Brasil, onde a Igreja Católica sempre usufruiu poder e privilégios. Em Cuba, por ocasião da vitória em Sierra Maestra, conforme relatado, foi quando a Igreja Católica julgou importante mostrar esse apoio, acreditando que poderia, a partir desse momento, começar a ocupar uma posição diferente da que tinha experimentado.

Conforme relatado, a Igreja Católica somente se posicionou contra a Revolução quando Fidel Castro e outros líderes revolucionários proclamaram o caráter socialista do levante. Havia um temor muito grande da Igreja Católica pelo estabelecimento do laicismo, “[...] aquela doutrina que tenta construir uma sociedade prescindindo totalmente da religião e ataca e destrói a liberdade religiosa dos cidadãos”<sup>135</sup> e do comunismo. Para esse último, “[...] a revolução comunista é a ruptura mais radical com as relações tradicionais de propriedade; nada de estranho, portanto, que no curso de seu desenvolvimento, rompa, do modo mais radical, com as ideias tradicionais”<sup>136</sup>. Na sociedade comunista inexisteriam exploradores e explorados e tampouco existiriam classes sociais e a figura do Estado iria desaparecer. Nesse sentido, o comunismo só seria alcançado depois da tomada de poder pela classe proletária, quando tivesse sido abolido o modo de produção capitalista e depois do advento do modo de produção socialista.

#### Para Marx e Engels:

O comunismo não retira a ninguém o poder de apropriar-se de sua parte dos produtos sociais, apenas suprime o poder de escravizar o trabalho de outrem por meio dessa apropriação. Alega-se ainda que, com a abolição da propriedade privada, toda a atividade cessaria, uma inércia geral apoderar-se-ia do mundo. Se isso fosse verdade, há muito que a sociedade burguesa teria sucumbido à ociosidade, pois que os que no regime burguês trabalham não lucram e os que lucram não trabalham.<sup>137</sup>

Essa visão do comunismo acabou gerando desconfiança por parte do clero que, conforme já exposto, fazia parte da burguesia. Os porta-vozes da Igreja Católica criticavam as leis revolucionárias, os laços com a União Soviética e a nacionalização massiva das empresas. Para Fidel, a Igreja estava a serviço da burguesia e o grande número de sacerdotes

<sup>135</sup> VATICANO II. *Lumen Gentium*, n. 36. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm)>. Acesso em: 24 abr. 2019.

<sup>136</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. e-BooksBrasil.com, 1999, p. 41.

<sup>137</sup> MARX, ENGELS, p. 34.



estrangeiros também lhe causava desconfiança, o que culminou na expulsão de grande parte do clero local de Cuba. Empresas e educação foram nacionalizadas, ponto que atingiu diretamente a Igreja, que era proprietária de várias escolas no país.<sup>138</sup>

Quer dizer, a hierarquia eclesiástica, ao se opor ao processo transformador revolucionário da sociedade, assumiu uma posição de confrontação política não somente com a representação revolucionária, mas também com as massas populares que apoiavam, quase unanimemente, essas medidas.<sup>139</sup>

### 2.1.1 *Fidel e religião no período revolucionário*

Fidel Castro questionou a interferência e a tentativa da Igreja Católica de se opor às novas medidas trazidas pela Revolução – estreitar laços com a União Soviética e a nacionalizar as empresas – posicionando-se no sentido de que a Igreja não deveria se meter nos assuntos de política. E que deixava a cada cidadão cubano a escolha da sua própria religião de interesse, conforme sua fala:

Por que eles vão colocar a religião na Revolução, se a Revolução não se envolveu na religião, se todos aqui têm o direito de ter suas ideias e crenças respeitadas, se aqui há liberdade de culto, se aqui cada um pode pregar a religião que considera que a sua consciência lhe dita, se nós respeitamos todas as liberdades humanas?<sup>140</sup> (tradução nossa)

Fidel não era contra a religião, especialmente por causa do histórico de ter pessoas religiosas na família; a própria mãe de Raúl e Fidel Castro era religiosa, ensinando aos filhos, desde pequenos, a serem pessoas religiosas. Os dois cresceram frequentando a escola jesuíta; havia apreciação e respeito de Fidel Castro pela religião, principalmente a Católica. Há registros no livro de Frei Betto *Fidel e a religião: conversas com Frei Betto* de que ele era um

<sup>138</sup> FERNÁNDEZ, Manuel. *Religión y Revolución en Cuba: Veinticinco años de lucha ateísta*. Miami: Saeta, 1984, p. 114.

<sup>139</sup> CRESPO, Ramón Torreira. El impacto en la Iglesia Católica de la primera oleada migratoria cubana. *Enfoques*, Feb. 2005, p. 10-12. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/cuba/cips/caudales06/fscommand/50T13.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2019

<sup>140</sup> “Porque van a venir a meter la religion com la Revolucion, si la Revolucion no se há metido em la religion, si aqui tiene todo el mundo derecho a que se le respeten sus ideas y creencias, si aqui hay libertad de culto, si aqui cada cual puede predicar la religion que estime que se ala que su consciencia le dicte, si nosotros respetamos todas las libertades humanas?” CUBA. Presidente (1976-2008: Fidel Castro). *Discurso pronunciado en el acto por el aniversario 60 de su ingreso a la universidad, efectuado en el Aula Magna de la Universidad de La Habana*. Cuba, 17 nov. 2005. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/c130359e.html>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

profundo conhecedor da teologia e da religião. O vínculo de Castro era forte e de respeito para com a religião.<sup>141</sup>

Conforme explanado, Fidel, quando tomou a decisão de fazer a aliança com a União Soviética e nacionalizar tudo o que era estrangeiro dentro de Cuba, criou um desconforto que provocou o afastamento e a oposição da Igreja Católica. A razão era pelo fato de o clero, na sua maioria, como foi relatado, ser composto por espanhóis que seriam e foram afetados pela decisão de Fidel de nacionalizar escolas, terras, instituições bancárias e tudo o que era estrangeiro em Cuba.<sup>142</sup>

Castro usava a própria Bíblia para argumentar contra a instituição religiosa católica, dizendo que o catolicismo estava errado na postura e nas decisões que estavam tomando contrárias à Revolução. Fidel Castro chegava a dizer que os intérpretes do cristianismo não deveriam meter-se nos problemas deste mundo; afinal, como Jesus pregou, “Meu reino não é deste mundo”<sup>143</sup>, e assim deveria ser a postura da Igreja Católica. Seus representantes poderiam ser chamados de fariseus, porque deveriam estar focalizados naquilo que concernia à Igreja e não em política. Lembrando, ainda, que, nos dois primeiros séculos de colonização, a Igreja Católica não teve a influência social, econômica e política que alcançaria nos séculos seguintes, embora tenha prestado serviços religiosos às classes mais ricas e urbanas.<sup>144</sup>

Fidel Castro fazia algumas críticas à Igreja Católica, porque esta sempre ficou do lado dos mais fortes, como a Espanha, EUA, não assumindo compromisso com os pobres de Cuba. Ele era contra a inércia da Igreja Católica e o silêncio que mata, permitindo que milhões de pobres de Cuba sofressem sem ter o apoio dessa instituição. Nesse sentido, alguns autores afirmam que “[...] uma das razões pelas quais o comunismo tomou o poder tão facilmente em Cuba foi devido à fraqueza do Catolicismo cubano, e por ter a Igreja negligenciado a ação pastoral com as massas pobres e se dedicado demais aos ricos”<sup>145</sup>.

Não obstante as críticas que Fidel fazia à religião Católica, ele também admitia seu valor, chegando mesmo a compará-la com os valores cristãos:

[...] porque se a religião é a personificação de um sentimento justo e um sentimento nobre, se é a personificação de uma boa ideia, de uma ideia do bem, a Revolução é a personificação dos princípios mais nobres do homem, dos princípios mais justos do homem, [...] a Revolução luta contra todos aqueles erros que constituem os sofrimentos dos povos, e somente os falsificadores, somente os hipócritas, somente

<sup>141</sup> BETTO, 2016, p. 165.

<sup>142</sup> CRESPO, 2005, p. 10-12.

<sup>143</sup> BÍBLIA. N. T. João. Português. *Bíblia Sagrada*. Reed. Versão de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 1338.

<sup>144</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 39.

<sup>145</sup> CÁRDENAS, Eduardo. *La Iglesia hispanoamericana en el siglo XX*. Madrid: MAPFRE, 1992, p. 166.

aqueles a quem Cristo chamou de escribas e fariseus, tentam converter os religião no instrumento de interesses egoístas, mesquinhos e desumanos.<sup>146</sup> (tradução nossa)

Quer dizer, a Igreja Católica sofria críticas por ser a instituição religiosa que desempenhava um papel muito inexpressivo em prol dos mais pobres. Além disso, com o passar do tempo, Fidel Castro foi aumentando o tom de suas críticas à Igreja Católica, em razão das várias tentativas e iniciativas contrarrevolucionárias dessa instituição, tais como o ensino contra a Revolução, dentro das escolas, e os relatos de que padres estavam passando informações para a CIA, nos EUA, e Espanha, para atrapalhar o movimento.

De acordo com Frei Betto, a Igreja Católica foi fundamental para que a “[...] operação Peter Pan” ocorresse, na qual 15 mil crianças cubanas foram retiradas de Cuba e levadas para os Estados Unidos.<sup>147</sup>

Segundo Torreira Crespo, sucederam algumas iniciativas armadas formadas pelos católicos; durante o ano de 1960, dezenas de organizações foram criadas, dirigidas ou integradas por padres e católicos de diversas origens. Dentre essas organizações, destacam-se o Movimento Anticomunista Católico Unido (Macu), a Associação Médica Católica Anticomunista (Amac), Agrupamento Revolucionário Católico Anticomunista (Aracc), Cristianismo contra o Comunismo (CCC), Juventude da Ação Católica Anticomunista (Jaca), Cruzada Patriótica Cubana (CPC), Save Cuba (SAC), Ação Democrática Revolucionária (ADR), Movimento Revolucionário do Povo (FRP), Frente Revolucionária Democrática Estudantil (FRDE) e Diretório Revolucionário Estudantil (DRE), só para citar alguns exemplos.<sup>148</sup>

Nota-se o tom crítico de Fidel Castro quando afirma:

Mas podemos pedir aos dignitários da Igreja Católica, cuja atividade contrarrevolucionária é cada dia mais palpável, mais evidente, mais provocativa e mais constante, se talvez se considerem com o direito de proibir o governo revolucionário de fazer leis revolucionárias, e agir dentro da ordem social e da

<sup>146</sup> “[...] porque si la religión es encarnación de un sentimiento justo y un sentimiento noble, si es la encarnación de una idea buena, de una idea del bien, la Revolución es la encarnación de los principios más nobles del hombre [...] la Revolución combate los males de la sociedad humana, la Revolución lucha contra todas aquellas lacras que constituyen los padecimientos de los pueblos, y solo los farsantes, solo los hipócritas, solo aquellos a quienes Cristo llamaba los escribas y los fariseos, tratan de convertir la religión en instrumento de intereses egoístas, mezquinos e inhumanos”. CUBA. Presidente (1976-2008: Fidel Castro). *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto de apertura de la primera plenaria revolucionaria de La Federación Nacional de Trabajadores Azucareros, en el palacio de los trabajadores.* 15 dez. 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f151259e.html>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

<sup>147</sup> BETTO, Frei. Francisco reacende a fé em Cuba. *El País*. 24 set. 2015. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/24/opinion/1443053665\\_924985.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/24/opinion/1443053665_924985.html)>. Acesso em: 10 fev. 2018.

<sup>148</sup> CRESPO, Ramón Torreira. *La iglesia católica en la primera oleada migratoria cubana*. La Habana: Política, 2005, p. 16.

ordem civil da maneira que julgar pertinente aos interesses do povo? <sup>149</sup> (tradução nossa)

Observa-se, nas falas de Fidel Castro, que a Igreja Católica se afastou e se posicionou contra a Revolução. O então ministro Manuel Ray, logo demitido, chegou a dizer que em Cuba todos os grupos armados estavam querendo se unir por meio da Igreja Católica, e que as reuniões dos grupos armados contra a Revolução estavam ocorrendo dentro das próprias igrejas, para se planejarem estratégias contra o levante. Manuel Ray também cita que o bispo Eduardo Boza Masvidal havia escondido gente em paróquias, para planejarem ações contra a Revolução.<sup>150</sup> Masvidal era bispo auxiliar de Havana e reitor de uma universidade muito importante, a Universidad de Villanueva, que Fidel, num discurso em 1960, chamou de “Yankilandia”:

O que eles estão tentando fazer? Antes de fechar as escolas duplicam e triplicam a provocação, de modo que quando as escolas forem fechadas por falta de privilégios, façam crer internacionalmente que o Governo Revolucionário fechou essas escolas. O Governo Revolucionário não as fecha, mas eles aumentam a dose de provocação, como estão fazendo naquela universidade de Yankilandia.<sup>151</sup> (tradução nossa)

Isso porque ele acreditava que essa universidade tinha vínculo com os bispos norte-americanos. Fidel, por esse motivo, chegou a expulsar Masvidal da Ilha de Cuba, porque o bispo era um dos grandes nomes de oposição à Revolução.

Mas, o que chama a atenção no discurso de Fidel Castro é que ele não ataca a instituição religiosa, mas sim as iniciativas da Igreja Católica que eram desfavoráveis à Revolução; era contra a decisão da Igreja Católica de ser voltada para a classe média, e os padres, que, na sua maioria, eram espanhóis, e Fidel Castro queria nacionalizar tudo. Essas eram, em resumo, as desavenças de Fidel com a religião católica, em Cuba.

<sup>149</sup> “*Pero nosotros les podemos preguntar a los señores dignatarios de la Iglesia Católica, cuya actividad contrarrevolucionaria es cada día más palpable, más evidente, más provocativa y más constante, si acaso ellos se consideran con el derecho a prohibir al Gobierno Revolucionario a hacer leyes revolucionarias, y a actuar dentro del orden social y del orden civil en la forma que lo estime pertinente a los intereses del Pueblo?*” CUBA. Presidente (1976-2008: Fidel Castro). *Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la Clausura de la Plenaria Nacional de los Círculos Sociales*. 16 dez. 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/ f161260e.html>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

<sup>150</sup> GARCIA, Edmundo. No éramos aliados de los Estados Unidos. *Revista Temas*. La Habana, n. 55, p. 47-56, 2008. Entrevista concedida a Manuel Ray Rivero.

<sup>151</sup> “*Qué tratan de hacer? Antes de cerrar las escuelas duplican y triplican la provocación, para que ya de paso que las escuelas se les van cerrando por falta de privilegios, hacer crer internacionalmente que el Gobierno Revolucionario ha cerrado esas escuelas. El Gobierno Revolucionario no las cierra, pero ellos entonces aumentan la dosis de provocación, como están haciendo en esa universidad de Yankilandia*”. CUBA. Presidente (1976-2008: Fidel Castro). *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en la escalinata universitaria*. 27 nov. 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f271160e.html>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

### 2.1.2 *Confrontos e tolerância*

Mais uma vez é necessário retroceder na história para entender os eventos posteriores, pois os fatos não ocorrem sem uma razão de ser. Nos séculos XVIII e XIX, alguns elementos muito específicos do clero promoveram a modernização do ensino, tornando as escolas que davam aulas em centros que ajudaram a formação de um sentimento nacional e de independência. No entanto, essas escolas religiosas começaram a manifestar um caráter elitista e de classe muito marcado. Nesse período, a Igreja Católica detinha um terço da riqueza do país e controlava tudo relacionado à educação, instituições de caridade, asilos e hospitais. Pode-se dizer que se tornou parte orgânica do sistema de exploração colonial. Mesmo a primeira Constituição cubana, que considerava Cuba um Estado independente e soberano, determinava o catolicismo como a única religião oficial no país.<sup>152</sup>

No primeiro terço do século XIX, e imitando as disposições das Cortes da metrópole, as ordens religiosas foram suprimidas e todos os bens da Igreja foram confiscados. Uma forte campanha ideológica foi desencadeada e os jovens resistiam a dedicar suas vidas ao ministério sacerdotal. A falta de vocações foi um problema para a instituição. No entanto, pouco depois, em 1851, um novo acordo foi assinado entre a Espanha e o Vaticano para que o Estado espanhol pudesse assumir o financiamento do clero em suas colônias ultramarinas.<sup>153</sup>

A fim de conter as ideias de independência e sentimentos nacionais e minar os mais modernos setores sociais do país, a Igreja Católica ajudou o Estado espanhol, trabalhando ativamente, permitindo-lhe recuperar algumas das propriedades confiscadas e fazer doações. Nesse ponto, o catolicismo deixa de lado qualquer compromisso com a justiça social. Somando isso às críticas de José Martí à hierarquia católica e sua maneira de fazer as coisas, a consequência foi a redução da frequência dos fiéis aos templos.<sup>154</sup> Momentos de tensão para a Igreja Católica.

Nos grupos de independência havia muitas diferenças internas, mas essas também existiam entre os componentes do clero católico, já que o resultado político-militar da guerra hispano-cubano-americana era o oposto do defendido pela Igreja. Essa foi uma fratura entre os católicos do país. O clero cubano denunciou a marginalização a que foi submetido pela hierarquia eclesiástica, expressando também sua luta pela independência de Cuba. A Santa Sé não aceitou a reorganização da instituição nem a formação de uma Igreja cubana.<sup>155</sup>

---

<sup>152</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 39.

<sup>153</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 43.

<sup>154</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 39.

<sup>155</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 39.



Embora a Constituição de 1901 determinasse que houvesse separação entre o Estado e a Igreja, na prática, isso era bem diferente, já que o controle eclesiástico sobre o ensino e a moralidade cristã como um modelo de desenvolvimento social foi assumido. A legislação cuidava, então, de punir as práticas religiosas não cristãs, que cada vez mais tinham aceitação popular, e também para que a educação pública não recebesse os recursos necessários para desempenhar as suas funções.<sup>156</sup>

Durante o período republicano e as ditaduras de Machado e Batista, e até mesmo com a concorrência de igrejas protestantes, a Igreja Católica recuperou a sua posição na sociedade cubana, obteve novamente seu controle sobre o ensino particular e recebeu uma compensação substancial pelos bens confiscados pela Espanha, quantia paga pelo tesouro público cubano.<sup>157</sup>

Esse foi um período de forte resposta dos estudantes contra a influência negativa da hierarquia católica, segundo a Federação Estudantil Universitária (FEU), fundada em 1922. Para contrabalançar essa crescente influência dos estudantes rebeldes ao catolicismo, a Igreja, que não hesitara em estar presente na Universidade de Havana, criou a University Catholic Association (ACU). O objetivo principal dessa universidade era formar jovens na doutrina social cristã para constituir um grupo profissional de elite que, mais tarde, poderia ocupar espaços sociais e exercer influência a seu favor.<sup>158</sup>

A Constituição promulgada em 1940 também mantinha a tradição liberal. Apesar de estabelecer a separação entre Igreja e Estado e a liberdade de praticar todas as religiões, a hierarquia católica, de fato, estava muito satisfeita porque o texto constitucional reconhecia a existência de Deus, mantinha a educação religiosa privada e assegurava a liberdade de culto, com a exceção da *Santería*, por considerá-la contrária à moralidade cristã.<sup>159</sup>

Então, ocorre a Revolução Cubana, que foi deflagrada em 1953, cujo ponto de partida foi o fracassado assalto ao quartel de Moncada, em Santiago de Cuba, momento que trouxe também maior tensão entre a Igreja Católica e o movimento revolucionário. A declaração de Fidel Castro do caráter socialista da Revolução foi decisiva para que não ocorresse nenhum entendimento entre as duas instituições, pois o socialismo e o marxismo-leninismo representam uma ideologia que colide frontalmente com os dogmas irrevogáveis do catolicismo. A Revolução não poderia deixar nas mãos da Igreja Católica a doutrinação de

---

<sup>156</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 17.

<sup>157</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 6-7.

<sup>158</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 40.

<sup>159</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 40.



milhares de crianças e jovens. Esse foi pensamento determinante para que a Revolução assumisse sua ideologia e, assim, implantar o socialismo na Ilha.<sup>160</sup>

As relações entre o governo cubano e a Igreja Católica depois do triunfo da Revolução nunca foram fáceis, mas isso não significa que não tenha havido certo respeito mútuo. O próprio Fidel Castro reconheceu a influência positiva que os jesuítas espanhóis exerceram em sua formação, em seus anos de escola. Castro chegou a dar destaque ao alinhamento dos professores com o franquismo, regime político ditatorial constituído na Espanha, de 1939 a 1976, cujo líder era Francisco Franco – daí a origem do nome – e que tinha embasamento fascista.<sup>161</sup> De acordo com Mina, o franquismo era marcado pela ausência de pensamento e atitudes progressistas e também pelo dogmatismo de seus ensinamentos.<sup>162</sup>

A América Latina, em geral, e Cuba, em particular, não são exceção, porque a influência católica nessas sociedades é de suma importância. Deve-se ter em mente que “[...] tradicionalmente apresenta a Igreja, junto com o exército e a oligarquia, como os baluartes da ordem social e os mais poderosos atores sociais na proteção do status quo”<sup>163</sup>.

No entanto, o que é e tem sido historicamente comum em quase toda a América Latina, não é o que ocorre em Cuba. Nesse país, a Igreja Católica nunca teve a mesma influência política que no resto do continente americano. Seus esforços para representar um papel nuclear na sociedade cubana não tiveram sucesso, embora sua presença precoce no início da colonização espanhola tenha lhe rendido uma força social digna de ser levada em conta. Kirk relata que apenas entre 1% e 2% da população de Cuba era de católicos praticantes, embora sua influência moral fosse maior do que esses dados sugerem.<sup>164</sup>

No mesmo sentido, o padre Jesús Belda Mas, quando perguntado se Cuba é uma ilha católica, afirmou que os crentes são muitos, mas poucos praticantes.<sup>165</sup>

<sup>160</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 41.

<sup>161</sup> O Franquismo ou Regime Franquista (1939-1975) foi um regime político ditatorial constituído na Espanha, de 1939 a 1976, aos moldes fascistas e liderado Francisco Paulino Hermenegildo Teóduo Franco y Bahamonde, mais conhecido como Francisco Franco (1892-1975). Essa ditadura fascista na Espanha se estendeu por quase 40 anos, até sua morte em 1975. Amando de Miguel chegou a identificar até onze mentalidades ideológicas presentes no regime de Franco: autoritarismo básico, regeneracionismo corporativista, conservadorismo nacionalista, terceirismo utópico, triunfalismo imperial, nostalgia liberal, nacional-catolicismo, catastrofismo antropológico, paternalismo elitista, tecnocratismo desenvolvimentista e populismo inicial (MIGUEL, Amando de. (1975), *Sociología del franquismo*. Análisis ideológico de los ministros del régimen. Barcelona: Euros, 1975, p. 237-352).

<sup>162</sup> MINA, 1988.

<sup>163</sup> KIRK, 1995.

<sup>164</sup> KIRK, 1995.

<sup>165</sup> MAS, Jesús Belda. *Cuba, ¿a dónde vas?* Valencia: Edicep, 1999, p. 25.

De qualquer forma, é legítimo concluir que a tolerância sempre teve um limite, observando-se as diferenças ideológicas entre a Revolução e a doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana. É o que ocorre, por exemplo, sobre a questão do aborto, que é proibido pela religião católica, enquanto em Cuba é permitido, embora seja observado declínio em seu índice, a partir da explicação às mulheres em idade fértil que o aborto não é a melhor forma para evitar a descendência.<sup>166</sup>

É claro que respeito e tolerância não são suficientes para a Igreja Católica. É difícil entender quando o ponto de partida é radicalmente oposto e as ideologias incompatíveis são defendidas.<sup>167</sup>

Houve fases de luta feroz, especialmente depois que Fidel Castro declarou o caráter socialista e marxista-leninista da Revolução, com o catolicismo e o comunismo defendendo não só diferentes, mas diametralmente opostas ideologias. Mas, com o passar do tempo e como a Revolução reafirmou seus princípios e não sucumbiu ao colapso do bloco soviético e da subsequente crise econômica, o discurso mudou, entrando em uma fase de diálogo e de respeito mútuo, uma vez que Igreja e Estado eram necessários.

De acordo com Delgado Garcia, a pesquisa histórica usa dois raciocínios lógicos fundamentais: análise e síntese; como é essencial que o estudo de eventos e processos de história se decomponha em todas as suas peças para atender às suas raízes econômicas potenciais: sociais, culturais, religiosas, políticas ou etnográficas. Dessa forma, com base nessa análise, é realizada uma síntese que reconstrói e explica o fato histórico.

Essa forma de raciocínio é adequadamente ajustada ao assunto proposto aqui, pois, como já indicado, não é fácil de entender a relação entre a Igreja Católica e a Revolução Cubana sem levar em conta o desenvolvimento político e socioeconômico da Ilha, em vários períodos históricos.<sup>168</sup>

A dialética ensina que nem a natureza nem a sociedade são corpos tranquilos e imóveis, mas estão sujeitas a movimento contínuo e em constante mudança, renovação e desenvolvimento constante, em que há algo que nasce e evolui e algo que morre e expira. Além disso, a vida e a sociedade não são um conglomerado aleatório de objetos e fenômenos individuais e isolados uns dos outros, sem nenhuma relação de dependência entre si, mas constituem um todo articulado em que esses objetos e fenômenos são recíprocos e

---

<sup>166</sup> ALFONSO, Carmen R. Hernández. *100 preguntas y respuestas sobre Cuba*. La Habana: Pablo de la Torre, 1996. 112 p.

<sup>167</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 4.

<sup>168</sup> GARCÍA, Gregorio Delgado. Conceptos y metodología de la investigación histórica. *Revista Cubana de Salud Pública*, v. 1, n. 36, p. 9-10, 2010.

organicamente ligados uns aos outros; eles dependem uns dos outros e são condicionados uns aos outros.<sup>169</sup>

Nesse sentido, há uma relação com o pensamento de Bourdieu, sobre o poder simbólico – essas manifestações que não se revelam como um poder, nem um meio de coerção, mas é um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce. Quer dizer, não se revela como um poder, nem aparenta ser um meio de coerção; um poder que o indivíduo ou não sabe ou não percebe que está sofrendo algum tipo de cominação – mas embora seja um poder invisível, só pode ser exercido com a cumplicidade dos que a ele estão sujeitos.<sup>170</sup>

Sistemas simbólicos de poder invisíveis, mas estruturantes, porque são também estruturados, cuja estruturação decorre da função que os sistemas simbólicos possuem de integração social para um determinado consenso.<sup>171</sup>

Também não se deve ignorar a contradição, ou seja, o antagonismo entre instituições, parceiros sociais e ideologias conflitantes que lutam para defender seus interesses e as concepções de sociedade e no mundo quase sempre em conflito, o que se pode notar perfeitamente no fenômeno estudado.

Retrocedendo um pouco mais na história, é pertinente lembrar que, na Espanha, a Igreja Católica promoveu o ardor guerreiro da população e até mesmo os bispos estavam empenhados em recrutar espanhóis para lutar com o exército hispânico em Cuba. Também o Vaticano aprovou a atitude da hierarquia católica espanhola, conforme mensagem do Papa Leão XIII, em que abençoou as tropas espanholas que foram lutar na Ilha, expressando que:

[...] você vai lutar contra os inimigos de Espanha, contra negros e mulatos contra os brancos e crioulos, contra a ingratidão da pátria, que abusam da liberdade que foi concedida, eles fazem guerra cruel. Você vai sustentar uma guerra santa porque os insurgentes destroem as igrejas, impedem o culto divino e matam nossos fiéis.<sup>172</sup>

Além disso, os Estados Unidos passaram a fornecer aos cubanos ajuda “desinteressada” para lutar contra a Espanha, o que levou a uma guerra hispano-americana. Com o exército espanhol enfraquecido, a independência cubana ganhou terreno e a intervenção dos EUA no conflito ocorreu.<sup>173</sup>

<sup>169</sup> POLITZER, Georges. *Principios elementales y fundamentales de filosofía*. Madrid: Akal, 1985, p. 119-167.

<sup>170</sup> BOURDIEU, 1989, p. 188.

<sup>171</sup> BOURDIEU, 1989, p. 11-12.

<sup>172</sup> TORREIRA CRESPO, 2004, p. 207.

<sup>173</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 14.

A guerra entre a Espanha e os Estados Unidos terminou com a assinatura do Tratado de Paris, em dezembro de 1898, publicado pelo comandante da cavalaria e advogado José M. A González Bernard, que afirma:

[...] Considerando que tal estado de coisas não pode mais ser tolerado, *como afirma o Presidente dos Estados Unidos, em uma Mensagem que enviou ao Congresso em II de abril, convidando-o a adotar as resoluções:*

O Senado e a Câmara dos Representantes, reunidos no Congresso, concordam:

1. Que o povo de Cuba é e deve ser livre e descendente;
2. Que é dever dos Estados Unidos *exigir*, e por enquanto, seu governo *exige* que o governo espanhol transmita imediatamente a sua autoridade e governo em Cuba e retire suas forças terrestres e navais das terras e dos mares da ilha;
3. Que o Presidente dos Estados Unidos é autorizado e instruído e ordenado a usar todas as forças militares e navais dos Estados Unidos, e chamar o serviço ativo as milícias dos diferentes Estados da União, no número necessário para executar tais acordos;
4. Que os Estados Unidos, neste ato, neguem que tenham qualquer desejo ou intenção de exercer jurisdição ou soberania para intervir no Governo de Cuba, exceto por sua pacificação, e afirmar sua intenção de deixar o domínio e o Governo da Ilha para a cidade deste, uma vez realizada a dita pacificação.<sup>174</sup> (tradução nossa)

O fim da guerra hispano-americana significou a acentuação das diferenças internas das forças revolucionárias e de independência cubanas, que permaneceram juntas enquanto havia um inimigo comum: a Espanha. Depois da derrota espanhola, os Estados Unidos passam a mostrar suas verdadeiras intenções e ocuparam a Ilha a partir de 1.º de janeiro de 1899, num governo velado, decretando ordens militares, já que o Congresso dos Estados Unidos não podia promulgar leis para Cuba, por não ter o país americano assumido a soberania sobre a Ilha. Conforme explanado, os EUA contornaram essa situação política, criando a emenda Platt, em 1901, que os autorizava a intervir em Cuba a qualquer momento em que interesses recíprocos de ambos os países fossem ameaçados.<sup>175</sup>

Enquanto isso, a administração dos EUA reduziu as tarifas aplicadas aos produtos norte-americanos que pretendiam entrar em Cuba, mas o mesmo critério não foi aplicado aos produtos cubanos vendidos para os Estados Unidos. Foi decretada a livre circulação do dólar

<sup>174</sup> “Considerando que tal estado de cosas no puede ser tolerado por más tiempo, *según manifestó ya el Presidente de los Estados, en Mensaje que envió en II de Abril al Congreso, invitando á éste á que adopte resoluciones:* El Senado y la Cámara de Representantes, reunidos en Congreso acuerdan: 1.º Que el pueblo de Cuba es y debe ser libre é in de pendiente, 2.º Que es deber de los Estados Unidos *exigir* y por da presente su Gobierno *exige*, que el Gobierno español Henuncie inmediatamente á su autoridad y gobierno em Cuba y retire sus fuerzas, terrestres y navales, de las tierras y mares de la Isla, 3.º Que se autoriza al Presidente de los Estados Unidos y se le encarga y ordena que utilice todas las fuerzas militares y navales de los Estados Unidos, y llame al servicio activo las milicias de los distintos Estados de la Unión, en el número que sea necesario para llevar á efecto destes acuerdos; 4.º Que los Estados Unidos, por la presente niegan que tengan ningún deseo ni intención de ejercer jurisdicción, ni soberanía, de *intervenir en el Gobierno de Cuba*, si no es para su pacificación, y afirmar su propósito de dejar el dominio y el gobierno de la Isla al pueblo de ésta, una vez realizada dicha pacificación.” BENARD, José M. A González. *Proceso historico del tratado de Paris de 10 diciembre de 1898: con algunas ideas de derecho internacional público*. Valencia: Imprenta de E. Mirabet, 1903, p. 98.

<sup>175</sup> ÁLVAREZ, 2007, p. 15.

na Ilha, desde que todos os pagamentos fossem na moeda, desvalorizando a moeda francesa e a espanhola, que eram as que sempre foram usadas em Cuba.<sup>176</sup>

As diferenças também ocorreram no clero católico, uma vez que o resultado final da guerra hispano-cubano-americana foi exatamente o oposto do que defendeu a hierarquia eclesiástica. Isso representou uma fratura no coração católico do país. Em setembro de 1898, o clero cubano escreveu uma carta de protesto denunciando a marginalização a que foi submetido pela hierarquia católica espanhola, bem como expressando a sua posição contra o clero latino-americano e a favor da luta pela independência da Ilha. Na carta é julgada duramente a atitude da Igreja Católica, propondo à Santa Sé nomear sacerdotes cubanos para organizar e gerenciar o catolicismo na Ilha porque a formação de uma igreja nacional era fundamental para a perda de prestígio da hierarquia católica espanhola. Essa carta foi conhecida como o Manifesto do Clero Cubano Nativo. O Vaticano optou pela adesão à potência ocupante: os Estados Unidos. Sob o governo do interventor dos EUA, a Igreja Católica poderia ter relações diretas com o Vaticano, livrando-se do controle espanhol.<sup>177</sup>

Em 1903, um padre americano, Buenaventura Broderick, foi nomeado bispo auxiliar de Havana, apesar da rejeição do povo. Isso estava de acordo com a estratégia do Vaticano de instalar religiosos que poderiam efetivamente negociar seu futuro como uma instituição com os governantes dos Estados Unidos.<sup>178</sup>

A fim de mudar sua imagem pública e estar mais presente na sociedade cubana, o Vaticano nomeou um padre crioulo, Francisco de Paula Barnada, como bispo de Santiago de Cuba. Por causa dos muitos erros cometidos pela hierarquia católica durante o período colonial e também como resultado da crescente presença do protestantismo na Ilha, resultante da ocupação norte-americana e promovida como um elemento do processo de neocolonialista a religião católica foi forçada a reestruturar e redefinir seus objetivos.<sup>179</sup>

Torreira Crespo fala de adaptação e oportunismo da Igreja Católica em Cuba para manobrar astutamente e não se comprometer politicamente, nomeando, em Santiago de Cuba, um bispo identificado com a causa da independência; e, em Havana, um italiano apoiado pelo governo dos EUA. Isso garantiu sua presença nas duas tendências existentes na Ilha: a independentista e a norte-americana. O fundamental era conseguir um lugar importante na

<sup>176</sup> NAVARRO, José Cantón. *Historia de Cuba*. El desafío del yugo y la estrella. La Habana: SI-MAR, 1996, p. 75.

<sup>177</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 15.

<sup>178</sup> MONTENEGRO GONZÁLEZ, Augusto. Historiografía de la Iglesia en Cuba (1902-1952). *Anuario de Historia de la Iglesia*, 2005, n. 14, p. 317.

<sup>179</sup> CEPEDA, Rafael. Las iglesias protestantes y el expansionismo norteamericano. *Caminos. Revista Cubana de Pensamiento Socioteológico*, abr., 2012. Disponível em: <<http://www.revista.ecaminos.cu/articles/article/las-iglesias-protestantes-y-el-expansionismo-norte/>>. Acesso em: 20 jan. 2018.



nova sociedade, recuperar bens apreendidos e os danos causados pela guerra. Isso foi alcançado por meio do acordo que, em 1902, foi assinado pelos três bispos que representavam a Igreja, e o General, pelo governo interventor.<sup>180</sup>

Sobre a religião, enquanto a Constituição republicana espanhola deixou claro seu secularismo e separou o confessionário, porque o Estado espanhol não tinha religião oficial, a Constituição cubana de 1940 continha, no artigo 35, a tradição liberal, isto é, “[...] a profissão de todas as religiões é livre, como é o exercício de todos os cultos, sem outra limitação que o respeito pela moralidade cristã e pela ordem pública. A Igreja será separada do Estado, que não pode subsidiar nenhum culto”, segundo Román Díaz Ayala.<sup>181</sup> Esse texto manteve o que já preconizava a Constituição de 1901. É fácil entender, então, a satisfação da hierarquia católica, uma vez que o novo texto constitucional de 1940 proclamava a existência de Deus na sua introdução:

Nós, os delegados do povo de Cuba, reunidos em uma Convenção Constitucional, para adotar uma nova Lei fundamental que consolida sua organização como Estado independente e soberano, capaz de assegurar a liberdade e a justiça, manter a ordem e promover o bem-estar geral. [...] nós concordamos, invocando o favor de Deus, a seguinte Constituição: [...].<sup>182</sup> (tradução nossa)

Além disso, a Constituição mantinha a educação religiosa e assegurava a liberdade de culto, com exceção das já mencionadas religiões de origem africana, que foram classificadas como contrárias à moralidade cristã.

Mesmo Fulgencio Batista, muito hábil, conseguiu ganhar a simpatia e o apoio da hierarquia católica com o seu discurso abertamente anticomunista, o não cumprimento das leis constitucionais sobre educação e o estabelecimento de relações amigáveis com vários clérigos seniores. Observa-se que a Igreja Católica não conseguiu igualar o casamento civil com o eclesiástico; para o resto, ela continuou a desfrutar de total liberdade para realizar e aprofundar seus preceitos cristãos no ensino.<sup>183</sup>

Na questão educacional, mais do que um simples direito às escolas privadas, o que a Igreja Católica preconizava era a liberdade de educação e, especialmente, a educação

<sup>180</sup> CRESPO, 2004, p. 214.

<sup>181</sup> AYALA, Román Díaz. La República de Cuba y la Iglesia Católica en la Revolución. *Atrio. Lugar de Encuentro*, 25 ago. 2015. Disponível em: <<https://www.atrío.org/2015/08/la-republica-de-cuba-y-la-iglesia-catolica-en-la-revolucion/>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>182</sup> “Nosotros los delegados del pueblo de Cuba, reunidos en Convención Constituyente, a fin de dotarlo de una nueva Ley fundamental que consolide su organización como Estado independiente y soberano, apto para asegurar la libertad y la justicia, mantener el orden y promover el bienestar general, acordamos, invocando el favor de Dios, la siguiente Constitución: [...]” CUBA. *Constitución de 1940*. Disponível em: <[https://www.cubanet.org/htdocs/ref/dis/40\\_2.htm](https://www.cubanet.org/htdocs/ref/dis/40_2.htm)>. Acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>183</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 22.



compulsória da religião nas escolas públicas. Não era tanto uma questão econômica, mas fundamentalmente ideológica, embora fosse claro que a ideologia e o desenvolvimento da mente dos estudantes desde a infância teria então uma consequência econômica favorável e importante projeção social, que, em longo prazo, traria também benefícios pecuniários.

Da mesma forma, a instituição católica aumentou sua riqueza e teceu uma obscura rede de alianças políticas, especialmente com os presidentes Ramón Grau e Carlos Prío.<sup>184</sup>

Prova disso foi a carta pastoral do Cardeal Manuel Arteaga, publicada em 1946, na qual declarou a natureza apolítica da Igreja Católica e do direito dos fiéis de apoiar com o seu voto qualquer partido político, com exceção dos candidatos do Partido Socialista Popular.<sup>185</sup>

Assim, pode-se entender melhor o desconforto, as duras críticas e os ataques verbais do Vaticano e da hierarquia católica em Cuba à Revolução Cubana, uma vez que Fidel Castro declarou o caráter socialista do movimento, em abril de 1961; e, em seguida, marxista-leninista, em dezembro do mesmo ano, conforme Torreira Crespo.<sup>186</sup>

Dado que a política dos EUA de *big stick*<sup>187</sup>, exercida há décadas por governos dos Estados Unidos, envolveu a rejeição dos povos da América Latina, o presidente Roosevelt começou a usar, sem modificar a essência de seu imperialismo, novas e mais sutis formas de dominação no continente, que tinham sua expressão na “política do bom vizinho”. Isso levou ao rebaixamento do militarismo, às intervenções e à promoção de regimes ditatoriais nos países latino-americanos.<sup>188</sup> De qualquer forma, a América Latina nunca deixou de ser o “país de origem” dos Estados Unidos para seus governos e suas empresas.<sup>189</sup>

No caso específico de Cuba, a Ilha se beneficiou dessa nova política para fazer algumas mudanças institucionais reivindicadas por certos setores da burguesia nacional que aspiravam a um governo civil e democrático.

Batista, sempre atento e solícito com os desejos dos Estados Unidos, foi o protagonista dessas mudanças; não foi em vão ter sido eleito presidente nas eleições gerais de

<sup>184</sup> GALLEGOS, 2015.

<sup>185</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 22.

<sup>186</sup> CRESPO, 2004, p. 23.

<sup>187</sup> *Big stick* (grande porrete) é o nome dado ao modo como o presidente Roosevelt resolvia conflitos diplomáticos. Era adepto da Doutrina Monroe, que defendia que os Estados Unidos eram uma liderança mundial, sendo seu dever também intervir na política externa para afastar o poderio europeu no Continente Americano, doutrina associada ao slogan “América para os americanos”. A política para a América Latina durante o governo Roosevelt (1901-1909) seria conhecida como *big stick*, promovendo intervenções em vários países na América Central e Caribe. “A origem dessa denominação é uma frase retirada de um provérbio indígena ouvido por Roosevelt numa viagem à África Oriental: ‘Quando fores visitar teu adversário fala em voz baixa, mas leva um porrete na mão’”. (AYERBE, 2002, p. 53).

<sup>188</sup> MEITÍN, Enrique A. *El gran enemigo*. Expansión, intervención y militarismo. La Habana: Editora Política, 1989. 162 p.

<sup>189</sup> CAMACHO, Santiago. *Las cloacas del imperio*. Lo que EE UU oculta al mundo. Madrid: La Esfera de los Libros, 2004. 431 p.

julho de 1940. Tanto no mandato de Ramón Grau, sucessor de Batista, como no de Carlos Prío, houve uma importante repressão. Neste contexto, vários membros do Partido Autêntico não ficaram satisfeitos com a deriva dos acontecimentos, afastaram-se desta força política e fundaram em 1947 o chamado Partido do Povo Cubano (Ortodoxo).<sup>190</sup>

Nas semanas antes das datas das eleições de 1952, tudo parecia assegurar a vitória desse jogo, principalmente por causa do carisma de seu líder, Eduardo Chibás, mas a frustração logo chegou quando ocorreu o novo golpe perpetrado por Fulgencio Batista – com o apoio, como de costume, dos Estados Unidos. O governo militar substituiu o Congresso por um Conselho Consultivo, aboliu a Constituição de 1940, estabelecendo estatutos constitucionais, também acabou com a liberdade de expressão, greve e assembleias, aniquilou a autonomia universitária e estabeleceu a pena de morte. Ao mesmo tempo, a política de reduzir a produção de açúcar diminuiu os rendimentos, aumentou o desemprego e reduziu os salários e o poder de compra dos cidadãos.<sup>191</sup>

Esse golpe e suas consequências brutais chocaram o povo cubano, porque rompeu com a ordem constitucional e porque os precedentes de Batista à frente da nação não traziam um bom vislumbre para a democracia, nem para os adversários.

E a Igreja Católica? Esta não só não condenou o golpe, mas, verdade seja dita, acatou o novo regime, que era baseado na força e terror policial, e garantiu sua legitimidade a partir do momento em que o Cardeal Manuel Arteaga foi ao palácio presidencial para prestar seus respeitos a Fulgencio Batista, segundo Torreira Crespo.<sup>192</sup>

Esse comportamento do prelado em muito diferia daquele que manifestou em 1940, quando lutou contra as tendências comunistas e anticlericais que surgiam na sociedade cubana. De maneira geral, a Igreja Católica não mudou durante a tirania de Batista, porque mantinha uma relação semelhante à que existia com os sucessivos governos republicanos.<sup>193</sup>

Foi assim, em resposta ao golpe e à conseqüente tirania de Fulgencio Batista, que o novo movimento, liderado por Fidel Castro, jovem advogado, lançou um manifesto contundente, intitulado *Revolución no, zarpazo*<sup>194</sup>, conforme Canton Navarro.<sup>195</sup> Nesse manifesto, Fidel Castro, denunciava a tirania e a opressão que pairava sobre Cuba, chamando a resistência cubana e a luta armada contra a ditadura. Em suas próprias palavras: “Mesmo

<sup>190</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 25.

<sup>191</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 23.

<sup>192</sup> CRESPO, 2004, p. 223.

<sup>193</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 23.

<sup>194</sup> “Um ‘zarpazo’ é um soco e não apenas um gancho de um peso-pluma, mas verdadeiramente uma pancada de quebrar os ossos de um peso-pesado”. REID-HENRY, Simon. *Fidel & Che. Uma amizade revolucionária*. Tradução de Oscar Mascarenhas. Alfragide, Portugal: Casa das Letras, 2009, p. 45.

<sup>195</sup> NAVARRO, 1996, p. 47.

antes do golpe de Estado de Batista, cheguei à conclusão de que resolver os problemas requeria uma mudança radical; em duas palavras: uma revolução”<sup>196</sup>. E assim ocorreu o golpe, como já foi relatado, em julho de 1953, com Fidel Castro e um grupo de revolucionários na fracassada ação de atacar os quartéis militares de Moncada e Carlos Manuel de Céspedes, localizados, respectivamente, em Santiago de Cuba e Bayamo, com muitas mortes e a prisão de outros tantos assaltantes, dentre os quais o próprio Fidel Castro e seu irmão Raúl.

Por causa da pressão popular, as relações amistosas que a mãe de Fidel Castro tinha com a então primeira-dama e a intervenção do bispo de Santiago de Cuba, Enrique Pérez Serantes, foi decretada uma anistia para presos políticos, em 1955. Fidel Castro e seus companheiros revolucionários foram para o México, e o argentino Ernesto Che Guevara fundou o Movimento chamado 26 de Julho, em alusão ao fracassado ataque ao quartel Moncada. No fim de 1956, os combatentes revolucionários deixaram Tuxpan (México) no famoso iate Granma, a fim de chegar a Cuba para começar uma guerrilha que serviria para derrubar Batista e acabar com a ditadura militar. Os revolucionários tornaram-se fortes na Sierra Maestra, no leste da Ilha e, em pouco tempo, depois de travar duras batalhas pelo território, avançaram.

Enquanto isso, a Igreja Católica temia que esses atos revolucionários levassem a uma revolta popular armada que colocaria em perigo tanto o cenário existente quanto sua própria posição. Por essa razão, ofereceu-se como um elemento apaziguador e mediador para ajudar a capturar o grupo de jovens revolucionários que se tornaram fortes na Sierra Maestra. Mas, em momento algum houve uma declaração oficial do episcopado cubano ou da Santa Sé contra a cruel repressão que o governo desencadeou. Ou que por toda a Ilha foram organizados movimentos clandestinos e resistência civil em solidariedade com o povo, aos quais vários católicos e outros religiosos foram integrados. Até mesmo o pároco de Nueva Gerona, Guillermo Sardiñas, se juntou ao exército rebelde, como tinha ocorrido em outras guerras e movimentos revolucionários, nos quais havia sempre sacerdotes de ambos os lados.<sup>197</sup>

Na sequência de eventos, Fulgencio Batista deixou o país em dezembro de 1958, deixando no comando da nação Eulogio Cantillo; Fidel Castro conclamou o povo para a greve geral para derrubar o governo provisório e entrou vitorioso em Havana, como chefe das tropas rebeldes, em 1.º de Janeiro de 1959, quando o triunfo final da Revolução ocorreu.

---

<sup>196</sup> MINA, 1988, p. 31.

<sup>197</sup> MINA, 1988, p. 258.

No poder, o novo governo foi formado, cujo presidente era Manuel Urrutia Lleó e o primeiro-ministro José Miró Cardona. Fidel Castro permaneceu Comandante em Chefe das Forças Armadas. Foi presidente de Cuba de 1976 a 2008, quando transferiu todos os poderes nação a seu irmão Raúl Castro.<sup>198</sup>

Segundo Kirk, a Igreja Católica foi enriquecendo durante as décadas de 40 e 50 do século XX porque o clero foi capaz de organizar diversas alianças políticas com os líderes de cada momento, fundamentalmente durante os governos de Ramón Grau e Carlos Prío.<sup>199</sup>

Mesmo depois do golpe de Estado perpetrado por Fulgencio Batista, em 1952, a igreja continuou com sua estratégia de tecer relações políticas favoráveis. A exceção, como já mencionado, foi o Bispo de Santiago de Cuba, Enrique Pérez Serantes, que se declarou pessoalmente para a liberdade de Fidel Castro e outros líderes rebeldes depois do assalto ao quartel Moncada e condenou as represálias brutais pelo governo.<sup>200</sup>

A reação da Igreja Católica ante a ditadura de Batista foi um claro reflexo da sua atitude em relação à luta pela independência, isto é, sua posição era longe de ser unânime. Enquanto a maioria dos bispos se opôs à renúncia de Batista, três deles foram a favor. Muitos católicos lutaram contra a ditadura e morreram, como o líder estudantil José Antonio Echeverría<sup>201</sup>, mas muitos eram apoiantes firmes do Governo repressivo e inimigos dos revolucionários. Havia também divisões entre os protestantes, enquanto a maioria deles permaneceu fora da luta política, outros, tais como Frank Pais, praticante evangélico, participou ativamente na luta contra a ditadura.<sup>202</sup>

Apoio ou condenação à ditadura de Fulgencio Batista não era a única preocupação nesse período histórico da Igreja Católica, que precisava também especificar suas prioridades, isto é, seu papel no ensino e seu poder econômico.

Conforme já foi colocado, a Igreja Católica cubana era basicamente urbana e dirigida pelo clero espanhol; atendia à burguesia e estava ausente nas áreas rurais. A hierarquia católica era muito clara sobre onde estavam a riqueza e a influência social e política.<sup>203</sup>

<sup>198</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 24.

<sup>199</sup> KIRK, 1995, p. 3.

<sup>200</sup> URÍA, Ignacio. *Iglesia y Revolución en Cuba*. Enrique Pérez Serantes (1883-1968), el o bispo que salvó a Fidel Castro. Madrid: Ediciones Encuentro, 2011. 624 p.

<sup>201</sup> José Antonio Echeverría Bianchi (1932-1957) foi estudante cubano e líder revolucionário, presidente da Federação Estudantil Universitária (FEU), de 1954 a 1957. Foi fundador da Direção Revolucionária (braço armado da FEU) e um dos principais líderes da oposição à ditadura de Batista. Assinou, com Fidel Castro, a Carta do México, que uniu a FEU e o Movimento 26 de Julho na libertação de Cuba. Morreu aos 25 anos de idade, durante as ações de 13 de março de 1957, contra a tirania presidencial. Disponível em: <[https://www.ecured.cu/Jos%C3%A9\\_Antonio\\_Echeverr%C3%ADa](https://www.ecured.cu/Jos%C3%A9_Antonio_Echeverr%C3%ADa)>. Acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>202</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 25.

<sup>203</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 25.

Pode-se dizer que “[...] estes problemas ocupam uma linha de frente, posição como o processo revolucionário estava tomando todo o país, privando a Igreja de todos os seus privilégios e rapidamente alienou muitos de seus membros do clero que optaram por deixar Cuba”<sup>204</sup>.

Essa tendência para a busca do bem-estar sociopolítico e econômico havia se tornado uma prioridade para o clero católico, embora constituindo um grande desafio.

### 2.1.3 *Influência da Revolução Cubana na Igreja Católica*

Conforme apontado, Fidel Castro não podia ser classificado, em sua vida pregressa, como um marxista, mas os muitos acontecimentos vividos por Cuba depois do triunfo revolucionário o fizeram consciente de aplicar um modelo marxista-leninista em seu país. Primeiro, foi possível considerar que ele era um líder do partido nacionalista da justiça social, direitos democráticos dos trabalhadores e da soberania nacional contra a interferência externa, especialmente dos Estados Unidos. Sua inspiração foi José Martí mais do que Karl Marx. Embora, eventualmente, Martí tenha tentado reconciliar os dois pensamentos:

Antes de ser um marxista eu era um grande admirador da história do nosso país e de Martí. Porque eu estou absolutamente convencido de que, se Martí tivesse vivido no ambiente em que Marx viveu, ele teria tido as mesmas ideias, mais ou menos o mesmo desempenho. Martí tinha grande respeito por Marx, ele disse uma vez: Como ele estava ao lado do fraco, ele merece honra. Quando ele morreu, Marx escreveu coisas muito bonitas sobre ele. Eu digo que no pensamento de Martí há coisas tão fabulosas e tão belas, que se pode tornar um marxista a partir do pensamento de Martí. Claro que Martí não explica a divisão da sociedade em classes, embora ele fosse o homem que estava sempre do lado dos pobres, e era um crítico constante dos piores vícios de uma sociedade de exploradores.<sup>205</sup>

De acordo com Armando Hart e Raul Valdés, o pensamento socialista no século XX em Cuba manteve grande respeito pela tradição de Martí e da cultura cubana.<sup>206</sup> Apesar disso, nem a hierarquia católica permaneceu impassível diante das pressões oficiais desencadeadas contra os católicos praticantes ou contra a massiva nacionalização da propriedade privada. Não se deve esquecer que a Igreja Católica ficou sempre do lado do forte, tecendo laços estreitos com todos os sistemas sociais, econômicos e políticos de opressão que existiam em Cuba até o triunfo da Revolução, em 1959.

<sup>204</sup> KIRK, 1995, p. 3.

<sup>205</sup> CASTRO RUZ, Fidel. *Ideología, conciencia y trabajo político*, 1959-1986. La Habana: Editorial Política, 1991, p. 124.

<sup>206</sup> DÁVALOS, Armando Hart; VIVÓ, Raúl Valdés. *Martí y Marx en el Socialismo de Cuba*. La Habana: Oficina del Programa Martiano, 2002, p. 46-47.



O conluio católico com saqueadores desde os tempos coloniais, seu confronto com aqueles que lutaram pela independência, cumplicidade com o governo dos EUA intervencionista e alinhamento com as ditaduras sangrentas da primeira metade do século XX são elementos que serviram para incentivar a pouca aceitação do povo cubano em direção à hierarquia eclesiástica.

Para a população, a Igreja Católica estava mais preocupada com sua influência política, a sua posição na sociedade, seu bem-estar econômico e controle das classes média e alta, orientadas para o ensino privado, do que com um serviço pastoral cristão verdadeiro com os mais desfavorecidos, ou seja, a população rural, párias sociais e mulatos ou negros. E há o pensamento, como já foi falado, que o comunismo chegou ao poder tão facilmente foi por causa da fraqueza do Catolicismo cubano e por ter a Igreja se isentado de sua ação pastoral com os pobres, dedicando-se demais aos mais abastados.<sup>207</sup>

De qualquer forma, pode-se afirmar que a Igreja Católica nunca teve vida fácil sob o governo revolucionário cubano, porque suas ideologias, fundações e objetivos se opõem. A este respeito, afirma Kirk:

Talvez a maior tragédia da Igreja em Cuba tenha sido a Revolução ter ocorrido cerca de três anos antes do Concílio Vaticano II (1962-1965) ter começado e não depois. De fato, muitas das importantes mudanças que emanaram do Concílio foram o resultado de uma compreensão do Vaticano, na época liderada pelo Papa João XXIII, de que o 'velho modo de fazer as coisas', como claramente observado na Cuba pré-revolucionária não era mais aceitável e, portanto, era hora de uma modernização radical da Igreja.<sup>208</sup>

Foi assim que a hierarquia da Igreja Católica passou por uma profunda desmoralização, o que significava perda de privilégios, quando a Revolução Cubana foi declarada socialista e, em seguida, marxista-leninista. As novas políticas revolucionárias afetaram todas as propriedades, instituições, agências e setores econômicos do país.

Com a Igreja Católica não seria diferente, porque as escolas administradas por ela eram nacionalizadas e consistiam numa fonte fundamental de renda e prestígio social, e até mesmo seus fundamentos de apoio social e sua situação econômica foram perdidos quando a classe média urbana, profissionais e especialistas fugiram da Ilha, incluindo muitos religiosos e sacerdotes. Historicamente, as políticas em favor das classes trabalhadoras e desfavorecidas não beneficiavam o clero.<sup>209</sup>

<sup>207</sup> CÁRDENAS, 1992, p. 166.

<sup>208</sup> KIRK, 1995, p. 4.

<sup>209</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 31.

## 2.2 O período pós-Revolução e a Igreja Católica

Este subcapítulo apresenta uma visão geral do comportamento da Igreja Católica no período pós-Revolução, seu entusiasmo pela vitória do movimento revolucionário, no início, e os momentos de desencontros e tensões entre a Igreja Católica e o novo regime. Também é apresentado o “Período Especial em Tempos de Paz”, denominação do governo cubano para uma difícil fase enfrentada pelo país, que também foi marcada por um avivamento do catolicismo.

### 2.2.1 *Visão geral*

A declaração sobre a participação dos católicos na Revolução Cubana pelo Embaixador Lojendio é categórico: “Ao ganhar [...] o movimento revolucionário, a massa quase total do catolicismo cubana se somou à revolução”<sup>210</sup>. Segundo ele, os católicos se juntaram com alegria pela vitória e *Te Deums* (Ação de Graças) foram realizados em igrejas e na proclamação do novo regime.<sup>211</sup> A alegria pelas ruas de Havana – naquele janeiro de 1959, quando os revolucionários desfilaram triunfalmente – se justificava, por causa do fim de uma ditadura corrupta e repressiva, que já durava quase sete anos.

Porém, em menos de dois anos, a situação do país mudaria e os católicos foram considerados contrarrevolucionários, traidores da pátria e lacaios do fascismo, sendo acusados de apoiar a ditadura de Batista. A mídia se dedicava a desacreditar a Igreja Católica e uma campanha perfeitamente arquitetada levou ao silenciamento de qualquer forma de religiosidade cubana.<sup>212</sup>

O que ocorreu é que a Igreja, que participou com entusiasmo da chegada dos com rosários pendurados no pescoço, logo teria transformada a alegria inicial em desencanto. O arcebispo de Santiago de Cuba, Pérez Serantes, seria o primeiro a mostrar sua repulsa em decorrência das mortes sumárias em uma circular intitulada “Antes dos tiroteios”. Em fevereiro, o episcopado passou a intervir na defesa do direito dos cubanos à educação

---

<sup>210</sup> SÁNCHEZ, M. de Paz. *La Iglesia Católica y la Revolución Cubana: Un informe del embajador Lojendio*. Anuario del Archivo Histórico Insular de Fuerteventura, n. 13, Fuerteventura, Islas Canarias, 2000, p. 305.

<sup>211</sup> CUARTERO, 1998, p. 85.

<sup>212</sup> CUARTERO, 1998, p. 85.

religiosa; também a Lei de Reforma Agrária, de 17 de maio, trouxe desconforto entre o clero, que passou a enfrentar as primeiras divisões em seu meio.<sup>213</sup>

Sobre isso, em entrevista a Frei Betto, Fidel Castro apontou que a Igreja Católica não era popular e não era uma Igreja do povo pobre, que era a maioria dos cubanos. Ele disse:

Porque eles não encontram o que inventar para nos acusar e até nos acusam de querer fundar uma igreja, eles nos acusam de querer separar a Igreja Cubana da Igreja de Roma, como se tivesse algo a ver com o problema religioso com a Reforma Agrária, a Lei do Arrendamento e todas as medidas revolucionárias; como se nos interessasse de algum modo interferir com os sentimentos religiosos de alguém.<sup>214</sup> (tradução nossa)

Para entender melhor a oposição da Igreja em relação às atitudes tomadas pelo governo revolucionário, é preciso lembrar que a composição do clero cubano era quase toda espanhola, o que pode explicar a acomodação e o distanciamento que a Igreja mantinha da maioria do povo cubano, nesse período pré-revolucionário.

A reforma agrária, primeira medida significativa tomada pelo governo revolucionário, não afetou diretamente os interesses da Igreja, inclusive esta apoiou a decisão do governo: “Com essa atitude a Igreja confirmava sua visão da necessidade de uma redistribuição nas terras cubanas”.<sup>215</sup>

Mas, embora tivesse apoiado a reforma agrária, a Igreja passou a olhar com desconfiança para as medidas do novo governo. Os latifundiários, que se sentiram prejudicados, usando valores religiosos, protestavam contra essa reforma e buscavam na Igreja apoio para suas exigências. A partir daí, as classes média e alta passaram a usar os valores cristãos contra todas as medidas populares que o governo revolucionário passou a tomar. Clero e burguesia se aliaram contra as medidas revolucionárias, transformando-se em uma só voz na luta contra a Revolução.

Todavia, isso não quer dizer que essa aliança de Igreja e burguesia tenha sido unânime, pois muitos sacerdotes e católicos leigos aderiram às causas da Revolução. O já citado Enrique Pérez-Serantes publicou uma carta intitulada “Roma ou Moscou” acusando e

<sup>213</sup> CUARTERO, 1998, p. 85-88.

<sup>214</sup> “Porque no hallan ya qué inventar para acusarnos y hasta nos acusan de querer fundar una iglesia, nos acusan de querer separar la Iglesia cubana de la Iglesia de Roma, como si tuviera algo que ver el problema religioso con la Reforma Agraria, La Ley de Alquileres y todas las medidas revolucionarias; como si a nosotros nos interesara em algún sentido interferir los sentimientos religiosos de nadie”. CUBA. Presidente (1976-2008: Fidel Castro). *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto de apertura de la primera plenaria revolucionaria de la federación nacional de trabajadores azucareros, en el palacio de los trabajadores*. 15 dez. 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f151259e.html>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

<sup>215</sup> FERNÁNDEZ, Alexis Pestano. Iglesia Católica y Revolución cubana. *Espacio Laical*, Havana, p. 3, 2007. Disponível em: <<http://www.espaciolaical.org/contens/10/5559.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

alertando sobre os males do socialismo – medida que acarretou revolta em grande parcela da população católica que passou a acusar o arcebispo de ser contrarrevolucionário.

A aliança Igreja-burguesia, mais uma vez, mostrava quão distante estava o clero da população de Cuba. Assim, a hierarquia do clero, ao se opor ao processo transformador revolucionário da sociedade, assumiu uma posição de confrontação política tanto com a direção revolucionária quanto com as massas populares que apoiavam de maneira quase unânime essas medidas.<sup>216</sup>

Os conflitos ocorreram porque assim que Fidel Castro assumiu o poder em Cuba, em 1959, começou a impor aos poucos o socialismo no país, incluindo o ateísmo de Estado. Isso levou muitos bispos cubanos, em 1960, a escrever uma carta reafirmando a posição da Igreja contra o comunismo e a conclamar os católicos a rejeitar esse regime. Como resposta, o Governo confiscou as propriedades da Igreja e prendeu muitos fiéis e, em 1969, Fidel Castro proibiu a celebração do Natal, mas o pretexto usado foi que os recursos eram necessários para o seu plano utópico de alcançar uma colheita de açúcar de 10 milhões de toneladas.<sup>217</sup>

Onde devemos estar em 24 de dezembro? [...] ‘Na cana!’ Na cana! Onde devemos estar no primeiro dia de janeiro? [...] ‘Na cana!’ Onde devemos estar em 2 de janeiro, comemorando o aniversário da Revolução? [...] ‘Na cana!’ Na cana! [...] E isso será uma verdadeira comemoração! Isso sim, que será uma memória digna dos que lutaram e eles refrearam por esta causa! Isso será um avanço da consciência! E por quê? Talvez porque não gostaríamos de celebrar essa data de outra maneira, com festas, com concentrações? Talvez porque não gostaríamos de comemorar festivais tradicionais? Não, mas porque a necessidade impõe essa atividade a nós, a necessidade impõe esse dever sobre nós.<sup>218</sup> (tradução nossa)

A resposta aos bispos marcou mais um período de relações tensas entre a Igreja e o Estado em Cuba. Essa proibição só acabou 30 anos depois, em 1998, por intervenção do Papa João Paulo II, como será relatado neste trabalho.

<sup>216</sup> CRESPO, 2005, p. 12.

<sup>217</sup> CHURCHPOP. *Cuando Fidel Castro permitió la Navidad gracias a San Juan Pablo II*. 28 nov. 2016. Disponível em: <<https://es.churchpop.com/2016/11/28/cuando-fidel-castro-permitio-la-navidad-gracias-a-san-juan-pablo-ii/>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

<sup>218</sup> “*Tenemos las tradicionales fechas de fines de año: la Nochebuena, el Año Nuevo, el 2 de Enero. ¿Dónde debemos estar el día 24 de diciembre? [...] ‘¡En la caña!’ ¡En la caña! ¿Dónde debemos estar el día Primero de Enero? [...] ‘¡En la caña!’ ¿Dónde debemos estar el día 2 de enero, conmemorando el aniversario de la Revolución? [...] ‘¡En la caña!’ ¡En la caña! (aplausos prolongados) ¡Y esa sí que será una verdadera conmemoración! ¡Ese sí que será un recuerdo digno de los que han luchado y han caldo por esta causa! ¡Ese sí será un avance de la conciencia! ¿Y por qué? ¿Acaso porque no nos gustaría celebrar de otra forma esa fecha, con fiestas, con concentraciones? ¿Acaso porque no nos gustaría conmemorar las fiestas tradicionales? ¡No!, sino porque la necesidad nos impone esa actividad, la necesidad nos impone ese deber.*” CUBA. Presidente (1976-2008: Fidel Castro). *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto para dar inicio a la etapa masiva de la zafra de los 10 millones de toneladas, efectuado en el teatro “Chaplin”, La Habana, 27 oct. 1969*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1969/esp/f271069e.html>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

O clero cubano argumentou que o que colocou governo revolucionário e Igreja em lados opostos foi o caminho ideológico sustentado por uma doutrina anticlerical que levou as divergências entre Igreja e Estado. Para a Igreja cubana foi, portanto o socialismo que levou ao desconcerto Igreja-Estado.

O fato de ter sido proclamado a natureza marxista-leninista da revolução, em 1961 pode ter levado a Igreja a ter esperança de que as atividades contrarrevolucionárias, em especial as organizadas pelos Estados Unidos, com a participação dos exilados, tivessem sucesso. Assim, em 17 de abril de 1961, ocorreu a invasão de Praia Girón, na Baía dos Porcos e, entre os invasores, um grande número pertencia a alguma organização católica. Também alguns padres espanhóis, ex-residentes de Cuba, que fugiram para os Estados Unidos, estavam entre eles.<sup>219</sup>

Isso representou um conflito para muitos cubanos e também para muitos que estavam ativamente ligados à Igreja Católica, que não estavam preparados para enfrentar a implementação de um projeto social de cunho marxista-leninista. Entre as forças que se opuseram ao governo revolucionário, também havia homens e mulheres de fé, católicos e protestantes e, provavelmente, não faltaram outros religiosos, como em outros tempos e lugares, apoiaram ou simpatizaram com a oposição.

O caráter institucional da Igreja era interpretado como um poder ameaçador, que, aliado à relação crítica entre os governos de Cuba e dos Estados Unidos e à introdução progressiva de métodos de corte soviético, estava se deteriorando progressivamente as relações Igreja-Estado, em Cuba. Uma das medidas mais radicais que afetaram a Igreja Católica foi a expulsão, em 1961, de 131 sacerdotes no navio espanhol “Covadonga”, incluindo o Bispo Auxiliar de Havana Monsenhor Eduardo Boza Masvidal, hoje Vigário Geral em Los Teques, Venezuela.<sup>220</sup> Agustín Aleido Román assim relatou a chegada do vigário ao navio:

Nós o vimos chegando. Estávamos dentro do navio espanhol ‘Covadonga’. Era meio-dia de 17 de setembro de 1961. Foi trazido por um grupo de milicianos armados com submetralhadoras. Seus rostos mostravam desprezo por esse homem. Eles o expulsaram como alguém que se liberta de algo prejudicial. Ele não conseguia se barbear havia uma semana desde que estava na prisão. Ele se sentiu exausto porque o deixaram dormir muito pouco com os fortes interrogatórios que o G-2 fazia quando caímos em suas mãos. O embaixador da Espanha estava esperando

---

<sup>219</sup> GALLEGOS, Blanca I. Pedroza. Catolicismo y Revolución Cubana. Pacarina del Sur. *Revista de Pensamiento Crítico Latinoamericano*, ano 6, n. 22, 2015. Disponível em: <<http://www.pacarinadelsur.com/home/abordajes-y-contiendas/1080-catolicismo-y-revolucion-cubana>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>220</sup> CUARTERO, 1998, p. 90.



por ele ao lado da escada do navio. Que contraste! O diplomata se ajoelhou e beijou o anel do bispo que iniciou o caminho do exílio.<sup>221</sup>

Outros padres também foram pressionados a deixar o país, e um grande número de padres e freiras o fizeram. As escolas e outras instalações de cuidados foram desapropriadas. Vários seminaristas que fizeram seus estudos fora de Cuba não conseguiram permissão para retornar.<sup>222</sup> Em consequência, em poucas semanas, o número de padres, homens e mulheres religiosos foi drasticamente reduzido. Havia apenas cerca de 200 padres restantes; as comunidades religiosas femininas passaram de 158 para 43, as masculinas de 87 para 17.

Quer dizer, como boa parte dos padres da Ilha cubana era estrangeira, a expulsão de sacerdotes foi um golpe desestabilizador para Igreja. Anos depois, Monsenhor Masvidal assim analisou o fato:

Em 1959, Cuba tinha 691 sacerdotes para mais de 6 milhões de habitantes. Assim, em um século, o número de sacerdotes diminuiu em quase cem sacerdotes e o número de habitantes aumentou em mais de 5 milhões. Como é possível rejeitar a ajuda de nossos irmãos em outros países? Deixar Cuba fora dos padres não cubanos é equivalente, portanto, humanamente falando, a dar à Igreja cubana, isto é, à Igreja Católica em Cuba, um golpe mortal.<sup>223</sup>

De acordo com o teólogo Leonardo Boff, depois da Revolução Cubana, muitos católicos fugiram de Cuba, pois a Igreja Católica era considerada contrarrevolucionária. Somente em 1992 Fidel mudou a Constituição, e Cuba se transformou num Estado laico, não ateu. Assim, era possível ser cristão e membro do Partido Comunista ao mesmo tempo.

Também ocorreu o fechamento de escolas administradas pela Igreja Católica, fato que, como assinala Gallegos, tem sido interpretado, muitas vezes, por causa de sua atitude para com a Revolução e até mesmo como um ato de retaliação por parte do Governo revolucionário pela invasão da Baía dos Porcos. No entanto, isso foi parte de um processo mais complexo, relacionado à nacionalização das empresas mais estratégicas para a vida nacional e com uma concepção específica de educação. Quer dizer, a educação tinha que ser estritamente laica e um direito de todos os cubanos, e que o Estado não poderia delegar aos indivíduos, porque a única maneira de garanti-la para toda a sociedade sem distinção era sua natureza gratuita.<sup>224</sup>

Também é verdade que o Governo revolucionário não poderia deixar nas mãos da Igreja a doutrinação de milhares de crianças, pois seria uma dissidência declarada no campo

<sup>221</sup> FERNÁNDEZ, 1984, p. 114.

<sup>222</sup> FERNÁNDEZ, 1984, p. 114.

<sup>223</sup> FERNÁNDEZ, 1984, p. 112.

<sup>224</sup> GALLEGOS, 2015.

ideológico. Além da visão subjetiva da Igreja Católica sobre a perda de apoio, financiamento e privilégios, o fato é que as instituições revolucionárias cubanas praticaram um assédio claro contra católicos praticantes, contribuindo ainda mais para intensificar os antagonismos ideológicos, a desconfiança mútua e as reclamações de todos os tipos, relata Gallegos.<sup>225</sup>

Não bastasse isso, a hierarquia católica, com o arcebispo Enrique Perez Serantes à frente, vivenciou o maior êxodo dos religiosos que se dedicavam ao ensino nas escolas, de 2.225, em 1960, a 191, em 1965, variando de cerca de 200, em 1970.<sup>226</sup> Isso pode ser interpretado como a posição tradicional e camaleônica da Igreja Católica de se adaptar aos tempos e tentar sobreviver nas melhores condições, em qualquer circunstância, por mais adversa que seja. Como indicado por Heinz Dieterich, autor do prefácio do livro *A História me absolverá*, o Vaticano “[...] conseguiu sobreviver ao sistema escravista romano, ao capitalismo feudal, ao socialismo global Europeu, com base apenas na força de sua metafísica reacionária”.<sup>227</sup>

No entanto, diante do rumo que tomou o aprofundamento da Revolução, logo a compreensão que se mostrava ao Governo revolucionário acabou e houve duras críticas e denúncias abertas. O descontentamento se voltava, especialmente, no que dizia respeito às novas relações com a União Soviética, a supressão da propriedade privada, a nacionalização e a perda do privilégio educacional. Em dezembro de 1960, as linhas de batalha entre o comunismo ateu do Governo revolucionário e o que alguns chamavam de a Igreja, em Washington, foram traçadas.<sup>228</sup>

A esse respeito, deve-se ter em mente que a construção do comunismo na União Soviética e em outros países em sua órbita foi baseada no ateísmo como uma ideologia oficial. Pensava-se que um marxista não poderia ter nenhuma crença religiosa que não fosse ditada por uma concepção científica do mundo.

A Igreja Católica, baseada na experiência do que se passou nas nações socialistas, assumiu que algo semelhante ocorreria em Cuba depois do estabelecimento do socialismo e do marxismo-leninismo, conforme aponta Gallegos.<sup>229</sup> Fiel a esse espírito de adaptação à situação dominante, a Igreja Católica fez um exame de consciência e abandonou a luta e a crítica contra a Revolução.

<sup>225</sup> GALLEGOS, 2015.

<sup>226</sup> GALLEGOS, 2015, p. 13.

<sup>227</sup> DIETERICH, Heinz. Prefácio. In: CASTRO, Fidel. *A história me absolverá*: discurso de Fidel Castro, ante o tribunal de exceção de Santiago de Cuba, proferido em 16 de outubro de 1953. São Paulo: Alfa-Omega, 1979, p. 44.

<sup>228</sup> KIRK, 1995, p. 5.

<sup>229</sup> GALLEGOS, 2015, p. 9.

Aos poucos, a Igreja Católica começou a apoiar algumas das reformas empreendidas pelo governo cubano e tentava aceitar que o país era socialista. Chegou a questionar o embargo dos Estados Unidos a Cuba e, surpreendentemente, pediu a seus paroquianos que se juntassem ao processo revolucionário.<sup>230</sup>

### 2.2.2 O “Período Especial em Tempos de Paz” e a Igreja Católica

Tempos depois, ocorreu um avivamento das religiões, de maneira geral, e também do catolicismo, em Cuba. Foi o chamado “Período Especial em Tempos de Paz”. De acordo com Ayerbe, depois do fim da Guerra Fria, o bloqueio dos Estados Unidos se ampliou, e Cuba já não dispunha das vantagens oferecidas anteriormente pelo Came<sup>231</sup> e do respaldo político da ex-União Soviética; inicia-se o “período especial em tempos de paz”, denominação do governo cubano para o novo contexto enfrentado pelo país, considerado o mais difícil desde 1959.<sup>232</sup>

Após o fim da Guerra Fria, o bloqueio dos Estados Unidos se amplia, e Cuba já não dispõe das vantagens [...] e do respaldo político da ex-União Soviética; inicia-se o ‘Período Especial em Tempos de Paz’, denominação do governo cubano para o novo contexto enfrentado pelo país, considerado o mais difícil desde 1959.<sup>233</sup>

Foi um tempo de difícil transição pelo qual Cuba foi forçada a passar, que transcorreu entre o fim da década de 1980 e meados da década de 1990, depois do colapso do campo socialista e da perda do petróleo soviético e de 70% das importações do país. Os ajustes na economia se assemelharam, em alguns níveis, àqueles impostos a outros países em desenvolvimento pelo Fundo Monetário Internacional (FMI)<sup>234</sup>.

<sup>230</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 32.

<sup>231</sup> Conselho Econômico de Ajuda Mútua (Came) – formado pelo bloco de países liderado pela ex-União Soviética. A incorporação progressiva de Cuba às atividades conjuntas do Came se realizava dentro dos marcos do Programa Complexo de Aprofundamento e Aperfeiçoamento da Colaboração e Integração Econômica Socialistas. Esse Programa constituía o plano-diretor do desenvolvimento, em longo prazo, da atividade econômica e técnico-científica dos países-membros do Came. A participação formal de Cuba no Came teve início em 1972, porém precisou realizar um conjunto de mudanças institucionais que lhe permitissem a integração plena no sistema, o que veio ocorrer, efetivamente, com a Constituição de 1976 (AYERBE, Luis Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Editora Unesp, 2004, p. 77-78).

<sup>232</sup> AYERBE, 2004, p. 83.

<sup>233</sup> AYERBE, 2004, p. 83.

<sup>234</sup> O FMI é uma agência especializada das Nações Unidas que foi concebida na conferência de Bretton Woods, New Hampshire, Estados Unidos, em julho de 1944. O FMI trabalha para promover a cooperação monetária global, garantir a estabilidade financeira, facilitar o comércio internacional, promover o alto nível de emprego e o crescimento econômico sustentável e reduzir a pobreza em todo o mundo. A missão do FMI é realizada de três maneiras: Monitoramento do sistema monetário internacional de 189 países; Empréstimos aos países-membros que enfrentam problemas; e Capacitação, promovendo assistência técnica e treinamento, visando implementar políticas econômicas que promovam a estabilidade e o crescimento. NAÇÕES UNIDAS. BRASIL. FMI – Fundo Monetário Internacional. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/fmi/>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

Esse período enfrentou uma crise sem precedentes: A economia cubana parou; a falta do petróleo foi a causa mais grave da crise, já que sem este não havia combustível para gerenciar o campo, as indústrias, os veículos e para a geração de energia elétrica; os apagões eram comuns, durando até oito horas; já não havia peças de reposição para a maquinaria importada da União Soviética; não havia dólares para comprar equipamentos, alimentos, combustíveis e matérias-primas no mercado internacional; e a economia ilegal e o subemprego se expandiram.

Para agravar ainda mais a situação, como 63% da importação de alimentos vinham dos países socialistas, o consumo calórico da população diminuiu, causando um quadro generalizado de anemia.<sup>235</sup> Fidel Castro assim expressou o significado dessa crise:

[...] perdemos todos os mercados do açúcar e deixamos de receber mantimentos, combustível e até a madeira para fazer para os caixões para os nossos mortos. Ficamos sem combustível de um dia para o outro, sem matérias-primas, sem alimentos, sem higiene, sem nada [...]. Nossos mercados e fontes de abastecimento fundamentais desapareceram abruptamente. O consumo de calorias e de proteínas se reduziu quase a metade.<sup>236</sup>

Mas também houve diferenças importantes.<sup>237</sup> A ampla liberalização da economia incluiu a legalização do dólar e, em seguida, a redução do emprego do governo, foram feitos pesados investimentos em turismo e a legalização de negócios privados em centenas de áreas, incluindo táxis, restaurantes, casas particulares e mercados de agricultores.

De acordo com Frei Betto:

Além de o PIB ter encolhido 35% no ‘período especial’ (1990-1996) – os anos de maior impacto ante o desaparecimento da União Soviética –, em 2008 dois furacões derrubaram cerca de 400 mil casas, arrasaram a lavoura e deixaram um prejuízo equivalente a US\$ 10 bilhões (20% do PIB).<sup>238</sup>

Esse período também foi marcado por um aumento da atividade religiosa, ONGs e, mais amplamente, um discurso nacional sem a tutela do Estado.<sup>239</sup>

Em relação a esse aumento da atividade religiosa, vale colocar que o cenário religioso cubano apresenta uma complexidade peculiar por causa da diversidade de formas e organizações religiosas que o compõem e, principalmente pelas notáveis diferenças entre eles.

<sup>235</sup> FEITOSA, Emilly Couto. *Período Especial em Tempos de Paz: Revolução Cubana em debate. História: Debates e Tendências*, v. 10, n. 1, jan./jun. 2010, p. 35-52.

<sup>236</sup> RAMONET, Ignacio. *Fidel Castro: biografia a duas vozes*. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 332.

<sup>237</sup> CHOMSKY, Aviva; CARR, Barry; SMORKALOFF, Pamela María. *The Cuba reader*. Durham: Livros de Imprensa da Universidade de Duke, 2003, p. 595-596.

<sup>238</sup> BETTO, Frei. *Recuerdos de Cuba: à luz dos 52 anos de Revolução. Estudos Avançados*, v. 25, n. 72, p. 224, 2011.

<sup>239</sup> CHOMSKY; CARR; SMORKALOFF, 2003, p. 597.

Modelos socioculturais historicamente diferentes foram estabelecidos, fornecendo maneiras diferentes de expressar a religiosidade. Alguns poucos traços perceptíveis da cultura aborígene ainda permanecem. Os modelos com mais destaque, espanhóis e africanos, respectivamente, constituíram o catolicismo de caráter hegemônico e nacionalizaram as expressões moldadas em um processo de transculturação. Já o modelo americano importou o espiritualismo e mais de 50 denominações protestantes. Outras influências incluem o vodu haitiano, formas religiosas de chinês, judaísmo etc.<sup>240</sup>

Calzadilla ressalta que, em geral, a religião em Cuba não alcançou um alto nível de significância sociopolítica em sua intervenção na reprodução da sociedade concreta; o que realmente ocorreu foram sucessivos momentos de aumento e recessão. O fenômeno não era novo, pois também se notaram momentos de reavivamento religioso nos estágios colonial, neocolonial republicano e revolucionário.<sup>241</sup>

Assim, esse anseio religioso pode encaixar-se nesse “Período Especial em Tempo de Paz”, por ter sido uma fase marcada por uma forte crise socioeconômica, desde 1989 e ainda mais nos anos 90. Segundo esse autor, acredita-se que o mundo contemporâneo assiste a uma crise econômica – aumento da pobreza, desigualdade entre as nações, estagnação do desenvolvimento; e na vida social e espiritual – injustiças, discriminação, conflitos étnicos, consumismo oprimido, materialismo vulgar e destruição insensata do meio ambiente.

Afirma-se, frequentemente, que há uma crise de racionalidade, paradigmas e valores. É, na realidade, um questionamento sobre essa racionalidade, modelos e valores com os quais a modernidade foi construída e que levaram a humanidade a essa situação. É por isso a afirmação de que o homem de hoje precisa de utopias e que há acesso a um retorno à religião.<sup>242</sup>

O que se observa é que a religião aumenta sua importância e seu papel em tempos de crise, e Cuba não escapou a essa conjuntura, esse parece ser um fato de alcance universal. Neste caso, em particular, no “Período Especial em Tempos de Paz”, a religião foi fortalecida por uma situação crítica na economia, de grave projeção cultural e social no país. Ou seja, a religião se tornou mais capaz de interferir na vida social e nos indivíduos crentes. As razões pelas quais esse renascimento ocorre podem ser numerosas, mas não há dúvida de que insatisfações, desorientações, sentimentos de falta de proteção, que caracterizam crises

<sup>240</sup> CALZADILLA, Jorge Ramírez. Religión, cultura y sociedad en Cuba. La Habana, *Papers*, n. 52, p. 143, 1997.

<sup>241</sup> CALZADILLA, 1997, p. 145.

<sup>242</sup> BETTO, F. Mística y socialismo. *Casa, Casa de las Américas*, n. 185, oct./dic., La Habana, 1991; BOFF, L. Religión, justicia societaria y renacimiento. *Pasos*, n. 45, ene./feb., San José de Costa Rica, p. 1-10, 1993.



sociais, potencializam o recurso religioso como explicação, apoio, esperança e busca de proteção no sobrenatural.<sup>243</sup>

A história relata que essa não foi a primeira reativação religiosa em Cuba, as outras anteriores também foram marcadas por situações de crise, como durante as guerras da independência, os conflitos sociais e políticos na década de 1930 e no fim da década de 1950. Deve-se observar que esses movimentos religiosos se popularizam, pois:

[...] há uma busca na religião por solidariedade, ideais de vida, valores morais, modelos de comportamento e esperanças. O carismático, por sua incidência em curas com a intervenção divina, suas canções tocantes, o transe, que faz com que sua liturgia se aproxime da maneira como os crentes comuns cubanos expressavam sua religiosidade, oferece condições favoráveis para o crescimento, como já foi observado.<sup>244</sup>

Porém, as consequências no nível social e dentro da religião podem ser variadas – algumas podem ser transitórias, só durando o tempo que está ocorrendo o momento de conflitos e crise, e outras com maior permanência, quando a fé já está arraigada e sua prática independe das circunstâncias.

## 2.3 Importância e influência da doutrina da Igreja Católica

Este subcapítulo apresenta uma visão geral da Igreja Católica: sua estrutura política; os fundamentos da doutrina católica; as principais determinações do Concílio Vaticano II; e as Conferências Gerais do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) – Medellín, Puebla e Santo Domingo.

### 2.3.1 *Visão geral*

A pesquisa, até aqui, apresentou um panorama geral do cenário pré-revolucionário, a Revolução Cubana e a Igreja Católica nesse contexto. Cabe fazer também uma apresentação da doutrina católica, para entender sua importância e sua capacidade de influenciar e transformar não só a América Latina e Caribe, mas todos os locais em que esteja inserida.

Politicamente, a Lei Básica da Cidade do Vaticano, de 7 de junho de 1929, determina que o Sumo Pontífice, Soberano do Estado da Cidade do Vaticano, tem a plenitude dos poderes legislativo, executivo e judicial. Quer dizer, politicamente, a Igreja é um Estado

<sup>243</sup> CALZADILLA, 1997, p. 149-151.

<sup>244</sup> CALZADILLA, 1997, p. 151

soberano, que tem como instituição representativa a Santa Sé e é responsável por toda a representação católica no mundo.<sup>245</sup>

Mas, o que fundamenta a doutrina da Igreja Católica? Com base nessa pergunta, considerou-se necessário também apresentar a fé, as crenças, os princípios e dogmas defendidos por essa instituição religiosa, para melhor entender sua importância, as crenças que defende e se poderia ter exercido maior influência para mudar a situação em Cuba, no período da Revolução.

Nesse sentido, o tópico seguinte trata do Concílio Vaticano II e das Conferências Gerais do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), que tem sede em Bogotá. O Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), com sede em Bogotá, foi criado na 1.ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada no Rio de Janeiro, em 1955. Sua finalidade foi estudar os problemas de interesse da Igreja na América Latina, coordenar as atividades e preparar novas conferências do Episcopado Latino-Americano. O Celam objetivava situar as novidades na ideia da missão e doutrina católicas, nas Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano de Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992). A Igreja era concebida, desde o século XVI, em primeiro lugar, como sociedade, e uma das características fundamentais daquela concepção era a coincidência entre Igreja e Reino de Deus ou de Cristo, possuindo, como consequência, a verdade e a santidade total, até o Concílio Vaticano II (1962-1965).<sup>246</sup>

Apresentar as conferências do Celam é mostrar um pouco dos princípios e crenças da Igreja Católica e, à medida que esse conhecimento se desenrola, compreende-se por que a Igreja deveria ser uma voz de esperança para um cenário como o apresentado durante a Revolução Cubana e nos momentos que se seguiram ao movimento.

Em relação à Ilha cubana, podendo-se também estender para a América em sua totalidade, é possível entender que a postura de afastamento da Igreja da realidade concreta da sociedade ocorreu em razão da sua exaltação do sofrimento humano, que fazia parte da catequese da Igreja. Dessa forma, era justificada a pouca atuação da Igreja para minimizar esse sofrimento:

[...] A Igreja, no magistério da sua fé e no testemunho dos seus santos, nunca esqueceu que ‘os pecadores é que foram os autores, e como que os instrumentos, de todos os sofrimentos que o divino Redentor suportou’ (436). Partindo do princípio

<sup>245</sup> PIO XI. Motu proprio do Sommo Pontefice. Do nosso próprio moto. Lei fundamental da Cidade do Vaticano. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pius-xi/it/motu\\_proprio/documents/hf\\_p-xi\\_motu-proprio\\_19290607\\_motu-proprio.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xi/it/motu_proprio/documents/hf_p-xi_motu-proprio_19290607_motu-proprio.html)>. Acesso em: 20 abr. 2019.

<sup>246</sup> DONEGANA, Costanzo. A missão nas Conferências Gerais do CELAM. *Encontros Teológicos* n. 45, ano 21, n. 3, p. 37-54, 2006.

de que os nossos pecados atingem Cristo em pessoa (437), a Igreja não hesita em imputar aos cristãos a mais grave responsabilidade no suplício de Jesus, responsabilidade que eles muitas vezes imputaram unicamente aos judeus.<sup>247</sup>

Quer dizer, esse aspecto da sua profissão de fé, no passado, fez com a Igreja Católica muitas vezes fosse vista como porta-voz das elites econômicas, como ficou patente ao longo do estudo. No período em que ocorreu a Revolução Cubana, ainda não tinha sido realizado o Concílio Vaticano II, que traria mudanças importantes na prática doutrinária da Igreja, uma delas é tornar a Igreja inserida na realidade dos seus fiéis, mais moderna, mais acessível.

### 2.3.2 *Concílio Vaticano II*

O Concílio Vaticano II foi realizado no período de 1962 a 1965, sendo o último e mais recente Concílio Geral. O Papa de transição, João XXIII, já com 77 anos, resolveu mudar alguns pontos da Igreja e, por meio desse Concílio, provocou importantes transformações. Isolada do mundo, a Igreja se viu obrigada a reorganizar sua vida e recuperar o diálogo com a sociedade circundante. Então, o 21.º Concílio<sup>248</sup> Ecumênico da Igreja Católica, Concílio Vaticano II<sup>249</sup>, foi convocado no dia 25 de dezembro de 1961, pelo Papa João XXIII e aberto por ele próprio, no dia 11 de outubro de 1962.

Essas conferências destacam a colegialidade episcopal pelo fato de reunirem bispos de todo o continente para, na presença do Papa, refletir, discutir e programar a ação da Igreja presente na América Latina. Em relação ao Vaticano II, os dois grandes textos que marcaram esse Concílio foram a *Lumen Gentium*<sup>250</sup> e a *Gaudium et Spes*.<sup>251</sup> A *Lumen Gentium* afirma a importância da colegialidade episcopal, bem como a solicitude dos bispos para com todas as Igrejas e relembra que eles, como colégio, são sucessores dos apóstolos, isto é, do colégio

<sup>247</sup> VATICANO. *Profissão da fé*. Segunda secção. A profissão da fé cristã. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/pls2cap2\\_422-682\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/pls2cap2_422-682_po.html)>. Acesso em: 20 abr. 2019.

<sup>248</sup> Um Concílio Geral consiste numa reunião formal de representantes da Igreja. O Papa deve estar presente, mas nem sempre isso ocorre. O Concílio é feito para tomar decisões dogmáticas e pastorais, que possam ajudar a Igreja a crescer, a eliminar os erros e a difundir as verdades da fé.

<sup>249</sup> LA SANTA SEDE. *Documentos do Concílio Vaticano II*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm)>. Acesso em: 24 abr. 2019.

<sup>250</sup> *Lumen Gentium*: A igreja como povo de Deus. Ensina e declara que Jesus Cristo, Pastor Eterno, fundou a santa Igreja, enviando os Apóstolos que os sucessores dos Apóstolos, os Bispos, devem ser, em Sua Igreja, pastores até à consumação dos séculos.

<sup>251</sup> *Gaudium et Spes*: Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4.ª das Constituições do Concílio Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a Igreja e o mundo onde ela está e atua.

apostólico. O *Sacrosanctum Concilium* trouxe a abertura de celebrar a missa na língua local, quer dizer, não precisaria mais ser realizada em latim.<sup>252</sup>

A *Gaudium et Spes* retoma a prática de se colocar à escuta do mundo atual, reconhecendo que a Igreja está mergulhada nele e age em benefício da sua salvação, já que é o mundo todo que precisa ser salvo. A prática de olhar a situação social do continente não é, pois, um posicionamento ideológico, mas teológico-pastoral.

Na explanação do teólogo Johan Verstraeten, o princípio social central do Vaticano II foi a justiça e, a partir dessa Assembleia e da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, a Igreja passou a ser uma comunidade inserida na história real do mundo, conectada com suas alegrias e esperanças e também com o sofrimento das pessoas, não era mais um mundo à parte. No começo, o enfoque foram os assuntos internos da Igreja, como a eclesiologia integral (*Lumen Gentium*, a igreja como povo de Deus), a relação entre o Papa e os bispos, a liturgia (*Constitutio de sacra liturgia*), a revelação e interpretação das Escrituras (*Dei Verbum*).<sup>253</sup> Só mais tarde outras questões sociais, como o tema “Terceiro Mundo”, se tornaram pontos de interesse, resultando na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.<sup>254</sup>

Assim, esse Concílio expressava uma nova atitude: a Igreja passou a fazer parte da história real do mundo, conectada com alegrias e esperanças, mas também com o sofrimento do povo. Reconhecia que tudo o que se faz para promover a humanidade e a justiça é uma contribuição para o reino de Deus que “já está presente em mistério”. A *Gaudium et Spes* também defendeu uma visão nova e mais espiritual do matrimônio, não apenas como um contrato, mas como “íntima comunidade de vida e amor”. A novidade foi que foram levadas a sério preocupações concretas do “Terceiro Mundo”, como, por exemplo, o problema da propriedade da terra e de sua redistribuição a agricultores pobres.<sup>255</sup>

O Concílio defendeu uma visão personalista da sociedade, não argumentando a favor ou contra o capitalismo ou o comunismo; tornou concreta a visão de Pio XII, de que a propriedade privada está subordinada à destinação comum dos bens, os latifúndios deveriam ser distribuídos às pessoas, pois não é justo que a terra não seja usada para a produção de alimentos ou para a subsistência dos agricultores respectivas famílias. Também preconizou

<sup>252</sup> LA SANTA SEDE. *Constituição conciliar sacrosanctum concilium sobre a sagrada liturgia*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html)>. Acesso em: 24 abr. 2019.

<sup>253</sup> *Dei Verbum*: um dos grandes documentos emanados do Concílio Vaticano II. Trata da revelação da Palavra de Deus. Foi promulgado pelo Papa Paulo VI em 18 de novembro de 1965.

<sup>254</sup> VERSTRAETEN, Johan. Concílio Vaticano II. 50 anos depois, apenas o início de um longo processo de recepção. Tradução de Luís Marcos. In: *IHU ON-LINE*. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, n. 401, ano 12, p. 19-21, set. 2012. Entrevista concedida a Graziela Wolfart e Luis Carlos Dalla Rosa.

<sup>255</sup> VERSTRAETEN, 2012, p. 20.

uma sociedade a serviço da dignidade da pessoa humana, sendo a justiça seu princípio social central. No caso, justiça social significa que os pobres deveriam receber a parte que lhes cabe nos bens da terra e no crescimento econômico. Para a Igreja, um abismo grande demais em termos de renda entre ricos e pobres é contra o bem comum. O Concílio propôs uma sociedade participativa na qual “[...] todas as pessoas sejam capacitadas a se tornarem participantes plenas na sociedade, incluindo as marginalizadas e os indígenas, cujos interesses são, muitas vezes, negligenciados”<sup>256</sup>. O Vaticano II abriu caminho para uma abordagem mais crítica em relação às injustiças da sociedade e seu espírito tornou possível a conferência dos bispos latino-americanos de Medellín (1968), que versou sobre opção pelos pobres, atenção às estruturas opressoras e libertação. Inspirou também o Sínodo Geral dos Bispos sobre a justiça (1971) a proclamar que a ação pela justiça e a participação na transformação do mundo são uma dimensão constitutiva da pregação do evangelho.<sup>257</sup>

Resumindo, a missão da Igreja na atualidade não é, em primeiro lugar, oferecer uma doutrina ao mundo, mas ser, seguindo as pegadas de Jesus Cristo, um sacramento de salvação e libertação de tudo que impede os seres humanos de serem plenamente humanos. Uma igreja autêntica e digna de crédito, cuja prática corresponda ao seu discurso. Uma igreja como comunidade que mostre às pessoas em todas as circunstâncias da vida que Deus é um Deus de amor e justiça, um Deus que quer curar e libertar todo ser humano cuja dignidade humana seja violada. Em relação à Doutrina Social da Igreja (DSI)<sup>258</sup>, há o *Compêndio da doutrina social da Igreja*<sup>259</sup>, que mostra uma preocupação real com o meio ambiente, defende a destinação universal dos bens, mais participação e outras ações.

Já na entrevista concedida à revista *IHU ON-LINE*, Gilles Routhier afirma que o Vaticano II tornou-se uma bússola confiável para conduzir a Igreja rumo ao terceiro milênio, levou a uma reflexão aprofundada e forneceu ensinamentos importantes. Em todas as áreas, os conceitos de diálogo, de colaboração e de cooperação se acham no cerne desses ensinamentos.<sup>260</sup> De acordo com Routhier, o Concílio Vaticano II

<sup>256</sup> VERSTRAETEN, 2012, p. 18.

<sup>257</sup> VERSTRAETEN, 2012, p. 21.

<sup>258</sup> Doutrina Social da Igreja (DSI): conjunto dos ensinamentos contidos na doutrina da Igreja Católica e no Magistério da Igreja Católica, que tem como finalidade fixar princípios, critérios e diretrizes gerais a respeito da organização social e política dos povos e das nações.

<sup>259</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO. *Compêndio da doutrina social da Igreja*. 9 jun. 2004. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html#APRESENTA%C3%87%C3%83O](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#APRESENTA%C3%87%C3%83O)>. Acesso em: 24 abr. 2019.

<sup>260</sup> ROUTHIER, Gilles. Vaticano II: bússola confiável para conduzir a Igreja rumo ao terceiro milênio. Tradução de Vanise Dresch. In: *HU ON-LINE*. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, n. 401, ano 12, p. 17-18, set. 2012. Entrevista concedida a Graziela Wolfart e Luis Carlos Dalla Rosa.



[...] teve, sem dúvida, uma influência duradoura sobre o modo de viver na Igreja (entre padres e leigos, entre bispos e padres, entre os bispos e o Papa etc.) e sobre o modo como a Igreja Católica passou a pensar sobre suas relações com o mundo (com a cultura, a sociedade e os Estados) e com os outros (cristãos não católicos, crentes de outras religiões, não crentes e ateus).<sup>261</sup>

A participação de muitos bispos não ocidentais foi algo inédito. Também inovou em considerar, ainda que de forma incipiente, tradições e culturas não ocidentais, o que pôde perceber já no primeiro documento aprovado pelo Concílio, principalmente nos capítulos sobre artes e música sacra. Incluiu também a adaptação da liturgia e dos ritos às tradições e às regiões. O Vaticano II foi o primeiro Concílio a refletir sobre a Sagrada Liturgia, sendo este o primeiro documento ali aprovado. Foi pioneiro em discutir a respeito da questão da cultura e a observar que o Evangelho deve expressar-se em diversas línguas e que esta é a lei de toda evangelização.

Para Routhier, a Igreja mudou “[...] em vários campos: na vida religiosa, na formação dos padres, no exercício da função episcopal, no ecumenismo, no diálogo inter-religioso etc.”<sup>262</sup> Há muito ainda a ser feito e aprofundado, mas a Igreja Católica não vive mais, como no século XIX, numa fortaleza sitiada ou em gueto. Às vezes há tentativa de retrocesso ou resistências às reformas, porém, em longo prazo, não dá mais para voltar à figura da Igreja como era antes do Concílio, que não parou de produzir seus frutos. Sua intenção era, conforme o desejo do Papa João XXIII, possibilitar uma nova forma de expressão da doutrina cristã – este é sempre o desafio da Igreja. O encontro com os não crentes ou com os crentes de outras religiões também está cada vez mais em pauta na Igreja, bem como a inserção do Evangelho em todas as culturas do mundo. Nesse sentido, as questões do Vaticano II continuam sendo atuais, por isso, o Concílio não está ultrapassado.<sup>263</sup>

### 2.3.3 Conferências Gerais do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam)

Mas, embora se fale mais do Concílio Vaticano II (1962-1965) e suas deliberações, por ter resultado em profundas transformações na Igreja, os concílios tiveram origem na 1.<sup>a</sup> Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada no Rio de Janeiro, em 1955. Seu objetivo consistiu em estudar os problemas de interesse da Igreja na América Latina, coordenar as atividades e preparar novas conferências do Episcopado Latino-Americano. Depois dessa Conferência de 1955, no Rio de Janeiro, as demais Conferências Gerais do

<sup>261</sup> ROUTHIER, 2012, p. 17.

<sup>262</sup> ROUTHIER, 2012, p. 18.

<sup>263</sup> ROUTHIER, 2012, p. 18.

Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam)<sup>264</sup>, Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida foram inspiradas pelo espírito do Concílio Vaticano II.

*Conferência Geral do Rio de Janeiro, Brasil* – Deve-se dizer que essa conferência geral realizada no Rio de Janeiro, em 1955<sup>265</sup>, não deixou marcas maiores na Igreja do continente, a não ser a própria existência do Celam. Sua preocupação era quase exclusivamente intraeclesial, afirmando de modo um tanto apologético a Igreja diante do mundo e das outras religiões, motivo pelo qual não fez uma história mais significativa no âmbito da Igreja latino-americana.

*Conferência Geral de Medellín, Colômbia* – O que ocorreu na Conferência de Medellín, em 1968, na Colômbia e nas que vieram depois, Puebla (1979) e Santo Domingo (1992) foi bem diferente. A Conferência Medellín costuma ser considerada o batismo da Igreja latino-americana, e Puebla é sua confirmação. Essas conferências, bem como a de Santo Domingo (1992), se alinham com o Concílio Vaticano II, em conformidade com a *Lumen Gentium* e a *Gaudium et Spes* ali estabelecidas. Medellín foi um passo avante, pois não apenas reuniu os bispos em assembleia, mas tornou presente diante deles a voz da Igreja de todo o continente. Reunidos ali, olhando para a Igreja na atual transformação da América Latina, os bispos puderam ver a realidade eclesial e a dos povos do continente latino-americano porque deixaram ecoar, na assembleia, a voz da Igreja trazida pelos pastores e por representantes de vários setores da vida eclesial. A Igreja continua sendo a comunidade dos fiéis que creem em Jesus Cristo, unida a seu pastor.<sup>266</sup>

Conclusões de Medellín – Uma delas é a colegialidade da conferência, que reside no fato de não apenas estarem juntos, mas de assumirem, em conjunto, como pastores e sucessores dos apóstolos, a responsabilidade comum de conduzir a Igreja da América Latina pelos caminhos do mundo.<sup>267</sup> Dentre os pontos importantes do documento de Medellín devem

<sup>264</sup> O Conselho Episcopal Latino Americano (Celam) foi criado em 1956, em conexão com a Primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizada no Rio de Janeiro, em 1955. Sua origem legal remonta a 1958. O Celam não foi forjado em uma reflexão feita pelo corpo episcopal do continente. Foi institucionalizado como um corpo eclesial-episcopal por iniciativa de alguns bispos e o impulso das instâncias romanas. Com a renovação do Concílio Vaticano II, esta instituição eclesial latino-americana passou a adquirir, progressivamente, mais autoconsciência do significado de sentimento colegial e suas repercussões pastorais positivas. THEOLOGICA LATINOAMERICANA. Conferências do Conselho Episcopal latino-americano (CELAM). Disponível em: <<http://theologicalatinoamericana.com/?p=1475/>>. Acesso em: 24 abr. 2019. CELAM. Las cinco conferencias generales del episcopado latinoamericano. Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo, Aparecida. Bogotá: CELAM, 2014.

<sup>265</sup> MANZATTO, Pe. Antonio. As primeiras Conferências do CELAM. *Vida Pastoral*, jul./ago. 2006, p. 3-8. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/documentos-e-concilios/as-primeiras-conferencias-do-celam/>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

<sup>266</sup> MANZATTO, 2006.

<sup>267</sup> CELAM. *Conclusões de Medellín*. A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio. Petrópolis: Vozes, 1969.

ser ressaltados: a afirmação da *injustiça institucionalizada* como causa da *pobreza do continente*, o reconhecimento de que *a paz é fruto da justiça* e o compromisso da Igreja com o *processo de libertação dos pobres*. O olhar sobre a realidade do continente faz perceber que *a imensa maioria de seu povo, que é crente, é também pobre*. E essa pobreza não é fruto da preguiça ou do azar, nem é estágio necessário no caminho do desenvolvimento, mas sim, subproduto daquela organização social, ou seja, é institucionalizada. Além disso, é injusta porque se baseia na *força e na exploração*, fazendo que os *pobres sejam cada vez mais empobrecidos*.<sup>268</sup> (grifos nossos)

*Conferência Geral de Puebla de los Angeles, México* – A sequência de Medellín foi a Conferência de Puebla de los Angeles, México, em 1979. Cercada de expectativas e procurando enxergar as questões relacionadas à evangelização no presente e no futuro da América Latina, a assembleia não decepcionou, mas constituiu, em termos de ação da Igreja latino-americana, um passo à frente, afirmando, ao mesmo tempo, *a opção pelos pobres* e a *comunhão e participação* como caminhos de eclesialidade.<sup>269</sup> (grifo nosso)

O período que vai de Medellín a Puebla corresponde à época do nascimento e início de sistematização da *teologia da libertação*, a reflexão teológica tipicamente latino-americana que, embora situada em seu contexto, teve repercussões mundiais, influenciando na forma de fazer teologia da Igreja do mundo inteiro e também nas perspectivas pastorais decorrentes dessa reflexão.

A teologia da libertação trabalha com os pontos afirmados em Medellín: a *aproximação fé-vida* como caminho para viver o cristianismo; o *compromisso com os pobres*, sobretudo por meio das *comunidades de base*; releitura dos conteúdos da teologia, *privilegiando os pobres*; a ação política como forma de *superar as atuais injustiças sociais*.<sup>270</sup> (grifos nossos)

Essa maneira de fazer teologia, que vai se sistematizando aos poucos, explica os caminhos pastorais trilhados pela Igreja latino-americana na década de 70 e aponta para os compromissos assumidos em Puebla. Na verdade, é esse pensamento que conduz a Igreja da

<sup>268</sup> MANZATTO, 2006, p. 3-8

<sup>269</sup> MANZATTO, 2006, p. 3-8.

<sup>270</sup> A Teologia da Libertação nasceu na Igreja Católica como resposta à contradição existente na América Latina entre a pobreza extrema e a fé cristã de maioria de sua população. Para essa linha da teologia, a situação de pobreza fere o espírito do Evangelho e ofende Deus. Para o teólogo Leonardo Boff, “A Teologia da Libertação encontrou seu nascedouro na fé confrontada com a injustiça feita aos pobres”. BOFF, Leonardo. *Como fazer teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 14.

América Latina de Medellín a Puebla. Medellín lançou sugestões extremamente fecundas para as atividades da Igreja na região, partindo das experiências pastorais que iam surgindo.<sup>271</sup>

Mas, tudo isso tem que ser observado levando em conta o contexto de quando ocorriam as conferências. No período de 1968-1969, depois de um período de expansão que viera do pós-guerra, começava uma etapa de forte recessão, com a crise da energia no começo da década seguinte, e as conjunturas nacionais na América Latina foram se tornando cada vez mais difíceis. Foi o tempo dos golpes de Estado no Brasil e na Argentina; no Chile, a experiência reformista democrata-cristã sinalizava um rápido esgotamento.

Depois da experiência da unidade popular que despertou tantas esperanças, veio a reação contrária, fruto do medo e do apoio externo, mas, apesar do prosseguimento da crise econômica e social, e talvez em parte por causa dela, foi surgindo uma lenta distensão política em alguns países, com o esgotamento de muitos autoritarismos, ainda que em certas regiões, como a América Central, a crise tenha se agravado.<sup>272</sup>

Também o modelo *socialista cubano* foi se *consolidando*, dando início a uma experiência do poder popular, e sua política social passou a apresentar resultados significativos em educação e saúde. A questão da libertação, que, segundo a Igreja, parecia ter sido substituída pela temática do cativo, nos anos difíceis, com a maturidade do movimento popular voltou a ser cogitada.<sup>273</sup> (grifos nossos)

Apesar das repressões, pode-se constatar que houve evidente crescimento desse movimento popular e de suas organizações. Passaram a surgir, por todos os lados, iniciativas, agrupações de bairros, novas associações; e o movimento sindical foi mostrando seu vigor e sua consciência em países como a Bolívia, ou crescendo em autonomia e produzindo novas lideranças no Brasil.

Mas, além disso, a Igreja Católica desempenhou um papel decisivo nos anos difíceis. Quando a situação era mais tensa, ela chegou a ser, em países como o Brasil e o Chile, praticamente o único lugar na sociedade civil em que as classes populares podiam expressar-se sobre sua realidade e seus anseios.

Nesse tempo, as comunidades eclesiais de base (CEBs), que consistem numa forma de vivência comunitária da fé, com inserção na sociedade, visando à transformação da

---

<sup>271</sup> SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. Em Torno a Puebla-III. Puebla: expressão de uma prática pastoral latino-americana, p. 73-81. *Revista SÍNTESE*, v. 6, n. 15, 1979. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/2334/2607>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

<sup>272</sup> SOUZA, 1979, p. 76.

<sup>273</sup> SOUZA, 1979, p. 76.

realidade sob a luz do Evangelho, se espalharam, com experiências importantíssimas no Peru, no México e muito significativas no Brasil.<sup>274</sup>

*Conferência Geral de Santo Domingo, República Dominicana* – A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano foi celebrada em 1992, em Santo Domingo, na República Dominicana. Fez parte das festividades da celebração dos 500 anos da América e isso não deixou de causar certo constrangimento, pois a reação popular negativa àquelas celebrações, denunciando que não se comemorava nenhuma descoberta, mas, sim, invasão, poderia tornar-se também reação à própria Conferência. Também o tema escolhido, “*Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã*”, e a preparação da Conferência, que ficaram principalmente sob a responsabilidade de Roma, não tiveram resposta positiva, de imediato, nas Igrejas do continente. Santo Domingo, então, permanece como que um apêndice na vida da Igreja latino-americana, não tendo a influência eclesial apresentada pelas duas conferências antecedentes.<sup>275</sup>

Apesar disso, alguns aspectos tratados em Santo Domingo permanecem válidos e, de certa forma, ainda estão presentes na vida da Igreja latino-americana, sendo o principal deles as questões em torno da *promoção humana*. Em relação ao aspecto *fidelidade à tradição da Igreja* da América Latina, Santo Domingo reafirmou o compromisso com *os pobres*, compreendendo a promoção humana como componente essencial da evangelização, reafirmando o que foi proposto em Puebla. Nesse sentido, a fé é retomada e reafirmada, assim como o compromisso de *transformação da sociedade*. Aqui, pois, não há nenhuma mudança no comportamento e nas preocupações pastorais da Igreja do continente.<sup>276</sup> (grifos nossos)

A novidade de Santo Domingo diz respeito à questão da *cultura*, que aparece de duas formas ao longo do documento, dessa maneira, entrando na vida da Igreja latino-americana. A primeira diz respeito às culturas dos povos latino-americanos, sobretudo em relação às *culturas oprimidas*, afirmando-se sempre a *necessidade de evangelizá-las*. Porém, as reflexões surgidas em outras partes do mundo sobre a inculturação, principalmente na África,

<sup>274</sup> “[...] as [Comunidades Eclesiais de Base] CEBs são uma forma de vivência comunitária da fé, de inserção na sociedade, de exercício do ser profeta e de compromisso com a transformação da realidade sob a luz do Evangelho, porque somos pessoas que acreditam em Jesus Cristo e não fazemos as coisas só pelo estímulo de fazer humano, ou social, mas porque inspirados pelo Espírito Santo vamos ao encontro do outro, da pessoa necessitada, do pobre, do idoso, do jovem, da mulher, do homem que trabalha no campo e na cidade, do educador e da educadora, de todas as pessoas de boa vontade. [...] com uma grande vontade de lutar pela superação da violência em vista de uma cultura de paz para nós e para o mundo.” CORBELLINI, Dom Vital. A importância das Comunidades Eclesiais de Base no seguimento a Jesus Cristo, e à sua Igreja. *CNBB*. 5 mar. 2018. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/a-importancia-das-comunidades-eclisiais-de-base-no-seguimento-a-jesus-cristo-e-a-sua-igreja/>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

<sup>275</sup> MANZATTO, 2006.

<sup>276</sup> MANZATTO, 2006.



não tiveram muita influência na confecção do documento, fazendo com que esse aspecto fosse relegado a uma questão marginal, mesmo depois de Santo Domingo.<sup>277</sup> (grifos nossos)

A segunda forma da questão cultural é a oposição entre cultura da vida e culturas de morte – no sentido de valores que defendem a vida e a dignidade humana e outros que as menosprezam. Esse aspecto, que, embora com certa transformação, se fundamenta na tradição teológico-pastoral do continente, esteve um pouco mais presente na vida das Igrejas, já que permite criticar o sistema social produtor de pobreza e de exclusão e propor outra forma de vida, que privilegie os pobres.<sup>278</sup>

*Conferência Geral de Aparecida, Brasil* – No documento da V Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribenho de Aparecida, ocorrida em maio de 2007, destaca-se o objetivo dos seus dez capítulos, resumido na grande tarefa de conservar e alimentar a fé do povo de Deus e recordar também aos fiéis desse continente que, em virtude de seu batismo, são chamados a serem discípulos e missionários de Jesus Cristo. São propostos desafios e exigências para o novo período da história, caracterizado pela desordem generalizada propagada por novas turbulências sociais e políticas, pela difusão de uma cultura distante e hostil à tradição cristã e pela emergência de variadas ofertas religiosas que tratam de responder, a sua maneira, à sede de Deus manifestada pelos povos.<sup>279</sup>

Essa V Conferência foi um novo passo no caminho da Igreja, especialmente desde o Concílio Ecumênico Vaticano II. Ela dá continuidade e recapitula o caminho de fidelidade, renovação e evangelização da Igreja latino-americana *a serviço de seus povos*, que se expressou oportunamente nas Conferências Gerais anteriores. Deu continuidade às outras quatro que a precederam: Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo.

Com o mesmo espírito que as animou, os pastores querem dar agora um novo impulso à evangelização, a fim de que estes povos sigam crescendo e amadurecendo em sua fé, para que sejam *luz do mundo e testemunhas de Jesus Cristo* com sua própria vida, uma vez que a missão da Igreja é evangelizar.<sup>280</sup> (grifos nossos)

A Conferência de Aparecida também preconiza a realidade que desafia a Igreja como discípulos e missionários, pois os povos da América Latina e do Caribe vivem uma realidade

<sup>277</sup> MANZATTO, 2006.

<sup>278</sup> MANZATTO, 2006.

<sup>279</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO E DO CARIBE, V. 2007. Documento final. Aparecida. *Anais...* Aparecida. Conferência CELAM, V. 2007. Ver documento na íntegra em: <<https://spirandiopadre.wordpress.com/documento-de-aparecida-v-conferencia-celam-texto-integral/>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

<sup>280</sup> V CONFERÊNCIA GERAL, 2007.

marcada por grandes mudanças que afetam profundamente a vida de todos.<sup>281</sup> Mudanças que – diferentemente do ocorrido em outras épocas – têm um alcance global que, com seus matizes, afetam o mundo inteiro. Mudanças que, geralmente são caracterizadas pelo fenômeno da globalização, tendo como um fator determinante a ciência e a tecnologia, com sua capacidade de manipular geneticamente a vida dos seres vivos, e com sua capacidade de criar uma rede de comunicações de alcance mundial, tanto pública como privada. A interação é em tempo real, ou seja, com simultaneidade, não obstante as distâncias geográficas, tornando as mudanças vertiginosas, visto que a comunicação é feita com grande velocidade para todos os cantos do planeta. Esse novo cenário mundial do fenômeno humano *traz consequências em todos os campos de atividade da vida social*, impactando a cultura, a economia, a política, as ciências, a educação, o esporte, as artes e também, naturalmente, a *religião*.<sup>282</sup> (grifos nossos)

Em relação à situação sociocultural, a realidade social que atualmente o documento descreve como globalização, que impacta a cultura em que se vive e o modo como as pessoas se inserem e se apropriam dela. A variedade das culturas latino-americanas constitui um dado bastante evidente, valorizadas por sua singular riqueza. O que hoje em dia está em jogo não é a diversidade que os meios de comunicação são capazes de individualizar e registrar, mas, sim, a possibilidade de que essa diversidade possa convergir em uma síntese que, envolvendo a variedade de sentidos, seja capaz de projetá-la em um destino histórico comum.<sup>283</sup>

Trata da mudança de época cujo nível mais profundo é o cultural, que exclui Deus de seu horizonte, falsifica o conceito da realidade e só pode terminar em caminhos equivocados e com receitas destrutivas. Aborda a forte sobrevalorização da subjetividade individual, o reconhecimento da liberdade e da dignidade da pessoa; afirma que o individualismo enfraquece os vínculos comunitários e propõe uma radical transformação do tempo e do espaço, dando um papel primordial à imaginação. O bem comum é deixado de lado para priorizar a realização imediata dos desejos dos indivíduos, a criação de novos direitos individuais, os problemas da sexualidade, da família, das enfermidades e da morte. Os meios de comunicação passam para a sociedade um senso estético, uma visão a respeito da felicidade, uma percepção da realidade e até uma linguagem a fim de impor tudo isso como

<sup>281</sup> A inclusão do Caribe como parte das Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano é recente, ocorreu a partir de Santo Domingo, em 1992. Consultar para a apresentação das quatro Conferências: PINEDA, Victor M. Ruano: O Caminho da Igreja Latino-americana nos últimos 50 anos – os desafios mais significativos. *Revista Omnis Terra*, Roma, Itália, ano 12, n. 109, 110, abr./mai. 2006; VVAA: Rumo à V Conferência do CELAM. *Revista Vida Pastoral*, ano 47, n. 249, jul./ago. 2006; VV. Rumo a Aparecida – V CELAM. *Revista Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, ano 38, n. 105, mai./ago. 2006.

<sup>282</sup> V CONFERÊNCIA GERAL, 2007.

<sup>283</sup> V CONFERÊNCIA GERAL, 2007.

uma autêntica cultura. Dessa maneira, termina-se por destruir o que de verdadeiramente humano há nos processos de construção cultural, que nascem do intercâmbio pessoal e coletivo.<sup>284</sup>

Também é urgente, na América Latina e no Caribe, tomar consciência da situação precária que *afeta a dignidade de muitas mulheres* – algumas, desde *crianças e adolescentes*, submetidas a múltiplas formas de violência dentro e fora de casa: tráfico, violação, escravização e assédio sexual; desigualdades na esfera do trabalho, da política e da economia; além da exploração publicitária por parte de muitos meios de comunicação social que as tratam como objeto de lucro.<sup>285</sup> (grifo nosso)

Sobre a situação econômica, a globalização é vista como um fenômeno de relações de nível planetário, sendo considerada uma conquista da família humana, porque favorece o acesso a novas tecnologias, mercados e finanças. As altas taxas de crescimento de nossa economia regional e, particularmente, seu desenvolvimento urbano, não seriam possíveis sem a abertura ao comércio internacional, o acesso às tecnologias de última geração, a participação de nossos cientistas e técnicos no desenvolvimento internacional do conhecimento e sem o alto investimento registrado nos meios eletrônicos de comunicação. Tudo isso leva também consigo o surgimento de uma classe média tecnologicamente letrada e, ao mesmo tempo, a globalização se manifesta como a profunda aspiração do gênero humano à unidade. Não obstante a constatação desses avanços, também se assinala que a globalização comporta o risco dos grandes monopólios e de converter o lucro em valor supremo. Daí o forte chamado para promover uma globalização diferente, que esteja marcada pela solidariedade, pela justiça e pelo respeito aos direitos humanos, fazendo da América Latina e do Caribe não só o Continente da *esperança*, mas também o Continente do *amor*.<sup>286</sup> (grifos nossos)

Já em relação à dimensão sociopolítica, a Conferência constata certo progresso democrático demonstrado nos diversos processos eleitorais, mas nota, com preocupação, o acelerado avanço de diversas formas de regressão autoritária por via democrática que, em certas ocasiões, resultam em regimes de caráter neopopulista. Isto indica que não basta uma democracia puramente formal, fundada em procedimentos eleitorais honestos, mas que é necessário que haja uma democracia participativa e baseada na promoção e respeito dos direitos humanos, sob o risco de tornar-se facilmente uma ditadura, e terminar traindo o próprio povo. Mas, com a presença da sociedade civil assumindo uma atitude mais

---

<sup>284</sup> V CONFERÊNCIA GERAL, 2007.

<sup>285</sup> V CONFERÊNCIA GERAL, 2007.

<sup>286</sup> V CONFERÊNCIA GERAL, 2007.

protagonista e o surgimento de novos atores sociais – como os indígenas, os afro-americanos, as mulheres, os profissionais, uma extensa classe média e os setores marginalizados organizados – está se fortalecendo a democracia participativa, com maiores espaços de participação política.<sup>287</sup>

Em relação à presença dos *povos indígenas e afro-americanos na Igreja*, estes são, sobretudo, “*outros*” diferentes que exigem *respeito e reconhecimento*. Infelizmente, a sociedade tende a menosprezá-los, desconhecendo o porquê das suas diferenças. Sua situação social está marcada pela exclusão e pela pobreza. A Igreja acompanha indígenas e afro-americanos nas lutas por seus legítimos direitos, pois esses povos estão ameaçados em sua existência física, cultural e espiritual; em seus modos de vida; em sua identidade; em sua diversidade; em seus territórios e projetos. (grifos nossos)

Assim, de acordo com o documento, nesta hora histórica de desafios, a Igreja Católica na América Latina e no Caribe, apesar das deficiências e ambiguidades de alguns de seus membros, tem dado testemunho de Cristo, anunciado seu Evangelho e oferecido seu serviço de caridade, principalmente aos mais pobres, no esforço por promover sua dignidade e também no empenho de promoção humana nos campos da saúde, da economia solidária, da educação, do trabalho, do acesso a terra, da cultura, da habitação e assistência, entre outros. Unida à voz de outras instituições nacionais e mundiais, tem ajudado a dar orientações e a promover a justiça, os direitos humanos e a reconciliação dos povos, o que tem permitido que a Igreja seja reconhecida socialmente em muitas ocasiões como uma instância de confiança e credibilidade. A V Conferência propõe recordar o testemunho valente dos santos e santas, e aqueles que, inclusive sem haver sido canonizados, têm vivido com radicalidade o Evangelho e oferecido sua vida por Cristo, pela Igreja e por seu povo.<sup>288</sup>

As Conferências mostraram que sempre existiram, na doutrina da Igreja Católica, princípios humanitários e sociais, tais como: construir uma ordem temporal sólida e fecunda fundamentada em Deus; respeito à vida humana; solidariedade; contribuir para o bem comum da sociedade; atenção especial aos pobres; repúdio completo a toda forma de corrupção, não ao socialismo, mas sim à socialização, para o crescimento e a interação das relações e outras de igual importância.

Pretende-se esclarecer aqui é que a Igreja Católica sempre abraçou esses princípios que não só visam alcançar o homem no sentido espiritual, mas também no seu aspecto global, bem antes da Revolução Cubana e antes do Concílio Vaticano II. Quer dizer, não eram

<sup>287</sup> V CONFERÊNCIA GERAL, 2007.

<sup>288</sup> V CONFERÊNCIA GERAL, 2007.

princípios novos, mas sua prática era considerada inexpressiva diante dos problemas enfrentados pelo povo cubano durante os períodos coloniais de Cuba, bem como durante a Revolução Cubana e nos anos subsequentes. Por causa dessa doutrina tão elevada da Igreja Católica é que sua posição foi questionada, parecendo sofrer um abalo somente quando se viu diante da instalação do comunismo em Cuba.

É possível deduzir que o que foi interpretado como inércia e silêncio por parte da Igreja, em algumas situações, pode significar também uma estratégia de sobrevivência. Exercer a fé num cenário de opressão, guerra de guerrilhas, ameaças de comunismo, posições totalmente antagônicas, de controle de atividades religiosas e, com tudo isso, resistir, não é tarefa fácil para quem está vivenciando.





### 3 A IGREJA CATÓLICA EM CUBA NOS DIAS ATUAIS

Este capítulo traz uma visão geral da situação política de Cuba nos dias de hoje, bem como sua situação econômica e social, englobando o cenário vivido hoje pelos cubanos no que diz respeito à saúde e à educação. Apresenta, também, a posição do Vaticano em relação a Cuba, desde 1962, e do governo cubano em relação à religião católica e ao Vaticano. Este tópico traz, ainda, relatos das visitas papais a Cuba e finaliza discorrendo sobre a prática da religião nos tempos atuais, em Cuba, as disposições legais que regem a liberdade religiosa, de maneira geral e, especificamente, sobre a situação da Igreja Católica, nos dias de hoje.

#### 3.1 Cuba hoje – visão geral

Atualmente, Cuba é o único Estado socialista da América, desde a vitória da Revolução Cubana, em 1959, mas entende que precisa ajustar e mudar algumas questões do socialismo cubano; ou seja, Cuba, hoje – observando-se as devidas proporções históricas e geopolíticas –, se parece com a China: economia de mercado, intervenção estatal e monopólio do poder político pelo Partido Comunista de Cuba.<sup>289</sup>

Essa vitória rendeu e, à medida que o regime cubano ainda estava de pé, apesar de continuar a agressão econômica e política, os setores mais reacionários do governo dos EUA começaram a usar métodos mais fortes contra a Revolução. Assim, durante 1996, vários projetos foram considerados contra Cuba no Congresso dos Estados Unidos, o que se cristalizou na chamada Lei Helms-Burton.<sup>290</sup> Esse novo recurso legislativo foi destinado a reduzir o investimento estrangeiro na Ilha, além de legalizar todos os tipos de apoio dos EUA para grupos contrarrevolucionários e dissidentes dentro de Cuba. Portanto,

Esta lei vai na mesma direção que seu antecessor, o Torricelli<sup>291</sup>, mas é uma violação muito mais flagrante e ousada dos direitos humanos de todo um povo, a soberania de outros países ao redor do mundo, incluindo os próprios aliados dos Estados Unidos e normas e princípios do direito internacional e das relações econômicas entre as nações.<sup>292</sup>

<sup>289</sup> DIAS, Renato. *Pequenas histórias – Cuba hoje: uma revolução envelhecida ou a reinvenção do socialismo?* Rd Movimento, 2015.

<sup>290</sup> TABÍO, Luis René Fernández. Las relaciones de Cuba con América del Norte y el bloqueo de los Estados Unidos contra Cuba. *Cuadernos de Nuestra América*, v. 16, n. 31, p. 49-71, 2003.

<sup>291</sup> Em 1992, o ultraconservador Robert Torricelli apresentou o projeto de lei que tem seu nome, reiterando a decisão dos EUA de usar todos os meios que tinham a sua disposição para eliminar o Governo cubano, mesmo que isso custasse a fome do povo (CANTÓN, 1996, p. 261).

<sup>292</sup> CANTÓN, 1996, p. 263.

Com todos esses altos e baixos, o que se pode notar é que Cuba, atualmente, está se abrindo para o mundo, e muitos turistas têm se dirigido para lá, a fim de conhecer esse lugar, com suas construções e carros antigos, principalmente em Havana, capital do país. Estima-se que, por ano, 2 milhões de cidadãos estadunidenses visitarão a Ilha caribenha. Em 2015, o turismo aumentou em meio milhão de visitantes em comparação com o ano anterior e, em 2016, o número de 4 milhões de turistas recebidos foi alcançado e, em 2017, os 4,5 milhões foram superados.

Isso indica que mesmo com as restrições de viajar para Cuba, impostas pelo governo do EUA há mais de 50 anos, o turismo não para. Restrições que se intensificaram a partir de junho de 2017, quando Donald Trump iniciou a reversão das políticas do ex-presidente dos EUA, Barack Obama, menos de seis meses depois de assumir a Presidência. Trump vetou transações financeiras, negando licenças de exportação para entidades cubanas e barrando viagens individuais. Informou que estaria disposto a negociar com a Ilha, mas apenas se houvesse avanços concretos para realização de eleições livres e a liberdade de prisioneiros políticos.<sup>293</sup> Assim, é possível concluir que essas novas medidas, se não previnem, dificultam a viagem de cidadãos norte-americanos a Cuba.

Esse crescimento anual de meio milhão de visitantes, nos últimos três anos, alcançaria cerca de 6 milhões de turistas em 2020, um número próximo ao cenário proposto pela Organización Mundial del Turismo (OMT), em 2000.<sup>294</sup> Segundo a OMT, o turismo é um dos principais setores econômicos de Cuba, apoiando muitos meios de subsistência e atraindo significativo interesse de investidores estrangeiros, o que certamente continuará sendo o caso. Ainda segundo esse órgão, Cuba recebeu, em 2016, mais de 4 milhões de visitantes internacionais, um crescimento de mais de 1 milhão em apenas cinco anos.<sup>295</sup>

No último país que poderia ainda ser descrito como socialista, o sucesso inesperado do Partido Comunista e do governo liderado por Castro na Ilha tornou ainda mais um ponto de interesse o lugar da Igreja Católica nesse contexto.

Em relação à saúde, o jornal *El País Internacional*, informa que Cuba consegue ter um sistema de saúde com índices comparáveis aos países desenvolvidos e com um orçamento típico de uma região em desenvolvimento. O Governo cubano sempre se vangloriou de

<sup>293</sup> AGÊNCIA BRASIL. *Trump anuncia cancelamento de acordo e apoia embargo dos EUA a Cuba*. 16 jun. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-06/trump-anuncia-cancelamento-de-acordo-e-apoia-embargo-dos-eua-cuba>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>294</sup> ORGANIZACIÓN MUNDIAL DEL TURISMO. *Turismo Panorama 2020: Previsiones mundiales y perfiles de los segmentos de mercado*. Madrid, 2002.

<sup>295</sup> THE WORLD TOURISM ORGANIZATION. *UNWTO condemns US Administration decision to restore travel restrictions with Cuba*. 19 jun. 17. Disponível em: <<https://media.unwto.org/press-release/2017-06-19/unwto-condemns-us-administration-decision-restore-travel-restrictions-cuba>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

fomentar e cuidar do serviço básico, gratuito e universal que oferece para sua população. Porém, também há deficiências: infraestrutura deteriorada, constantemente avariada ou obsoleta e um déficit importante de médicos, em razão da prioridade dada pelo Estado às missões médicas internacionais ou a incessante saída de especialistas que conseguem exilar-se.<sup>296</sup> Também segundo o jornal, esse sucesso resulta, dentre outras ações, do gasto destinado ao setor: 10,57% do PIB, em 2015, muito acima de países como Estados Unidos, Alemanha, França e Espanha. Há quatro décadas, Cuba possuía uma infraestrutura composta por 452 postos de saúde, com prioridade à medicina preventiva, à cobertura universal e ao acesso aos serviços médicos. Daí seus indicadores serem iguais aos de países muito mais ricos.<sup>297</sup>

Porém, o outro lado da moeda são as clínicas exclusivas para turistas, governantes e altos mandatários. O Governo cubano reserva os melhores hospitais, equipamentos e remédios para a nata do poder e para os estrangeiros, e a qualidade do serviço prestado ao cubano comum é relegada. Este é obrigado a depender do mercado negro ou do favor de seus familiares no exterior para conseguir medicamentos. Segundo uma paciente do Hospital Salvador Allende, a situação é ruim não apenas pela falta de especialistas e funcionários, mas também porque tudo tem que ser trazido de fora, como roupas de cama, produtos de higiene e até lâmpada. Embora a saúde seja gratuita e universal, é descuidada e informal. Também um médico relatou que Cuba tem dois sistemas de saúde: um para os cubanos e outro para os estrangeiros. Estes recebem um atendimento de maior qualidade, enquanto a população nacional tem de se conformar com instalações caindo aos pedaços, falta de remédios e equipamentos e falta de pessoal especializado. Relatou que o pessoal especializado é enviado ao exterior para gerar renda para Cuba. Esse é lado B da saúde cubana – as clínicas exclusivas para turistas, governantes ou altos funcionários, ou seja, o Estado reserva o melhor para a elite do poder e para os estrangeiros.<sup>298</sup>

Em 1959, a Ilha caribenha possuía apenas 6 mil médicos, já que metade emigrou depois da Revolução. A crise sanitária que se seguiu evidenciou a necessidade de formar profissionais em massa. Em 2014, Cuba tinha 67,2 médicos para cada 10 mil habitantes, sendo o terceiro país do mundo nesse ranking, ficando atrás apenas do Catar e de Mônaco. Apesar desses números, conforme dados do Departamento Nacional de Estatísticas e Informação (Onei, na sigla em espanhol), a qualidade da atenção primária – durante anos a

---

<sup>296</sup> FUENTE, Álvaro. Como Cuba consegue índices de países desenvolvidos na saúde? *El País Internacional*. Havana, 8 fev. 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/12/internacional/1484236280\\_559243.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/12/internacional/1484236280_559243.html)>. Acesso em: 24. abr. 2019.

<sup>297</sup> FUENTE, 2017.

<sup>298</sup> FUENTE, 2018.

referência na saúde pública – viu-se afetada. Isso porque houve uma redução em 62% da quantidade de médicos de família, de 34.261, em 2009, para 12.842, em 2014.<sup>299</sup>

Mesmo com esse quadro, de acordo com o relatório do Estado Mundial da Infância do Unicef, Cuba alcançou, em 2015, uma taxa de mortalidade infantil abaixo de cinco por 1 mil. Esse número colocou o país entre as primeiras 40 nações do mundo.

O país também foi pioneiro em diversos avanços na medicina: em 1985, desenvolveu a primeira e única vacina contra a meningite B; conseguiu novos tratamentos para combater a hepatite B, o pé diabético, o vitiligo e a psoríase. E desenvolveu uma vacina contra o câncer de pulmão, que está sendo testada nos Estados Unidos; e, também em 2015, foi o primeiro país do planeta a eliminar a transmissão materno-infantil de HIV, dado atestado pela Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>300</sup>, corroborando a área saúde cubana como um sistema de vanguarda e muito acima da média mundial.<sup>301</sup>

O órgão Nações Unidas no Brasil confirmou esse fato e também inclui a informação de Cuba ser o primeiro país do mundo a receber a validação da Organização Mundial da Saúde (OMS) de eliminação da transmissão vertical (de mãe para filho) do HIV e da sífilis. E informa ser esse mais um passo certo para reduzir a ameaça global do HIV e da Aids<sup>302</sup>, uma das metas do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) número 3.<sup>303</sup>

Além disso, e ainda mais significativas, observam-se distinções nas áreas de educação, equidade étnico-racial e de gênero, e a criação de um verdadeiro socialismo democrático de partido único – as quais merecem atenção política ou científica suficiente, conforme preconiza o artigo 42 da Constituição de Cuba:

Todas as pessoas são iguais perante a lei, recebem a mesma proteção e tratamento das autoridades e gozam dos mesmos direitos, liberdades e oportunidades, sem qualquer discriminação em razão do sexo, gênero, orientação sexual, identidade de gênero, idade, origem étnica, cor da pele, crença religiosa, deficiência, origem nacional ou territorial, ou qualquer outra condição ou circunstância pessoal que implique uma distinção que seja prejudicial à dignidade humana.<sup>304</sup>

<sup>299</sup> Disponível em: <<http://www.one.cu/>>. Acesso em: 24. abr. 2019.

<sup>300</sup> WORD HEALTH ORGANIZATION. UNAIDS. *OMS valida eliminação da transmissão de mãe para filho do HIV e da sífilis em Cuba*. Comunicado de Imprensa. Genebra, 30 jun. 2015, p. 3-4.

<sup>301</sup> FUENTE, 2018.

<sup>302</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Cuba é o primeiro país do mundo a erradicar transmissão materna de HIV e sífilis; vídeo*. 18 abr. 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/cuba-e-o-primeiro-pais-do-mundo-a-erradicar-transmissao-materna-de-hiv-e-sifilis-video/#>>. Acesso em: 24. abr. 2019.

<sup>303</sup> “Objetivo 3. Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas e todos, em todas as idades.” Toda a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável pode ser lida no site das Nações Unidas em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>.

<sup>304</sup> CUBA, 2019, p. 79.

O fato de que um país de tais meios modestos esteja disposto a sacrificar tanto para aqueles em maior necessidade é de grande questão política e filosófica e levanta o espectro de um tipo totalmente diferente de ordem global, além de fornecer uma visão de uma comunidade de livre associação (em contraste com a tendência dos russos de voltar a tendências imperialistas) com países socialistas. A atual política científica, teoria do interesse nacional, é algo que estudiosos e leigos devem ter a coragem e criatividade para olhar além, e Cuba, mais uma vez, oferece uma oportunidade única para isso.

Além de questões de política e as implicações da equidade racial e de gênero alcançadas em Cuba, seu sucesso contínuo deve revitalizar o debate que foi prematuramente interrompido com o colapso da União Soviética por razões não relacionadas à legitimidade de uma visão mais materialista dos direitos humanos – a ideia de que é mais importante que se seja livre da falta de moradia e da fome.

Com a independência dos países do Terceiro Mundo que adotaram o socialismo, como Cuba, reinterpretaram o marxismo dentro do contexto de suas sociedades particulares. A mutualidade de direitos e obrigações e a responsabilidade do Estado por satisfazer as necessidades básicas do homem/mulher, como alimentação, habitação e cuidados de saúde são a substância de direitos em contraste com a ênfase do Ocidente nos direitos civis e políticos individuais.<sup>305</sup>

Ou seja, ainda que os termos comunismo e socialismo possam causar certo receio e levar a muitos questionamentos, não se pode negar que há por parte do Estado cubano a preocupação de satisfazer as necessidades básicas do indivíduo, como alimentação, habitação e cuidados de saúde. Isso torna ainda mais instigante observar como a Igreja Católica reage e se encaixa nesse contexto filosófico-político de denotada prática socialista.

Cuba está num processo de abertura da economia para o mercado, sempre com planejamento econômico e sob a égide do socialismo. Os países do Leste europeu, com sua abertura da economia para o mercado, uma forma velada de restabelecer o capitalismo, transformou suas economias em economias de mercado. A Ilha cubana mantém uma economia de mercado e um Estado socialistas.

Dessa forma, essa abertura para as relações mercantis, principalmente no turismo, movimenta a economia, mas também proporciona o crescimento da prostituição, a venda de produtos cubanos no mercado negro, como charutos e medicamentos, além do fenômeno social que consiste em crianças que pedem dinheiro e, curiosamente, elas fazem isso vestidas

<sup>305</sup> POLLIS, Adamantia. Direitos Humanos, Terceiro Mundo Socialismo e Cuba. *Mundo Desenvolvimento*, v. 9, p. 1005-1017, 1981.



dignamente, calçadas e bem alimentadas.<sup>306</sup> A economia é movimentada, em Cuba, por dois tipos de moeda: O CUP, que é usado pelo povo cubano; e o CUC, usado só por turistas.<sup>307</sup>

### 3.1.1 *Cuba e o Vaticano*

Sem dúvida, a posição do Vaticano em relação a Cuba mudou desde 1962. E essa mudança de posição teve muito a ver com a visita a Cuba do prelado César Zacchi, que chegou ao país e nesse tempo se dedicou somente à diplomacia, pois veio com a função de secretário do núncio apostólico<sup>308</sup>. Zacchi disse, em uma entrevista a Carlos María Gutiérrez, que a Igreja tinha percebido que a Revolução Cubana era irreversível e que, enquanto Fidel Castro não era cristão, do ponto de vista ideológico, considerou que ele era.<sup>309</sup>

A posição de Fidel Castro também mudou em relação à religião católica e ao Vaticano, com o interesse adicional de querer receber o Papa em Havana.<sup>310</sup> Por ocasião da recepção oferecida pelo monsenhor Zacchi pela coroação de Paulo VI, em 1963, Fidel declarou que queria que missionários de nacionalidade canadense ou belga retornassem a Cuba. Esta afirmação foi acolhida pelo Vaticano e pelo episcopado cubano com reservas, “[...] que observaram como o diálogo entre o governo cubano e a Igreja Católica iniciou um período incerto de calma, silêncio e esperança”<sup>311</sup>. (tradução nossa)

Assim, “[...] um espaço político para a Igreja, com a condição tácita seria, no entanto, não abusar desse direito”<sup>312</sup>, o que seria difícil de realizar, por outro lado, porque essa instituição religiosa não estava acostumada a ter limitada a sua atividade pastoral, apesar dos

<sup>306</sup> ARANTES, Aldo. Socialismo cubano enfrenta duplo bloqueio e se afirma. *Revista Principios*. Edição 42, ago./set./out. 1996, p. 52-57.

<sup>307</sup> Em Cuba há duas moedas: o peso cubano (CUP) e o peso cubano conversível, mais conhecido por CUC. O CUP é usado pelos nativos cubanos, o CUC é usado só por estrangeiros; é uma moeda muito forte, ligada ao Euro. Já o peso cubano é uma moeda muito desvalorizada, usada pelos cubanos para receber o pagamento e comprar os alimentos básicos. Presume-se que os turistas só podem usar CUC. Na prática, nada impede ir à cadeca (casa de câmbio) e trocar pesos conversíveis por CUPs a uma taxa de câmbio de aproximadamente 25 pesos por peso conversível. Disponível em: <<https://www.turismoemcuba.com/moeda-oficial-em-cuba>>.

<sup>308</sup> Núncio apostólico ou núncio papal é um representante diplomático permanente da Santa Sé e não do Estado da Cidade do Vaticano. O Vaticano, ou o Estado da Cidade do Vaticano, é um instrumento para a independência da Santa Sé, com natureza e identidade próprias e a personificação do governo central da Igreja. O núncio apostólico exerce o posto de embaixador; como representante da Santa Sé, é um diplomata e como tal é enviado e recebido pelo governo do país para o qual foi nomeado. Costuma ter status eclesiástico de arcebispo e, geralmente, reside na nunciatura apostólica, que tem os mesmos privilégios e imunidades de uma embaixada. SOCIEDADE BRASILEIRA DOS CANONISTAS. *A nunciatura apostólica*. 8 abr. 2009. Disponível em: <<https://www.infosbc.org.br/site/artigos/286-a-nunciaura-apostolica>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

<sup>309</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 32.

<sup>310</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 32.

<sup>311</sup> “[...] que observaban cómo el diálogo entre el gobierno cubano y la Iglesia católica emprendía un período incierto de calma, silencio y esperanza.” CUARTERO, 1998, p. 90.

<sup>312</sup> KIRK, 1995, p. 5.

anos desde o triunfo da Revolução em Cuba e a aceitação dos seus objetivos pela hierarquia da igreja, quando a permanência dos princípios revolucionários já tinha se tornado inevitável.

Um bom exemplo da irreversibilidade da Revolução Cubana que a Igreja Católica decidiu tomar foi a promulgação da Constituição de 1976, na qual extensa homenagem, em seu preâmbulo, foi feita a José Martí e Karl Marx, e a importância do internacionalismo proletário foi realçada. Além disso, em um de seus artigos, é mencionado o ensino das bases estaduais, sua política educacional e cultural no mundo científico, criado e desenvolvido pelo marxismo-leninismo, e a promoção da educação comunista das novas gerações.<sup>313</sup>

O texto constitucional reafirmava a natureza ateísta do Estado, como lembra Contreras.<sup>314</sup> Nos momentos antes, e já cumprida a primeira década do Pontificado de João Paulo II (eleito em 1978)<sup>315</sup>, houve um esfriamento nas relações entre a Igreja Católica e o governo cubano. E, apesar da existência de propostas pelo governo cubano, como permitir a prática religiosa de membros do Partido Comunista e expressar o desejo de receber uma visita papal, isso não ocorreu até janeiro de 1998. João Paulo II adiou esta viagem o quanto foi possível, em razão da sua insatisfação com o Governo revolucionário. Assim, a primeira visita de João Paulo II a Cuba ocorreu em janeiro de 1998, 20 anos depois da sua nomeação, tendo sido um marco fundamental dessa nova dinâmica que adquiriu uma grande importância.<sup>316</sup>

Essa visita foi um fator determinante para a superação do relativo isolamento internacional a que o país estava submetido, apesar das relações tensas e conflitivas, ao longo do processo revolucionário cubano, entre a hierarquia da Igreja Católica no país e as lideranças revolucionárias. Também foi positiva por causa da reconhecida atuação desse líder católico, que, para muitos, havia contribuído de maneira significativa para a derrocada dos regimes comunistas, em seu país natal, a Polônia, e também em todo Leste Europeu.

Além do mais, essa visita de João Paulo II a Cuba obteve uma ampla repercussão, contribuindo para o desenvolvimento do objetivo fundamental da política externa cubana, e pode ser compreendida em duas dimensões. Por um lado, consolidou a normalização das relações entre Igreja e Estado<sup>317</sup>, pois, como afirma Calzadilla:

<sup>313</sup> CUBA. *Constitución de 1976*. Disponível em: <<https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/6/2525/51.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>314</sup> CONTRERAS, Delia. El papel de la Iglesia Católica en el futuro de Cuba: su misión ante la sociedad y el Estado. *¿Quo vadis Cuba?* Blog científico, sep. 2015, p. 5.

<sup>315</sup> LA SANTA SEDE. Perfil biográfico de João Paulo II (1920-2005), 3 mai. 2014. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20190722\\_biografia.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf_jp-ii_spe_20190722_biografia.html)>. Acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>316</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 33.

<sup>317</sup> Para uma avaliação das repercussões internas desta visita ver, entre outras publicações, “*Wojtyła: huracán sobre Cuba*” (BETTO, 1998) e o artigo “*Marxismo y Cristianismo*” (GIRARDI, 1998), ambos publicados na revista *América Libre*.

A visita de Karol Wojtyła foi, sem dúvida, um evento de importância, descrito como histórico pela imprensa estrangeira. Em sua estadia em Cuba, o Papa incluiu em seu discurso alguns elementos de crítica social e política, silenciando as conquistas em diferentes campos. [...] A visita deixa um balanço favorável e equilibrado para o projeto cubano e para a igreja. Um propósito óbvio do Papa era reforçar a autoridade da igreja local e contribuir para expandir seu espaço, apoiando suas demandas.<sup>318</sup> (tradução nossa)

Por outro lado, vale ressaltar que essa visita possibilitou à liderança cubana, ao mobilizar um número relativamente grande de jornalistas que a cobriram, demonstrar que o regime realizava um processo de abertura parcial e possuía um novo aliado, principalmente pelas posições assumidas pelo Papa em seus discursos, condenando o bloqueio norte-americano e rechaçando o neoliberalismo como alternativa.<sup>319</sup>

Sobre as relações entre Cuba e o Vaticano, os altos e baixos que ocorreram mostram que a desconfiança mútua não desapareceu, apesar de ter havido alguns estágios de respeito, tolerância e trabalho mútuo. A carta pastoral da Conferência dos Bispos Católicos de Cuba, emitida em setembro de 1993, chamada *O amor tudo espera*<sup>320</sup>, não era favorável ao governo revolucionário:

Depois da queda do Muro de Berlim, em 1989, esperava-se a desmontagem do socialismo mundial, da qual a experiência cubana não deveria ficar indene. Um novo documento pastoral dos bispos em 1993, *O amor tudo espera*, dava outra conotação ao Documento final do Enecc [Encontro Nacional Eclesial Cubano], com uma interpretação local da doutrina social católica para um mundo que deixava de ser bipolar, no qual haveria que colocar a atenção no fracasso do socialismo e sentar as coordenadas de um projeto alternativo, uma terceira via, reservando para os católicos uma esfera de protagonismo.<sup>321</sup>

Como se observa, havia nessa carta uma interpretação local da doutrina social católica em um mundo que deveria colocar a atenção no fracasso do socialismo e, para os católicos, a demanda de uma posição que não fosse relegada a um plano secundário. A carta fala, entre outras proposições, de incluir Jesus Cristo e a Virgem Maria na cultura cubana, no

<sup>318</sup> “La visita de Karol Wojtyła fue indudablemente un acontecimiento de importancia, calificado de histórico por la prensa extranjera. En su estancia en Cuba el Papa incluyó en su discurso algunos elementos de crítica social y política al tiempo que silenció los logros alcanzados en diferentes campos. [...] La visita deja un saldo favorable balanceado para el proyecto cubano y para la iglesia. Un propósito evidente del Papa fue reforzar la autoridad de la iglesia local y contribuir a ampliar su espacio, respaldando sus demandas”. CALZADILLA, 1998, p. 14.

<sup>319</sup> ALONSO, 2011, p. 111.

<sup>320</sup> CUBAENCUENTRO DOCUMENTOS. *Carta Pastoral “El amor todo lo espera”*. Mensaje de la Conferencia de Obispos Católicos de Cuba, dado a conocer en septiembre de 1993. A carta pode ser lida na íntegra em: <<https://www.cubaencuentro.com/documentos/carta-pastoral-el-amor-todo-lo-espera-117949>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

<sup>321</sup> ALONSO, 2011, p. 111.

amor a Deus e ao próximo e, como se pode ver no fragmento de texto extraído, dá ênfase à justiça como caridade:

A luta pela justiça não é uma luta contra a qual se pode permanecer neutro, porque isso equivaleria a colocar-se a favor da injustiça e Jesus, referindo-se ao homem que quer cumprir a vontade de Deus, declarou abençoados aqueles que ‘estão com fome e sede de justiça’ [...]. [...]a justiça é incompleta sem amor. A justiça corta rente, o amor cria; a justiça vê com os olhos, o amor sabe ver com o coração; a justiça pode ser vazia de amor, mas o amor não pode ser vazio de justiça, porque um fruto de amor é paz e ‘justiça e paz se beijam’ (Sl 86, 11).<sup>322</sup>

As desconfianças do passado estavam longe de acabar, e essas críticas da Igreja Católica reforçaram essas suspeitas já tão arraigadas em grande parte do povo cubano e, claro, no seu Governo. Ao mesmo tempo, a forte reação oficial oferecia à Igreja Católica um teste que reforçava a convicção da existência de um Governo hostil. Também a atitude do Vaticano – principalmente do Papa João Paulo II, contra a teologia da libertação e os movimentos de luta popular da América Central e do Sul – não ajudou muito no entendimento mútuo entre o regime cubano e a Igreja Católica.<sup>323</sup>

Conforme relato do teólogo Leonardo Boff, Frei Betto e ele trabalharam durante cinco anos para reconciliar a Conferência dos Bispos de Cuba com o Governo cubano, a fim de promover o diálogo entre as duas partes e desmontar o ateísmo. Depois de cinco anos de diálogo, Cuba foi declarada um Estado laico, conforme a redação da nova Constituição: “A Constituição da República de Cuba de 24 de fevereiro de 1976 é revogada, como foi escrito pelas reformas de 1978, 1992 e 2002”<sup>324</sup> e, dessa forma, abriu as portas para que padres e freiras pudessem voltar a Cuba.

Segundo Boff, o que de fato mudou a situação foi o livro de Frei Betto, *Fidel e a religião, conversações com Frei Betto*, obra que vendeu um milhão de exemplares em Cuba e fez o povo perceber que não há contradição entre cristianismo e socialismo.<sup>325</sup> Talvez porque a Teologia da Libertação, de certa forma, se coadune com certos princípios do socialismo. No pensamento de Boff, o Reino de Deus anunciado por Cristo não é uma libertação limitada, não se deve restringi-lo a aspectos isolados – políticos, econômicos ou religiosos. Mas ele

<sup>322</sup> CUBAENCUENTRO DOCUMENTOS, 2008.

<sup>323</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 35.

<sup>324</sup> “[...] *Se deroga la Constitución de la República de Cuba de 24 de febrero de 1976, tal como quedó redactada por las reformas de 1978, 1992 y 2002*”. CUBA. *Proyecto de Constitución de la República de Cuba*. Disponível em: <<http://www.parlamentocubano.cu/wp-content/uploads/Tabloide-Constituci%C3%B3n.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

<sup>325</sup> BOFF, Leonardo. *Cuba precisa de revolução da liberdade*. Entrevista concedida à emissora Deutsche Welle, Alemanha, 30 nov. 2016.

abrange “[...] tudo, mundo, homem e sociedade”<sup>326</sup>. Pois somente assim o Reino de Deus pode significar realização da utopia do coração humano, da utopia de uma total libertação da realidade humana e cósmica do pecado e de outros elementos alienantes na criação. Esse Reino, em que não existe mais alienação, que Cristo pregou e tornou presente. Por isso é possível dizer: “[...] ele se entendeu como Libertador”<sup>327</sup>.

Boff ensina que toda cristologia da libertação dependerá de análise social e de hermenêutica. A análise social enfoca a realidade a ser mudada e a hermenêutica considera a relevância teológica dessa análise. A análise social é considerada em termos de Jesus Cristo e, assim, garante o caráter teológico da teoria e da práxis da libertação. Ele afirma: “A Cristologia da Libertação pressupõe e depende de uma prática social específica concebida para romper com o contexto existente de dominação e dar aos grupos sociais oprimidos a oportunidade de se libertarem das formas existentes de dominação”<sup>328</sup>.

Para Frei Betto, outro teólogo da mesma linha, nos anos de 1985 e 1986, a Teologia da Libertação era combatida por parte dos membros da Igreja Católica que tentavam silenciar os teólogos progressistas, como o já citado Leonardo Boff e ele próprio, Frei Beto. Com declarações que afirmam, com toda a clareza, a união dos ideais religiosos cristãos e políticos marxistas, Frei Betto defendia a convivência das duas ideologias. “Cristãos e marxistas começam a perder o medo da convivência e, em Cuba, por exemplo, há mais condições para a prática do Cristianismo do que nos países que se dizem cristãos”<sup>329</sup>.

E ainda:

Por mais paradoxal que pareça, em Cuba eu me sinto mais coerente com o Evangelho, porque ali se criou uma sociedade de cooperação, de colaboração, de espírito internacionalista, preservando, portanto todos os valores essenciais do Cristianismo num Estado socialista.<sup>330</sup>

A integração do Evangelho com os ideais marxistas se daria a partir das práticas das classes populares em busca de sua liberdade e, em consequência desta, das transformações sociais. “O cristão assimila a seu modo a racionalidade marxista e a faz operativa em vista da colaboração que a fé pode dar à libertação dos oprimidos”<sup>331</sup>.

<sup>326</sup> BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. Petrópolis (Brasil) e Porto (Portugal), 1972, p. 68.

<sup>327</sup> BOFF, 1972, p. 66

<sup>328</sup> BOFF, 1972, p. 267.

<sup>329</sup> TRIBUNA DE IMPRENSA. Rio de Janeiro: IAJES (NDH), 1986.

<sup>330</sup> TRIBUNA DE IMPRENSA, 1986.

<sup>331</sup> BOFF, 1987, p. 127.



Em meados dos anos 90 do século XX, a base social da Igreja Católica [em Cuba] tinha aumentado. John H. Kirk lembra que, quando Jaime Ortega Alamino foi nomeado cardeal, em 1994, cerca de 10 mil pessoas participaram da celebração da missa; estimou-se que havia cerca de 150 mil católicos na Ilha que praticavam a sua fé regularmente e cerca de 60 seminaristas estavam sendo treinados no país.<sup>332</sup>

A partir disso, Fidel aceitou e convidou o Papa João Paulo II, depois o Papa Bento XVI e o Papa Francisco, duas vezes.

### 3.1.2 *As visitas papais*

João Paulo II visitou Cuba em janeiro de 1998 e nos meses que antecederam sua visita, o Governo revolucionário fez alguns gestos amistosos para a Igreja Católica, como autorizar a entrada de dezenas de religiosos no país, declarar feriado nacional no dia de Natal, em 1997 – que não era comemorado desde 1969 – e publicar a mensagem de Natal do Papa na capa do jornal oficial *Granma*. Foi nessa viagem que Karol Wojtyła pronunciou a famosa frase de grande significado: “Que Cuba se abra ao mundo e o mundo se abra a Cuba, para que este povo possa olhar para o futuro com esperança”<sup>333</sup>.

A desistência de perseguir a Igreja Católica deixou clara a tentativa do Governo cubano de normalizar as relações com o Vaticano e suavizar a crítica de um adversário com forte influência política e social.

Essa visita papal a Cuba resultou em vários anos de atividade para tecer uma relação cada vez mais estável entre o regime cubano e a Santa Sé, já que tanto a hierarquia do país quanto o próprio Vaticano se tornaram uma das principais vias de diálogo na Ilha, depois do colapso da União Soviética. Nessa fase, o Governo cubano começou a procurar outros aliados internacionais.

O Papa Bento XVI, nascido Joseph Aloisius Ratzinger, visitou Cuba em março de 2012, em um contexto muito diferente, pois Fidel Castro já havia delegado o poder a seu irmão Raúl, que consolidou o governo do irmão e adotou uma série de medidas para reduzir o tamanho do Estado; as atividades econômicas independentes se multiplicavam. As relações com a Igreja Católica já eram muito fluidas, tanto que o cardeal Jaime Ortega agiu com sucesso como mediador e emissário. Até mesmo a Igreja Católica desempenhou um papel

<sup>332</sup> KIRK, 1995, p. 6.

<sup>333</sup> SCHNEIDER, Roque. *João Paulo II e Fidel Castro*. São Paulo: Edições Loyola, 1998, p. 21; REVISTA VEJA. *Fidel Castro completa 50 anos de excomunhão meses antes da visita do papa*. 2 jan. 2012. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/fidel-castro-completa-50-anos-de-excomunhao-meses-antes-da-visita-do-papa/>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

fundamental na libertação de mais de cem presos políticos, tendo, a maioria deles, aceitado o exílio. O Papa, por sua vez, defendeu a liberdade, pediu mais espaços para o catolicismo, censurou o bloqueio dos EUA e pediu a reconciliação dos cubanos, tanto os que viviam na Ilha quanto os que residiam no exterior, principalmente em Miami.<sup>334</sup>

Essa visita foi adequada a ambas as partes, uma vez que o Vaticano conseguiu melhorar a sua imagem em Cuba e alcançar certos objetivos pastorais, enquanto o país anfitrião conseguiu mostrar ao povo cubano que o regime socialista era plural, com boas relações com a fé católica. Além do mais, ele se mostrou ao mundo como um Governo respeitoso, embora não complacente, com o Papa. Essa demonstração de coexistência pacífica entre dois Estados tão diferentes, e até opostos em algumas questões, conseguiu enfraquecer um pouco mais o embargo dos Estados Unidos.<sup>335</sup>

Jorge Mario Bergoglio, o atual Papa Francisco, foi último pontífice a visitar Cuba. Lá chegou no mês de setembro de 2015, quando o país ainda estava sob o impacto de restaurar relações com os Estados Unidos, momento de aproximação em que o Papa representou um papel significativo.<sup>336</sup> Sua viagem coincidiu com a celebração do 80.º aniversário do início das relações diplomáticas entre o Vaticano e Cuba. Vale lembrar que a normalização das relações diplomáticas entre Cuba e os Estados Unidos foram anunciadas pelos presidentes Raúl Castro e Barack Obama<sup>337</sup>, em 17 de dezembro de 2014<sup>338</sup> (dois anos depois Obama faria a histórica visita a Cuba, pela primeira vez, em 88 anos, estando a Ilha já sob o comando do presidente Raúl Castro).<sup>339</sup> A nova atmosfera de compreensão e entendimento, ajudada pelo desejo de Jorge Mario Bergoglio, de uma Igreja pobre a serviço dos pobres, causou o aumento do número de turistas, notadamente dos Estados Unidos, o que suavizou a atitude do Governo revolucionário para com a Igreja Católica. Outros fatores positivos ocorreram em Cuba, como o crescimento de pessoas que trabalham por conta

<sup>334</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 36.

<sup>335</sup> MARIN, Emilio. Cada uno a lo suyo, con coincidencias y discrepancias. *Cuba Coraje*, mar. 2012.

<sup>336</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 36.

<sup>337</sup> Em 20 de março de 2016, Barack faz histórica visita a Cuba. Pela primeira vez, em 88 anos, a Ilha, agora sob comando do presidente Raúl Castro, recebe um presidente norte-americano.

<sup>338</sup> Em 17 de dezembro de 2014, os presidentes Castro e Obama anunciaram ao mundo a normalização das relações diplomáticas. Porém, a questão do embargo permaneceu pendente de uma solução definitiva porque é o Congresso dos EUA que tem que decidir, e a maioria republicana não aceita o fim do bloqueio a Cuba. ALGAÑARAZ, Julio. La muerte del líder cubano. Tras la muerte de Fidel Castro, qué se espera de la relación de Cuba con el Vaticano. 26 nov. 2016. *Clarín Mundo*. Disponível em: <[https://www.clarin.com/mundo/cuba-iglesia-fidel-firmes-relaciones\\_0\\_SkO40ePgl.html](https://www.clarin.com/mundo/cuba-iglesia-fidel-firmes-relaciones_0_SkO40ePgl.html)>. Acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>339</sup> BBC NEWS. Brasil. *Visita histórica: o que Barack Obama quer em Cuba?* 20 mar. 2016. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160320\\_visita\\_obama\\_cuba\\_rm](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160320_visita_obama_cuba_rm)>. Acesso em: 20 jan. 2018.

própria, os *cuentapropistas*<sup>340</sup> e a reforma migratória, que passou a permitir viagens dos cubanos ao exterior.<sup>341</sup>

O Decreto-Lei n.º 141, promulgado em 1993, determinava que 55 atividades podiam ser exercidas; em 1995, 117 foram autorizadas e, em 2002, foram registradas 157. Dessa forma, era permitido um espaço mais amplo para atividade privada ou não estatal. Essas atividades, além de constituírem uma fonte emergente de emprego, também complementavam a oferta de bens e serviços que não existiam em outros mercados. Mais do que isso, se transformaram em um novo canal de renda para a família cubana. Em 2010, havia cerca de 330 mil cubanos nessa nova modalidade de emprego.<sup>342</sup>

O Papa Francisco introduziu um novo estilo na Santa Sé, voltado para uma Igreja mais pobre e mais gentil, com menos rigor e burocracia, embora isso não mude os princípios católicos, o que tem facilitado a compreensão e as boas relações com o Governo cubano. No entanto, a Igreja tem seus próprios problemas, e a prioridade do novo Papa é propiciar dentro da Igreja as mudanças pertinentes que lhe permitam sair do estado de crise atual em razão de casos de pedofilia e corrupção no Vaticano.

Na esfera estrangeira, Francisco enfrenta uma perda constante de fiéis na América Latina, baluarte tradicional do catolicismo, diante da proliferação irrefreável de igrejas protestantes e evangélicas em países como Cuba ou Brasil. Estima-se que, atualmente, existam cerca de 700 milhões de protestantes espalhados pelo mundo, dos quais 300 milhões são pentecostais. De acordo com Contreras, cerca de 800 pessoas, a cada dia, deixam a Igreja Católica para se juntar ao pentecostalismo, que, além de construção de templos, está investindo enormes quantidades de recursos nas universidades e emissoras de televisão.<sup>343</sup>

Ocorrida a regularização das relações do governo cubano com a Igreja Católica, aqui se ressalta que esta última tem redefinido seus objetivos e tentado coexistir com o socialismo, buscando ambos trabalhar juntos na busca de objetivos comuns, mas tudo sem sair de suas reservas sobre o processo revolucionário. Essa normalização causou um aumento do número de fiéis na Ilha. Muitas pessoas, devido ao desaparecimento do bloco soviético e à crise das ideologias esquerdistas, passaram a buscar uma explicação para sua existência na

<sup>340</sup> Pequenos trabalhadores autônomos, que montam seus negócios e se estabelecem sozinhos. Em 2010, o número de cidadãos girava em torno de 330 mil cidadãos vindos a essa nova forma de emprego. Segundo o jornal *La Ventana*, em 2016 já havia mais de meio milhão que montam seus negócios e se estabelecem. Disponível em: <[https://cadenaser.com/programa/2015/06/04/la\\_ventana/1433439796\\_014156.html](https://cadenaser.com/programa/2015/06/04/la_ventana/1433439796_014156.html)>. Acesso em: 24 abr. 2019.

<sup>341</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 36-37.

<sup>342</sup> SÁNCHEZ, Alcides Francisco Antúnez; CUMBRERA, Jorge Manuel Martínez; BÁEZ, Jorge Luis Ocaña. El Trabajo por Cuenta Propria: incidencias en el nuevo relanzamiento en la aplicación del modelo económico de Cuba en el siglo XXI. *Prisma Jur.*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 68-72, jan./jun., 2015.

<sup>343</sup> CONTRERAS, 2015, p. 16.

espiritualidade religiosa. Os templos às vezes passaram a ser o refúgio dos oponentes da Revolução, em vez de se juntarem a grupos dissidentes.<sup>344</sup>

Álvarez postula que “[...] o desafio para a Igreja é ser capaz de tomar essa transformação sem cair na armadilha de considerar-se mais importante do que realmente é, e sendo arrastada por uma sensação triunfalista”<sup>345</sup>.

Ambas as instituições podem comprometer-se e, de fato, isso já vem sendo feito de várias maneiras. Pela Igreja, ao aceitar a igualdade social ou apoiar a crítica ao embargo dos Estados Unidos; pelo Estado cubano, ao retroceder em suas decisões e decretar feriados de Natal e Sexta-feira Santa, libertar certos presos políticos e até mesmo publicar os discursos do Papa e dos bispos no jornal oficial *Granma*.<sup>346</sup>

Porém, em matéria de marxismo, com o seu conteúdo ateu e científico, o diálogo entre marxistas e o Vaticano e a hierarquia católica é mais difícil, sendo quase impossível que essas instituições desistam de sua essência imanente. Ambas as posições são antagônicas e irreconciliáveis, já que qualquer concessão nesse sentido significaria sua desnaturalização. As diferenças se interpõem entre a tradição marxista e a ideologia religiosa e são ditadas não apenas por interpretações de mundo distintas, mas, principalmente, por opções históricas de posições políticas, muitas vezes estabelecidas em campos opostos.<sup>347</sup>

Dito isso, a Igreja Católica sempre esteve presente em Cuba desde o tempo da conquista e colonização da Ilha. E agora confirma sua presença com a importante reaproximação da Igreja de Cuba, como, por exemplo, por meio da visita dos últimos três Papas à Ilha.

Esse fato representou um ensaio de convergência de interesses, tornando as religiões, principalmente a Igreja Católica, a principal porta-voz interna do regime cubano, havendo, de acordo com Garcia, uma reaproximação entre a liderança revolucionária e a hierarquia católica:

Finalmente, nas três últimas décadas, associada às mudanças e impactos oriundos da fragmentação do bloco soviético, ocorre uma reaproximação entre a liderança revolucionária e a hierarquia católica, demonstrando uma convergência de interesses, tornando a Igreja Católica a principal interlocutora interna do regime cubano.<sup>348</sup>

<sup>344</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 37.

<sup>345</sup> KIRK, 1995, p. 7.

<sup>346</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 38.

<sup>347</sup> ÁLVAREZ, 2018, p. 38.

<sup>348</sup> GARCIA, D. Contreras. Iglesia Católica y Estado en la República de Cuba: pasado y presente de sus relaciones. *América Latina Hoy*, n. 63, p. 177-195, 2013. In: SILVA, Marcos Antonio; JOHNSON, Guillermo Alfredo. *Revolução e religião: as relações entre a Igreja e o Estado na Cuba contemporânea. Ciências Sociais Unisinos*, v. 52, n. 1, p. 8-16, jan./abr. 2016.

Entretanto, interpretar a visita dos Papas e as promessas subsequentes do governo de conceder alguns privilégios para a Igreja Católica como prova de um novo compromisso com a liberdade religiosa pode denotar uma falta de conhecimento da realidade atual. É importante colocar que não é fácil a relação do catolicismo com a filosofia socialista que hoje predomina em Cuba, pelos motivos relatados ao longo do estudo.

Isso posto, é apresentado, nos Quadros 3 e 4, um resumo dos principais eventos relacionados ao período pós-Revolução Cubana e a Igreja Católica.

Quadro 3 – Principais eventos pós-revolucionários – de 1953 a 1962<sup>349</sup>

Ano	Eventos
1953-1959	Ocorre a Revolução Cubana, de 26 de julho de 1953 a 1.º de janeiro de 1959.
1959	Em 1.º de janeiro, triunfa a Revolução comandada por Fidel Castro.
1960	São criadas dezenas de organizações, dirigidas ou integradas por padres e católicos de diversas origens.
	Fidel num discurso, chama a Universidad de Villanueva de “Yankilandia”, por acreditar que essa universidade tinha vínculo com os bispos norte-americanos. Por esse motivo, expulsa Masvidal da Ilha de Cuba porque o bispo era um dos grandes nomes de oposição à Revolução.
	Em dezembro, as linhas de batalha entre o comunismo ateu do Governo Revolucionário e o que alguns ironicamente chamavam de a Igreja, em Washington, foram traçadas.
	Bispos cubanos escrevem uma carta reafirmando a posição da Igreja contra o comunismo e conclama os católicos a rejeitar o regime. Como resposta, o Governo confisca as propriedades da Igreja e prende muitos fiéis.
1961	Fidel Castro declara o caráter socialista do movimento, em abril e, em seguida, marxista-leninista, o que representou um conflito para muitos cubanos e para muitos ativamente ligados à Igreja Católica, homens e mulheres de fé, católicos e protestantes despreparados para enfrentar a implementação de um projeto social de animação marxista-leninista.
	Fidel Castro nomeia Che Guevara para ministro da Indústria (1961-1965).
	O caráter institucional da Igreja é interpretado como um poder ameaçador, que, aliado à relação crítica entre os governos de Cuba e dos Estados Unidos e à introdução progressiva de métodos de corte soviético, estava deteriorando progressivamente as relações Igreja-Estado, em Cuba.
	Ocorre a expulsão de 131 sacerdotes incluindo o Bispo Auxiliar de Havana Mons. Eduardo Boza Masvidal, hoje Vigário Geral em Los Teques, Venezuela.
	Em poucas semanas, o número de padres, homens e mulheres religiosos, foi drasticamente reduzido. Havia apenas cerca de 200 padres restantes; as comunidades religiosas femininas passaram de 158 para 43, as masculinas, de 87 para 17.
1962	É realizado o Concílio Vaticano II, conferência realizada entre 1962 e 1965, que culmina em profundas transformações na Igreja Católica.
	Cuba se alia à União Soviética.
	Fidel Castro anuncia o rompimento com os EUA, e Cuba é expulsa da OEA, em 31 de janeiro.
	A Guerra Fria tem seu clímax quando a União Soviética, ao longo de 1962, começa a instalar, em Cuba, a 90 milhas de Miami, bases para o lançamento de mísseis de médio e intermédio alcance, com ogivas nucleares, capazes de atingir as principais cidades norte-americanas.

<sup>349</sup> Elaborado pelo autor com base na literatura pesquisada: CRESPO, 2005, p. 16; CUBA, 1960; KIRK, 1995, p. 5; FERNÁNDEZ, 1984, p. 114; CUARTERO, 1998, p. 90; FERNÁNDEZ, 1984, p. 112; LA SANTA SEDE, [s.d.]; ÁLVAREZ, 2018, p. 41. MEMORIAL DA DEMOCRACIA, [s.d.]; BANDEIRA, 2005, p. 230; MORAES, 2017; VERSTRAETEN, 2012, p. 21.



Quadro 4 – Principais eventos pós-revolucionários – de 1965 a 2016<sup>350</sup>

Ano	Eventos
1965	Em março, Fidel destitui Che Guevara do cargo de ministro da Indústria, para que Che fosse excursionar, a fim de exportar a Revolução.
1967	Che Guevara é capturado e morto pelo exército boliviano, em La Higuera, perto de Vallegrande (Santa Cruz), em 9 de outubro.
1968	É realizada a Conferência Geral de Medellín.
1968	Fidel Castro proíbe a celebração do Natal. Tem início mais um período de relações tensas entre a Igreja e o Estado em Cuba. Essa proibição só acabou 30 anos depois, em 1998, por intervenção do Papa João Paulo II.
1976	Fidel Castro permanece Comandante em Chefe das Forças Armadas (1976 a 2008). É promulgada a Constituição de 1976, na qual é feita extensa homenagem, em seu preâmbulo, a José Martí e Karl Marx. A Igreja Católica assume a irreversibilidade da Revolução Cubana.
1978	Karol Józef Wojtyła é eleito Papa, de 1978 a 2005 (até sua morte), como João Paulo II.
1979	É realizada a conferência Geral de Puebla.
1980-1990	Cuba passa por um período difícil, chamado “Período especial em tempos de paz”. Há um reavivamento da Igreja.
1986	Frei Betto se encontra com Fidel Castro, que explica que fixou sua atenção para os aspectos revolucionários da doutrina cristã.
1989	Ocorre a queda do Muro de Berlim.
1990-1991	Desaparecimento da União Soviética (entre março de 1990 e dezembro de 1991).
1992	Realiza-se a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Santo Domingo.
1993	O novo documento pastoral dos bispos, “ <i>O amor tudo espera</i> ”, dá outra conotação ao Documento final do Encontro Nacional Eclesial Cubano (Enec).
1994	Jaime Ortega Alamino é nomeado cardeal e cerca de 10 mil pessoas participam da celebração da missa. A estimativa era de que havia cerca de 150 mil católicos na Ilha que praticavam a sua fé regularmente, e cerca de 60 seminaristas estavam sendo treinados no país.
1996	É criada a Lei Helms-Burton, destinada a reduzir o investimento estrangeiro na Ilha, além de legalizar todos os tipos de apoio dos EUA para grupos contrarrevolucionários e dissidentes dentro de Cuba.
1998	É realizada a primeira visita de João Paulo II a Cuba, em janeiro de 1998, 20 anos depois da sua nomeação.
2006	Fidel Castro, em caráter provisório e por motivos de saúde, passa os cargos de primeiro secretário do Partido Comunista, de presidente do Conselho de Estado e de comandante-chefe das Forças Armadas.
2006	Raúl Castro, irmão de Fidel, assume o poder em Cuba.
2007	Em maio, ocorre a V Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribenho de Aparecida.
2008	Raúl Castro passa a assumir a presidência de Cuba com plenos poderes.
2009	Só em 3 de junho, 47 anos depois, a OEA revoga a expulsão de Cuba.
2009	Em setembro, o governo anuncia a permissão para realização de serviços religiosos protestantes e católicos em prisões cubanas, notícia recebida com cautela pelos líderes religiosos.
2012	Em março, Joseph Aloisius Ratzinger, Papa Bento XVI, visita Cuba.
2014	Raúl Castro e Barack Obama, em 17 de dezembro, anunciam a normalização das relações diplomáticas entre Cuba e os Estados Unidos.
2015	Jorge Mario Bergoglio, o atual Papa Francisco, visita Cuba, em setembro de 2015.
2016	Barack faz histórica visita a Cuba. Pela primeira vez, em 88 anos, a Ilha, agora sob o comando do presidente Raúl Castro, recebe um presidente norte-americano.

<sup>350</sup> Elaborado pelo autor com base na literatura pesquisada: CHURCHPOP, 2016; MINA, 1988, p. 256; ÁLVAREZ, 2018, p. 24, 33; CUBA, 1976. CELAM, 1969; MANZATTO, 2006; LA SANTA SEDE, 2014; CHOMSKY, CARR, SMORKALOFF, 2003; BETTO, 2016; ALONSO, 2011; CUBAENCUESTRO DOCUMENTOS, 1993; KIRK, 199; FERNÁNDEZ TABÍO, 2003; MELLO, 2016; CUBA, 2019; FOLHA DE SÃO PAULO, 2009; CÁNDIDO, 2015; ÁLVAREZ, 2018, p. 36-37; ALGAÑARAZ, 2016; BBC NEWS, 2016.

### 3.2 A prática da religião nos tempos atuais em Cuba

Cuba é um estado laico, a prática da religião é permitida dentro dos templos e ultimamente algumas celebrações são permitidas fora delas, com autorização prévia do governo. A religião mais importante é a Igreja Católica, embora as religiões afro-cubanas também sejam amplamente praticadas (uma mistura de religiões originadas na África com o catolicismo). Exemplo é a *Santería*, que tem origem na cultura ioruba, cujo centro de culto é um conjunto de orixás (divindades) com diferentes significados e atributos misturados com os santos da Igreja Católica.<sup>351</sup>

Existe, ainda, uma pequena comunidade judaica, e aumentou o número de fiéis que frequentam igrejas cristãs não católicas, como Pentecostais, Evangelistas, Batistas e Testemunhas de Jeová. O judaísmo é praticado entre pessoas pertencentes à comunidade hebraica, que tem várias sinagogas e grupos filosóficos-religiosos-orientalistas, como a Sociedade Teosófica e a Assembleia Bahai. Também há outros grupos minoritários de ioga, budismo e confucionismo. Atualmente, a maçonaria cubana conta com mais de 26 mil membros, registrados em 314 lojas distribuídas em todo o território nacional. A área com o maior número de afiliados e lojas é a capital do país, Havana.<sup>352</sup>

#### 3.2.1 Disposições legais em relação à liberdade religiosa

Algumas partes da Constituição cubana já foram apresentadas neste trabalho. Dessa forma, para corroborar o que foi exposto e tornar mais clara a prática religiosa em Cuba, é apresentado aqui o aspecto legal, no que concerne à prática religiosa. Assim, são citados aqui apenas os artigos que estão na Constituição cubana, publicada em 10 de abril de 2019, e o artigo 208 do Código Penal Cubano. O artigo 15 da Constituição de Cuba informa que:

O Estado reconhece, respeita e garante a liberdade religiosa. O Estado cubano é secular. [...] as instituições religiosas e associações fraternas são separadas do Estado e todas têm os mesmos direitos e deveres. Crenças e religiões diferentes gozam de igual consideração.<sup>353</sup>

<sup>351</sup> SANCHO GOBERNADOR DE UNA ÍNSULA. *La Iglesia Católica del siglo XXI en la Cuba de los Castro*. 22 oct. 2016. Disponível em: <<https://sanchoamigo.wordpress.com/2016/10/22/la-iglesia-catolica-del-siglo-xxi-en-la-cuba-de-los-castro/>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

<sup>352</sup> SANCHO GOBERNADOR DE UNA ÍNSULA, 2016.

<sup>353</sup> CUBA. Constitución. (2018). Introducción al análisis del Proyecto de Constitución de la República durante la consulta popular. *Gaceta Oficial [de la] República de Cuba Ministerio de Justicia*. La Habana, 10 abr. 2019, p. 72. Disponível em: <<http://www.vanguardia.cu/images/materiales/gobierno/constitucion/constitucion-de-la-republica-de-cuba.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

Sobre igualdade, o artigo 42 declara que

Todas as pessoas são iguais perante a lei, recebem a mesma proteção e tratamento das autoridades e gozam dos mesmos direitos, liberdades e oportunidades, sem qualquer discriminação em razão do sexo, gênero, orientação sexual, identidade de gênero, idade, origem étnica, cor da pele, crença religiosa [...].<sup>354</sup>

Legalmente, segundo o artigo 57, “Toda pessoa tem o direito de professar ou não crenças religiosas, de modificá-las e praticar a religião de sua preferência, com o devido respeito aos demais e de acordo com a lei”<sup>355</sup>.

Ressalta-se aqui que esses artigos são da nova Constituição cubana, pois na de 1976, que vigorou até 1992, as alíneas 2 e 3 do artigo 54 mencionavam o seguinte:

[...]

2. A lei regula as atividades das instituições religiosas.
3. É ilegal e punível opor-se à fé ou crença religiosa à Revolução, à educação ou ao cumprimento dos deveres de trabalho, defender o país com armas, reverenciar seus símbolos e os demais deveres estabelecidos pela Constituição.<sup>356</sup>

A versão mais recente da Constituição, publicada em 2018, retirou este artigo e fez outras modificações.

Em relação aos grupos religiosos, estes devem estar cadastrados no Registro de Associações Religiosas que funciona no Ministério da Justiça, e a organização é obrigada a identificar o local onde vai realizar as suas atividades e informar a sua fonte de financiamento. O reconhecimento legal é recusado caso se considere que a organização duplica as atividades de outro grupo que já esteja registrado. Uma vez reconhecidas, as entidades religiosas devem solicitar autorização ao Gabinete de Assuntos Religiosos para realizar as suas próprias atividades.

Enquadrado nesse aspecto há também a *Santería*, que não constitui uma religião, mas sim um conjunto de práticas originadas na África e misturadas com o catolicismo. Seus praticantes costumavam misturá-la com os santos católicos para enganar seus senhores, que queriam forçá-los a se converterem ao catolicismo. Alguns grupos chegam mesmo a exigir que seus praticantes sejam católicos batizados para se tornarem aptos à iniciação total. Isto dificulta ainda mais o cálculo com exatidão do número de praticantes do catolicismo.<sup>357</sup>

<sup>354</sup> CUBA, 2018, p. 76.

<sup>355</sup> CUBA, 2018, p. 77.

<sup>356</sup> INSTITUTO DE INVESTIGACIONES JURÍDICAS. Constitución (1976). Disponível em: <<https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/6/2525/51.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

<sup>357</sup> MOTTA, 2001, p. 204-205.

O órgão que regulamenta os vários aspectos das atividades religiosas é o Gabinete de Assuntos Religiosos, que: ou aprova ou recusa visitas de estrangeiros a associações religiosas; aprova a construção, reforma ou aquisição de locais de culto; aprova a compra e o uso de veículos; concede autorizações para realizar serviços religiosos; regulamenta a importação de literatura religiosa etc.

As Resoluções 43 e 46 de fevereiro de 2005, publicadas na *Gaceta Oficial* n.º 8, em 10 de abril de 2005, impõem restrições ao uso de locais de culto. Algumas delas são relacionadas a seguir:<sup>358</sup>

- Os cultos podem ser realizados em casas de propriedade pessoal desde que autorizados pelo Registro Nacional de Associações, e há condições para os serviços em relação a dias e horários: devem ser realizados até três vezes por semana; nos dias úteis, das 17h às 22h,; nos sábados, domingos e outros dias não úteis, das 9h às 22h. Em celebrações religiosas especiais, como a Semana Santa, Pentecostes ou outros, a autoridade que concede a permissão pode estender os dias durante esses períodos, a pedido das partes interessadas.

- O uso de microfones ou outros equipamentos de amplificação só será feito moderadamente, apenas quando houver necessidade, em razão da quantidade de participantes, e for essencial para a realização do culto e sem perturbar a tranquilidade dos vizinhos.

- Não pode haver nenhum sinal indicativo que identifique a residência particular autorizada a celebrar serviços religiosos (bandeira, cartazes, anúncios, banners ou outros), exceto as casas que forem oficialmente estabelecidas pelo Ministério da Justiça. Ainda assim, essa autorização é temporária.

- A realização de cultos por pessoas de outros países também requer autorização prévia.

- Os cultos religiosos não são podem ser celebrados em casas de propriedade pessoal localizadas a menos de dois quilômetros de distância umas das outras, em áreas urbanas. Também não podem ser realizados em telhados ou áreas que estejam fora da construção principal da propriedade.

- Solicitações de reformas, ampliações e início de novas obras, instalações ou terrenos ocupados pelas instituições eclesiásticas, religiosas, também são processadas na Diretoria de Associações do Ministério da Justiça e pelas Diretorias de Justiça dos Conselhos Provinciais da Administração e do Município Especial da Ilha da Juventude, conforme o caso,

<sup>358</sup> MINISTERIO DE JUSTICIA (Cuba). Resolucion n.º 43, a los 19 días del mes de febrero de 2005; Resolucion n.º 46, a los 22 días del mes de febrero de 2005. La Habana. *Gaceta Oficial [de la] República de Cuba*. 19 abr. 2005, p. 45-46; 50-52. Disponível em: <[http://www.scu.sld.cu/cpscs/wp-content/uploads/sites/89/2017/11/GO\\_X\\_008\\_2005-Resolucion-44-45.pdf](http://www.scu.sld.cu/cpscs/wp-content/uploads/sites/89/2017/11/GO_X_008_2005-Resolucion-44-45.pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2019.

antes de iniciar os restantes procedimentos necessários para obter as autorizações e aprovações estabelecidas na legislação atual.

– O pedido de autorização para celebração de cultos em casas particulares é apresentado por escrito ao Gabinete Provincial de Justiça, em original e cópia, assinado pelo presidente provincial, delegado ou representante da instituição religiosa responsável, com a aprovação do representante nacional. Nesse pedido devem estar incluídos: endereço da casa; dados gerais; copropriedade, quando for o caso; relação dos coabitantes na propriedade e respectiva idade; consentimento do proprietário da habitação, com sua assinatura, para a celebração do culto religioso e a confirmação de que isso não prejudica o desenvolvimento normal da família; dias e horários em que o culto religioso deve ser celebrado; número de membros da instituição religiosa; nome e sobrenome do pastor ou dirigente responsável pela celebração dos serviços e lugar de residência e sua formação teórica ou empírica e o tempo de exercício, com certificação emitida por instituição religiosa.

– O pedido inclui também o documento de propriedade da casa, e seu original é mostrado no momento da sua solicitação.

É possível observar que são várias etapas burocráticas a serem cumpridas para se abrir uma casa-templo. Isso inclui: depois de recebido o pedido por escrito, o funcionário autorizado o arquiva; o arquivo deixa evidência documental de todos os procedimentos realizados para verificar a precisão dos dados fornecidos; o arquivo é folheado consecutivamente e todos os documentos levam a assinatura do funcionário que os emite; em todos os casos, confere-se o documento que valida a posse da casa e da terra no caso de estar localizada em zona rural. Concluídos e cumpridos todos os requisitos estabelecidos, a autoridade competente emite a autorização, dentro do prazo de 120 dias depois do recebimento da solicitação.

– A autorização, por sua vez, contém: nome da instituição ou denominação religiosa; endereço da casa ou propriedade particular autorizada; nome e sobrenome do dono; nome do pastor ou dirigente encarregado dos serviços; *número de pessoas* que devem comparecer à celebração dos cultos; *dias e tempo* da celebração dos cultos (grifos nossos); e outras informações que a autoridade em exercício considerar necessárias.

– Também é necessário deixar estabelecidos na autorização: nome, apelido e cargo do funcionário que a emite, sua assinatura e o carimbo do Departamento de Associações ou do Registro de Associações; data da emissão; e aprovação do dirigente competente.

– Percorridos todos esses passos, a autorização é entregue, pessoalmente, ao presidente, delegado ou representante da instituição religiosa solicitante. No ato da entrega,



esse representante da instituição religiosa a ser credenciada deve estar disponível em todos os momentos, para receber o documento.

– Se o pedido para a celebração de cultos religiosos em uma casa de propriedade pessoal foi negado, a instituição religiosa pode apresentar outro novo pedido para celebrações em uma casa de propriedade pessoal diferente da anterior, cumprindo todos os procedimentos e requisitos estabelecidos, conforme foram relacionados.

– O não cumprimento de qualquer um destes requisitos pode resultar em suspensão temporária, por um período não mais de um ano, ou o cancelamento final da licença emitida. Quando uma permissão é cancelada para a celebração de cultos em uma casa particular, não pode ser feita solicitação novamente para a mesma propriedade.

É possível observar que nessas disposições legais há muitas restrições para se estabelecer um templo religioso, e quando há autorização as atividades são monitoradas por um órgão do Governo. Ou seja, nota-se que a liberdade religiosa é bem relativa.

### 3.2.2 A Igreja Católica nos tempos atuais

Em Cuba, a Igreja Católica ainda é maioria, quase 60% da população é batizada como católica, mas esse número não quer dizer que todos sejam praticantes. Apesar de tantos empecilhos, não se pode negar que tem havido um crescimento no número de religiosos no país caribenho, especialmente dos evangélicos.

De acordo com análise do *Inter Press Service en Cuba*<sup>359</sup>, do artigo *¿Es Cuba un país católico?*, de Hermano Jesús Bayo<sup>360</sup>, o Vaticano estimou que, em 2012, a comunidade católica em Cuba era de 6,7 dos 11,2 milhões de habitantes do país. Em 2002, foram registradas seis instituições católicas, com contribuições na educação não formal e 12 com a mesma missão, em 2012. Os dados foram extraídos do Anuário Pontifício da Santa Sé. Segundo o artigo, há dioceses que não fornecem o número de católicos, não se conhecendo os critérios para a contagem. Na verdade, se a cada ano tivessem batizado uma média de 60 mil pessoas e não tivesse morrido ninguém, haveria um número 4,2 milhões de batizados, total menor do que os 6,7 milhões de católicos nas estatísticas de 2007 e 2012.

<sup>359</sup> INTER PRESS SERVICE EN CUBA. Revista divulga cifras sobre catolicismo en Cuba. 25 jul. 2014. Disponível em: < <https://www.ipscuba.net/sociedad/revista-divulga-cifras-sobre-catolicismo-en-cuba/>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

<sup>360</sup> BAYO, Hermano Jesús. *¿Es Cuba un país católico?*. *Cubanálisis*. Disponível em: <<http://www.cubanalisis.com/ART%3%8DCULOS/ES%20CUBA%20UN%20PA%3%8DS%20CAT%3%93LICO.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

Como um fato curioso, o artigo destacou que, no período de 1957 a 1997, “[...] o número de paroquianos e sua porcentagem estava diminuindo”<sup>361</sup>, enquanto o registro de paróquias na nação do governo socialista aumentava. Havia 211 paróquias e 729 igrejas (locais de culto sem a categoria de paróquias), em 1957; os números chegaram a 258 paróquias e 448 igrejas, em 1997. Já em 2012, o quadro elaborado pelos religiosos indicou que foram 304 paróquias católicas e apenas 196 igrejas, sem aprofundar os porquês desta redução. O autor observou que em Cuba de 6 dioceses em 1957, o número foi para 11, em 1998, que permanecem até hoje.

Atualmente, de acordo com a *Associated Press*, por meio da *Fox News*, pastores e fiéis dizem que Cuba está no meio de um *boom* de culto evangélico, com dezenas de milhares de cubanos celebrando cultos, sem serem molestados, por toda a Ilha, a cada semana. Mas, como já foi apontado, embora o Governo agora reconheça a liberdade de religião, não garante o direito de construir igrejas ou outras estruturas religiosas sem autorização. Demoliu várias igrejas nos últimos anos, mas permitiu que seus membros continuassem a se reunir em santuários caseiros improvisados. E como a Igreja Católica Romana, denominação dominante da ilha, já vinha fazendo, as igrejas evangélicas também começaram a fornecer serviços sociais antes monopolizados pelo Governo comunista. Embora controlada, nota-se certa liberdade religiosa em Cuba e um renascimento das igrejas, das mais diversas denominações do país, que crescem não apenas no número de membros, mas em sua capacidade de liderar e agir em sociedade.<sup>362</sup>

Clérigos e acadêmicos dizem que 11 milhões de pessoas em Cuba incluem cerca de 40 mil metodistas, 100 mil batistas e 120 mil membros das Assembleias de Deus, que tinham cerca de 10 mil membros no início dos anos 90, quando Cuba começou a aliviar restrições às expressões públicas da fé religiosa. Estima-se que existam 25 mil casas de culto evangélicas e outras protestantes em todo o país. Muitos também seguem tradições sincréticas afro-cubanas, como a *Santería*. Ainda segundo o jornal, Essa nova liberdade religiosa para católicos e protestantes ainda é um resultado da visita do Papa João Paulo II, em 1998.<sup>363</sup>

Também há informação de que o Governo de Havana acelera a devolução de propriedades católicas que foram tomadas na década de 60. De maneira discreta, as

---

<sup>361</sup> BAYO, 2014.

<sup>362</sup> FOX NEWS. *Despite some tensions, evangelical churches booming in Cuba*, 27 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.foxnews.com/world/despise-some-tensions-evangelical-churches-booming-in-cuba>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

<sup>363</sup> FOX NEWS, 2017.

autoridades cubanas vêm acelerando a restituição de antigas propriedades da Igreja Católica, que, por muitos anos, manteve uma relação conturbada com o Governo cubano.<sup>364</sup>

O processo de devolução começou em 2009 e até 2014 pelo menos 12 imóveis voltaram para a Santa Sé. Dentre esses, está a capela da antiga Universidade de Santo Tomás, em Miramar, bairro da capital, Havana. As paredes grossas são estampadas com azulejos bizantinos que têm desenhos de santos, essas ainda resistem, mas a metade do teto de madeira e uma parte dos vitrais coloridos foram destruídas. Estão incluídas no processo de restituição outras propriedades valiosas em outros locais do país, como o antigo Colégio dos Padres Jesuítas, um edifício na cidade de Cienfuegos, a 250 quilômetros da capital. Esses espaços, até então, eram usados pelo Governo como lojas, padarias, lanchonetes e escolas, motivo pelo qual pode ter ocorrido a deterioração. Estão em pior estado de conservação templos em Santiago de Cuba, San Jose Obrero e San Benito, uma casa paroquial e alguns edifícios que eram usados como lojas na região.<sup>365</sup>

São dois os motivos apontados para a restituição: um é o fator econômico, pois o Governo cubano não tem recursos para melhorar a infraestrutura que está em processo de deterioração; o outro é de caráter religioso e político, para manter a imagem de que a relação com a Igreja Católica vem melhorando, que é parte deste momento histórico novo que trata de tentar reconstruir o país, conforme relatou um professor de história das religiões da Universidade de Havana.<sup>366</sup>

Em 2015, foi autorizada, pela primeira vez, a construção de três novas Igrejas Católicas, uma em Havana, outra em Santiago e uma terceira na província ocidental de Pinar del Río.<sup>367</sup> Desde então, não tem havido mais notícias sobre quaisquer restituições ou autorizações.

Nos últimos anos, um elemento positivo tem sido a aceitação por parte do Estado de projetos complementares de caridade e educação, tais como instalações para formação, creches, centros para idosos, além de pequenas bibliotecas de material religioso. Da mesma forma, alguns relatos indicam que está se tornando mais fácil para o clero e para os religiosos estrangeiros entrarem no país. Tanto a Igreja Católica quanto o Conselho da Igreja de Cuba mencionaram que conseguiram realizar serviços religiosos nas prisões e em centros de

<sup>364</sup> O GLOBO. *De volta para a Igreja: Cuba restitui templos cristãos*. 27 dez. 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/de-volta-para-igreja-cuba-restitui-templos-cristaos-14919646>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

<sup>365</sup> O GLOBO, 2014.

<sup>366</sup> O GLOBO, 2014.

<sup>367</sup> CÁNDIDO, Sergio N. *Confirman construcción de tres nuevas iglesias en Cuba*. *El nuevo Herald*, 21 set. 2015. Disponível em: <<http://www.elnuevoherald.com/noticias/mundo/america-latina/cuba-es/article35959389.html>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

detenção em algumas províncias.<sup>368</sup> A Christian Solidarity Worldwide (CSW)<sup>369</sup>, organização cristã que trabalha pela liberdade religiosa por meio da advocacia e dos direitos humanos, apresenta, nos Quadros 5 e 6, uma síntese da situação das religiões em Cuba, de maneira geral, em relatório de 2014 da CSW.

Quadro 5 – Situação das religiões em Cuba em 2014, de acordo com a CSW – De Quadro jurídico a Seminários<sup>370</sup>

CUBA: LIBERDADE RELIGIOSA – OUTUBRO DE 2014	
Quadro jurídico	A Constituição Cubana estabelece uma série de garantias básicas relacionadas à liberdade religiosa. [...] são limitadas pela condição que insiste em prevenir a preservação do socialismo e do comunismo, que sobrepujam todos os outros direitos. O Artigo 8 [...] afirma que: “O Estado reconhece, respeita e garante liberdade religiosa”, e o Artigo 55 continua a dizer: “O Estado, que reconhece, respeita e garante liberdade de pensamento e religião [...]”.
Interferência governamental e negação do direito de culto	[...] em 2013 e no primeiro semestre de 2014 assegurava que os agentes do governo impediam os cubanos de exercerem seu direito à adoração. [...] O número total de indivíduos de todos os tipos de casos denunciados entre 2013 e 2014 chega na “faixa dos mil”. [...] A maioria dos afetados é Católica Romana; na maior parte, mulheres que estão ligadas ao movimento Senhoras de Branco.
Isolamento da sociedade: pressão sobre líderes de igrejas	A estratégia de tentar impor o isolamento social para aqueles que são mal vistos pelas autoridades é separá-los de suas comunidades de fé, e isto tem sido utilizado pelo governo cubano desde os primeiros dias da Revolução Cubana. Os líderes da Igreja de todas as denominações protestantes e sacerdotes da Igreja Católica Apostólica Romana continuam a relatar forte pressão de funcionários do governo na tentativa de expulsar membros de suas congregações.
Pressão para silenciar críticas ao governo e interferências nos assuntos internos	Os líderes da Igreja continuam a queixar-se de uma forte pressão sobre os líderes denominacionais para silenciar as vozes críticas dentro de seus grupos religiosos. Ao longo do tempo deste relatório, as autoridades tomaram medidas agressivas contra aqueles grupos que não cumpriram as exigências oficiais.
Informantes do governo	O uso de informantes do governo em igrejas, seminários e outras instituições religiosas continua a ser persistente. Desde 1959 [...] em todas as congregações e instituições religiosas [...] monitorar as atividades da igreja, incluindo o conteúdo de sermões, discursos e comentários, além de relatar qualquer coisa percebida como contrarrevolucionário [...] ou crítico das autoridades.
Perseguição e ataque aos líderes de igreja	Os líderes da Igreja [...] concordam que ao longo dos últimos anos o governo está cada vez mais enfocado na perseguição e intimidação aos líderes de igrejas de forma individual. [...] este tipo de repressão é, por sua natureza, muito difícil de monitorar e relatar. [...] As consequências variam entre oportunidades limitadas de educação para as crianças que têm parentesco com acusados; e perda de emprego, veículo ou moradia.
Recusa em registrar grupos religiosos	O governo exige que as igrejas e outros grupos religiosos se registrem em seu escritório provincial do Serviço de Registro de Associações, que está associado com o Ministério da Justiça. O [...] Departamento de Assuntos Religiosos [...] tem a palavra final sobre um grupo poder se cadastrar para obter status legal. Não há opções oficiais para recurso [...].
Seminários	[...] seminários legalmente reconhecidos e credenciados em Cuba, incluindo o Seminário Ecumênico [...] conhecido como SET; um seminário Episcopal Presbiteriano com laços estreitos com a CCC; o San Carlos e San Ambrosio Seminário Católico Romano, inaugurado no fim de 2010. [...] não têm legalização em Cuba e os graus obtidos por seus alunos não são reconhecidos pelo governo. [...] a maioria foi autorizada a operar com certas restrições.

<sup>368</sup> CÁNDIDO, 2015.

<sup>369</sup> CHRISTIAN SOLIDARITY WORLDWIDE. *Cuba: Liberdade religiosa*. Traduzido e adaptado para o português por Associação Nacional de Juristas Evangélicos – Anajure. United Kingdom: CSW, 2014.

<sup>370</sup> CHRISTIAN SOLIDARITY WORLDWIDE, 2014.

Quadro 6 – Situação das religiões em Cuba em 2014 de acordo com a CSW – De Restrição à circulação dentro de cuba a Direitos religiosos e prisioneiros políticos<sup>371</sup>

CUBA: LIBERDADE RELIGIOSA – OUTUBRO 2014	
Restrição à circulação dentro de cuba	As agências governamentais muitas vezes se recusam a reconhecer a mudança de residência para os pastores e outros líderes da igreja que foram designados a exercerem suas funções em uma nova igreja ou paróquia. De acordo com Ministério da regulamentação da habitação, pode ser difícil se não impossível para os pastores e suas famílias fazer o registro em um novo local de residência.
Permissão para viajar, licença para receber visita de estrangeiros e outras permissões do governo	Em 14 de janeiro de 2013, o governo cubano eliminou a exigência de um “cartão branco” ou visto de saída para deixar o país. Algumas restrições permanecem e o governo negou a permissão para as pessoas viajarem para o exterior, alegando uma possível ameaça à segurança nacional.
Igrejas domésticas	Houve desrespeito no que diz respeito às igrejas domésticas ao longo dos últimos 19 meses. Ao longo da última década, a CSW recebeu relatos de que aconteceram tentativas por parte do governo de impedir que denominações e igrejas pudessem se registrar, incluindo as que já são filiadas.
Discriminação geral com bases da religião	Cristãos em Cuba continuam a relatar diferentes níveis de discriminação nas instituições de ensino e em seus locais de trabalho. Os níveis de discriminação, no entanto, tendem a variar de região para região e parecem estar fortemente ligados à atitude das autoridades locais e regionais.
Proibições na construção de igrejas	[...] o governo, por meio do [Departamento de Assuntos Religiosos] DRA e do Ministério da Habitação, continua a restringir severamente a construção de novos edifícios de igrejas. O governo tem permitido a construção de um número muito limitado de novas igrejas em todo o país desde 1959 [...]. A maioria das igrejas [...] que foram construídas antes da Revolução Cubana [estas] foram autorizadas a continuar e funcionar como locais de atividade religiosa.
Destruição de propriedades da igreja	A CSW continuou a receber relatos de ameaças de destruição real de propriedades de igrejas. [...] em muitas partes da Ilha, mas particularmente em áreas rurais. Igrejas filiadas ao Movimento Apostólico registraram o maior número destes casos.
Ministério público e social	Praticamente todos os grupos religiosos consideram o ministério público e social como fundamental para a sua identidade. E aqui é, talvez, o setor em que o controle do governo é mais rígido. Quando a permissão é dada, e quando isso ocorre é apenas para grupos e eventos específicos; o direito de manifestação pública não é estendido a todos.
Distribuição de materiais religiosos	Os líderes cristãos continuam com queixas por [causa] da escassez de Bíblias e de literatura religiosa. A falta de Bíblias é mais grave em áreas rurais, mas também parece ser um problema significativo nas cidades. [...] grande problema para todas as denominações, incluindo católicos romanos e protestantes, tanto dentro como fora da CCC.
Acesso à mídia	Salvo autorização específica, as empresas cubanas e conjuntos não podem vender computadores, aparelhos de fax, máquinas de cópias ou outros equipamentos a nenhuma igreja, exceto com preços oficiais artificialmente elevados. Além disso, muitas organizações religiosas não têm acesso à Internet. [...] fortemente monitoradas.
Direitos religiosos e prisioneiros políticos	Em setembro de 2009, o governo anunciou que iria permitir a realização de serviços religiosos protestantes e católicos em prisões cubanas. Os líderes da Igreja em Cuba receberam a notícia com cautela.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 06/11/2019.

Este capítulo mostrou que houve avanços na relação entre o Vaticano e Cuba, tais como: as visitas papais à Ilha cubana; o número de católicos compõe quase 60% da população; a devolução de propriedades à Igreja Católica pelo governo cubano; a construção de templos católicos; e o crescimento no número de religiosos no país caribenho, especialmente dos evangélicos. Cumpre ressaltar que, embora tenham ocorrido essas iniciativas e melhorado a aproximação entre a Igreja Católica e o Estado cubano, os Quadros 5 e 6 da CSW demonstram que há muito ainda para ser desenvolvido e melhorado. É um processo ainda em andamento de uma história recente.

<sup>371</sup> CHRISTIAN SOLIDARITY WORLDWIDE, 2014.



## CONCLUSÃO

Pesquisas sobre o tema das relações entre a Igreja Católica e os fatos relacionados à Revolução em Cuba colocam aos historiadores problemas metodológicos e documentais que nem sempre são fáceis de enfrentar. Por um lado, há a literatura oficial produzida pelo Estado revolucionário cubano que apoia, veementemente, as diretrizes do Governo em curso, enfatizando a natureza social da Revolução, em detrimento da Igreja Católica cubana em geral. Por outro lado, é apresentada a literatura ou ótica “contrarrevolucionária”, escrita principalmente por setores do exílio cubano na diáspora, em que a Revolução e seus líderes serão demonizados, enfatizando uma postura da Igreja de se colocar como vítima. Com ambas as óticas comprometidas, a proposta foi analisar as várias bibliografias existentes, a fim de afastar as interpretações preconceituosas e cristalizadas e recuperar a dimensão histórica dos eventos. Nesse sentido, estudar o tema proposto neste trabalho não foi tarefa fácil.

Muito se fala sobre a Revolução Cubana, seus carismáticos personagens e ideais que, ora trazem alento e esperança, ora despertam desconfiança e até rejeição. O único estado de espírito que esse importante evento não provoca é a indiferença. Mas, especificamente, para estudar sobre a Igreja Católica, sua influência no período estabelecido, o exercício da fé em meio a uma situação nova e conturbada, com novas propostas filosóficas, conflitos e alianças e suas aproximações atuais, o poder simbólico embutido nessas circunstâncias, foi preciso garimpar todo tipo de fonte para compreender melhor o assunto, de forma imparcial, sem a paixão que o tema inspira.

Deve-se ressaltar que a Igreja Católica não foi colocada neste estudo para ser julgada. A opção por essa instituição religiosa se deu por dois motivos. O primeiro deles, por ser a religião mais influente na época. O segundo, pelos princípios abraçados pela Igreja Católica. Mesmo que a Revolução tenha ocorrido quase três anos antes do Concílio Vaticano II (1962-1965), que propunha mudanças de algumas das velhas práticas, como ocorria na Cuba pré-revolucionária, os conceitos básicos do catolicismo já existiam. Embora a Igreja sempre tenha pregado o Reino de Deus e baseie sua doutrina nos ensinamentos de Jesus Cristo.

Nos primeiros dias, depois da conquista da Ilha, o que se pôde notar foi uma situação de inércia por parte dos representantes da Igreja Católica, que deram poucas mostras de seu cristianismo na evangelização dos nativos. Pode-se afirmar que, durante os primeiros dois séculos de colonização, a Igreja Católica não teve a influência social, econômica e política

que alcançaria nos séculos seguintes, embora fornecesse serviços religiosos para as classes mais abastadas e urbanas.

Se esse período de silêncio e inércia não pode ser considerado uma aproximação com o Governo existente, poderia ser chamado, então, de um período de convivência com a conjuntura predominante.

Se a Igreja não se manifestou, o povo, já cansado da opressão, exploração dos seus recursos naturais, desigualdades sociais, prostituição, corrupção, jogatinas e de outros problemas que deterioram uma sociedade, se rebelou e encontrou eco em figuras como Fidel Castro, líder da Revolução, Raúl Castro, Che Guevara e Camilo Cienfuegos.

A pesquisa concluiu que, no período analisado, houve momentos de aproximação e de tensão, conforme o estudo mostra. Nos momentos de acordo ocorreram várias situações, como: participação de capelães católicos e jovens líderes da Ação Católica, bem como das igrejas evangélicas; a vida de Fidel salva por um padre, em uma tentativa de assassinato; ação de mulheres religiosas no preparo de materiais impressos contra a ditadura; claustros que serviram de esconderijo para muitos perseguidos pela sanguinária polícia de Batista; católicos leigos também tiveram parte essencial nessa luta, lutando contra a discriminação racial e pelo fortalecimento do sindicalismo cristão; alegria pelo fim da Revolução e pelo fim de anos de opressão; o avivamento da Igreja no período especial de escassez e dificuldades enfrentado por Cuba, dentre outros.

O estudo mostrou que também ocorreram situações de desacordo e conflitos, dentre as quais: declaração do caráter da socialista da Revolução e logo depois, marxista-leninista; carta dos bispos cubanos contra o comunismo e conclamando os católicos a rejeitarem esse regime; confisco das propriedades da Igreja e prisão de muitos fiéis; rompimento de Cuba com os Estados Unidos e a conseqüente aliança com a então União Soviética; expulsão da Ilha caribenha da Organização dos Estados Americanos; temor da implantação do comunismo e da deflagração de uma guerra fria; proibição da celebração do Natal, por Fidel Castro; nacionalização de tudo o que havia em Cuba; a instituição Igreja passa a ser considerada um poder ameaçador; desapropriação de escolas e outras instalações de cuidados; proibição do retorno de seminaristas cubanos que estudavam em outros países; e a origem espanhola da maioria do clero, o que provocava a hostilidade dos líderes cubanos, por ser considerado, o clero, uma força estrangeira. E, à luz do que foi apresentado, não se pode negar que o momento mais importante de tensão entre a Igreja e a Revolução Cubana pode acarretar certo desconforto aos que têm a pretensão de seguir os ideais cristãos. Isso porque se nota que só houve uma discordância mais efetiva, por parte da Igreja Católica, quando ela se viu

ameaçada por um regime que ameaçava seu status. Percebe-se que sua insurgência, nos momentos de tensão, não foi movida pelos ideais de amor ao próximo, justiça, cuidado com os menos favorecidos e outras virtudes cristãs, mas sim porque o clero, quase na sua totalidade, fazia parte da fraca burguesia da época, somente se manifestando contra o levante, quando se deparou com a ameaça do comunismo, o que afetaria o status da burguesia clerical.

Ressalta-se aqui que, ao ser contra o comunismo, o clero não estava errado, uma vez que fazia parte da sua doutrina da Igreja rejeitar o comunismo: o catolicismo e o comunismo defendiam não só diferentes, mas diametralmente opostos preceitos. Mas também havia outros princípios doutrinários cristãos defendidos pela Igreja Católica que, de certa forma, foram esquecidos. Nas suas Conferências Gerais sempre estão presentes temas que elevam o ser humano: a afirmação da injustiça institucionalizada como causa da pobreza; o reconhecimento de que a paz é fruto da justiça; seu compromisso com o processo de libertação dos pobres; a crítica que propõe ao sistema social produtor de pobreza e de exclusão e a preocupação com outra forma de vida, que privilegie os pobres. Sua base é o cristianismo, que traz, em sua essência, o amor a Deus e ao próximo e a caridade como demonstração de fé aqui na terra, pois que, sem fé, a obra é morta. Assistir aos pobres, cuidar dos doentes, visitar órfãos e viúvas são algumas das virtudes cristãs.

É possível notar que, embora a Revolução Cubana não tivesse o aniquilamento do catolicismo como um de seus objetivos políticos, o rumo socialista tomado pelo país nos primeiros anos 60 tornou densa a relação com todo o mundo religioso – situação que duraria mais de 20 anos, até os últimos anos da década de 1980. Durante esse período, um de seus momentos mais significativos ocorreu em 1976, quando a nova Constituição cubana declarou o caráter ateu da Ilha e declarava o Estado cubano como socialista. E a pergunta se torna inevitável: como poderia a Igreja Católica sobreviver em um país declaradamente ateu? Por isso a confirmação do caráter socialista, depois marxista-leninista, do processo revolucionário foi decisiva para a falta de entendimento entre as duas instituições. O socialismo de então e o marxismo-leninismo representam uma ideologia que colide frontalmente com os dogmas irrevogáveis do catolicismo.

Com o passar do tempo, a Igreja Católica, com base na experiência do que se passou nas nações socialistas e já nesse espírito de adaptação à situação dominante incorporado, fez uma análise e abandonou a luta e a crítica contra a Revolução; entrou em uma fase de diálogo entre Igreja e Estado, uma vez que ambos eram necessários. Aos poucos, ela estava apoiando algumas das reformas empreendidas pelo Governo cubano e tentou aceitar que o país era socialista. Chegou a questionar o embargo dos Estados Unidos a Cuba e, surpreendentemente,

pediu a seus paroquianos que se juntassem ao processo revolucionário. Uma forma de aproximação.

Esses altos e baixos entre a Igreja Católica e a Revolução Cubana levam a uma profunda reflexão. A história quase sempre é vista por espectadores ou leitores, mas o que dizer quando se é personagem, quando se participa in loco dos eventos? Cumpre, assim, imaginar-se naquele contexto.

Em algum momento da vida, todo ser humano é colocado à prova, em relação a suas crenças, valores que abraça, posicionamentos que assume, papel social que desempenha e outros aspectos. Entende-se que, naquele momento da Revolução Cubana, a Igreja Católica foi colocada à prova e mais: foi levada a uma profunda análise interior sobre o seu papel no mundo. Há situações que vêm e que servem para abrir os olhos, despertar da inércia, mostrar que algo não está certo. Ao conhecer um pouco a Igreja Católica – sua fé, suas crenças e os princípios práticos do cristianismo – questiona-se por que a Igreja Católica não tenha desempenhado um papel mais influente na situação social dos cubanos.

Por outro lado, com o que foi apresentado neste trabalho, é possível entender os conflitos e as tensões pelos quais a Igreja Católica passou em Cuba, desde os tempos coloniais e também as aproximações entre Igreja e Estado. Também se pode concluir que os altos e baixos ocorridos nas relações entre Cuba e a Igreja Católica mostram que a desconfiança mútua não desapareceu, apesar de ter havido e ainda estar sucedendo alguns estágios de respeito, tolerância e trabalho mútuo, com o ponto alto nas visitas dos Papas João Paulo II, Bento XVI e o atual Papa Francisco – uma força a mais na abertura de Cuba à Igreja Católica. É possível notar, na análise, de ambas as partes, a busca pela regularização das relações do governo cubano com a Igreja Católica – esta última redefinindo seus objetivos e tentando coexistir com o socialismo; o outro, buscando trabalhar com o Vaticano na busca de objetivos comuns, porém, sem sair processo revolucionário. Essa normalização proporcionou um aumento do número de fiéis na Ilha e muitos indivíduos se sentem mais à vontade para viver uma espiritualidade religiosa.

Cumpre ressaltar, aqui, que interpretar a visita dos Papas à Ilha caribenha e as promessas de um novo compromisso com a liberdade religiosa pode denotar uma falta de conhecimento da realidade atual. Conforme o estudo mostra, não é fácil a relação do catolicismo com a filosofia socialista que hoje predomina em Cuba. É uma história ainda em andamento, as aproximações são recentes e ainda há personagens vivos que participaram dos eventos aqui narrados. Mas, uma aproximação lenta é melhor do que nenhuma, levando-se em conta que é toda uma sociedade que está em jogo; o mundo volta a sua atenção para o que

ocorre entre o Vaticano e Cuba. E como já se concluiu que a religião sempre existirá, todo esforço para manter um equilíbrio entre Estado e Igreja é a melhor decisão em prol de todos.

A pesquisa é rica em personagens notáveis, eventos e reflexões e espera-se que o que foi apresentado também ajude os demais acadêmicos estudiosos do papel das religiões existentes, não só a ampliarem seus conhecimentos na área para a obtenção de um título, mas também a refletirem, criticamente, naquele momento da Igreja Católica durante a Revolução Cubana. Se nós, pesquisadores cristãos, fôssemos personagens daquele período conturbado, como seriam nosso comportamento e posição?

Além do mais, o estudo é pertinente para as ciências das religiões, não só para o enriquecimento das fontes de pesquisa, mas também pelos fatos inspiradores narrados, que podem trazer luz às novas gerações católicas e às demais, motivando-as a conhecer fatos que marcaram a história e que, de um jeito ou de outro, afeta todos. É preciso saber que o mundo, da forma que o conhecemos, não veio pronto: foi necessário que houvesse muitas lutas, discussões, medidas drásticas, revoluções e até mesmo guerras. No caso da Igreja Católica, muitos Concílios e debates. E que façam uma análise crítica de eventos que causaram e ainda causam impactos significativos no mundo onde se vive. É preciso conhecer e analisar a história criticamente – dos dois lados.

E o tema deixa margem para outras ponderações, uma delas é como será o socialismo cubano no futuro, a partir da substituição de Raúl Castro, em abril de 2018, e a posição da Igreja Católica diante desse novo Governo. Essas são questões para outras análises e estudos.



## REFERÊNCIAS

- ALFONSO, Carmen R. Hernández. *100 preguntas y respuestas sobre Cuba*. La Habana: Pablo de la Torriente, 1996. 112 p.
- ALONSO, A. *Iglesia y política en Cuba*. 2. ed. Havana: Caminos, 2002, p. 29-55.
- AYERBE, L. F. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Unesp, 2004.
- AYERBE, Luís Fernando. *Estados Unidos e América Latina. A construção da hegemonia*. São Paulo: Unesp, 2002.
- BAMBIRRA, Vania. *A revolução cubana: uma reinterpretação*. Coimbra: Centelha, p. 251-252.
- BANDEIRA, Luiz A. V. M. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 93.
- BENARD, José M. A González. *Proceso histórico del tratado de París de 10 diciembre de 1898: con algunas ideas de derecho internacional público*. Valencia: Imprenta de E. Mirabet, 1903, p. 98.
- BETTO, Frei. *Fidel e a religião: conversas com Frei Betto*. 1. ed. São Paulo: Schwarcz, 2016, p. 165.
- BÍBLIA. N. T. João. Português. *Bíblia Sagrada*. Reed. Versão de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 1338.
- BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. Petrópolis (Brasil) e Porto (Portugal), 1972.
- \_\_\_\_\_. *Como fazer teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 14.
- \_\_\_\_\_. *Cuba precisa de revolução da liberdade*. Entrevista concedida à emissora Deutsche Welle, Alemanha, 30 nov. 2016.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989, p. 7.
- CABEZAS, Amalia. *Economies of desire: sex and tourism in Cuba and the Dominican Republic*. Philadelphia: Temple University Press, 2009.
- CALEGARI, A. P. C. A oposição da Igreja Católica à Revolução Cubana. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDOS DAS AMÉRICAS, 4, 2014, Rio de Janeiro. *Anais... IV Congresso Internacional do Núcleo de Estudos das Américas*, 2014, v. 1, p. 1-15.

CALZADILLA, Jorge Ramírez. *Religião, cultura y sociedad en Cuba*. La Habana, *Papers*, n. 52, p. 143, 1997.

CAMACHO, Santiago. *Las cloacas del imperio*. Lo que EE UU oculta al mundo. Madrid: La Esfera de los Libros, 2004. 431 p.

CÁRDENAS, Eduardo. *La Iglesia hispanoamericana en el siglo XX*. Madrid: MAPFRE, 1992. 305 p.

CASTRO, Fidel. *A história me absolverá*: discurso de Fidel Castro, ante o tribunal de exceção de Santiago de Cuba, proferido em 16 de outubro de 1953. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

\_\_\_\_\_. Discurso en la Universidad de la Habana. 17 de Noviembre de 2005. In: GUANCHE, Julio Cesar (Org.). *El poder y el proyecto: un debate sobre el presente y el futuro de la revolución en Cuba*. Santiago de Cuba: Oriente, 2009.

CASTRO RUZ, Fidel. *Ideología, conciencia y trabajo político, 1959-1986*. La Habana: Editorial Política, 1991, p. 124.

\_\_\_\_\_. *La historia me absolverá*. Tafalla, Navarra: Txalaparta, 1999. 154 p.

CELAM. *Conclusões de Medellín*. A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio. Petrópolis: Vozes, 1969.

CELAM. *Las cinco conferencias generales del episcopado latinoamericano*. Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo, Aparecida. Bogotá: CELAM, 2014.

CERVO, Amado Luiz. *Relações Internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas*. Brasília: UnB, 2001, p. 131.

CHAVES JR., Eliseu de oliveira. *Um olhar sobre o Haiti*. Refúgio e imigração como parte da história. Brasília: LGE, 2008.

CHOMSKY, Aviva; CARR, Barry; SMORKALOFF, Pamela María. *The Cuba Reader*. Durham: Livros de Imprensa da Universidade de Duke, 2003.

CHRISTIAN SOLIDARITY WORLDWIDE. *Cuba: Liberdade religiosa*. Traduzido e adaptado para o português por Associação Nacional de Juristas Evangélicos – Anajure. United Kingdom: CSW, 2014.

CIA. *Relatório de Pesquisa: Por que a Revolução Cubana de 1958 levou à aliança de Cuba com a URSS*, *apud* AYERBE, 1997-1998, p. 197-198.

CLUSTER, Dick; HERNÁNDEZ, Rafael. *A História de Havana*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2008.

CONTRERAS, Delia. El papel de la Iglesia Católica en el futuro de Cuba: su misión ante la sociedad y el Estado. ¿Quo vadis Cuba? *Blog científico*, sep. 2015.

COSTA, Jaime. *El clarín toca al amanecer*. Barcelona: Ediciones Rondas, 2003, p. 108.

CRESPO, Ramón Torreira. Breve acercamiento histórico a la iglesia católica en Cuba: conquista, colonización y pseudorrepública. En: Noemí Quezada (Ed.). *Religiosidad popular*. México-Cuba. México: Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) y Plaza y Valdés, 2004.

CRESPO, Ramón Torreira. *La iglesia católica en la primera oleada migratoria cubana*. La Habana: Política, 2005.

DABÈNE, Olivier. *América Latina no século XX*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 164.

DÁVALOS, Armando Hart; VIVÓ, Raúl Valdés. *Martí y Marx en el socialismo de Cuba*. La Habana: Oficina del Programa Martiano, 2002.

DIAS, Renato. *Pequenas histórias – Cuba hoje: uma revolução envelhecida ou a reinvenção do socialismo?* Rd Movimento, 2015.

DIETERICH, Heinz. Prefácio. In: CASTRO, Fidel. *A história me absolverá: discurso de Fidel Castro, ante o tribunal de exceção de Santiago de Cuba, proferido em 16 de outubro de 1953*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979, p. 44.

ERNESTO Guevara de la Serna “El Che” 1928-1967. *Vida*. Biblioteca Colectivos Praxis Insumisa. Tomo 1.

ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES. O legado de Che Guevara. Guararema: ENFF. *Cadernos de Estudos*, v. 3, 2007.

FERNÁNDEZ, Manuel. *Religión y Revolución en Cuba: Veinticinco años de lucha ateísta*. Miami: Saeta, 1984.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002, p. 32.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GALVEZ, William. Señor de la Vanguardia. *La Habana*. Editorial de Ciencias Sociales, 1988, p. 197.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007, p. 41.

\_\_\_\_\_. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007, p. 27.

GORENDER, Jacob. O épico e o trágico na história do Haiti. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50, p. 295, 2004.

GOTT, Richard. *Cuba, uma nova história*. New Haven: Yale University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GUERRA VILABOY, Sergio; LOYOLA VEGA, Oscar. *Cuba, una historia*. México: Ocean Sur, 2012. 125 p.

GUEVARA, Ernesto “Che”. *El socialismo y el hombre nuevo*. Siglo XXI, 1979.

HARNECKER, Marta. Fidel. A estratégia política da vitória. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2000.

LENIN, V. I. *Obras escogidas en tres tomos*. Moscú: Progreso, 1970. p. 681-689. v. 3.

LÉNINE, V. I. O socialismo e a religião. *Jornal Nóvaia Jizn*, n. 28, 3 dez. 1905. Tradução de Edições Avante! In: LÉNINE, V. I. *Obras completas*. 5. ed. em russo, t. 12, p. 142-147.

MAO JUNIOR, José Rodrigues. *A Revolução Cubana e a questão nacional (1868-1963)*. São Paulo: Do Autor, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. e-BooksBrasil.com, 1999.

MAS, Jesús Belda. *Cuba, ¿a dónde vas?* Valencia: Edicep, 1999, p. 25.

MATOS, Huber. *Cómo Llegó la Noche*. Barcelona: Tusquets Editores, 2002, p. 359.

MEITÍN, Enrique A. *El gran enemigo*. Expansión, intervención y militarismo. La Habana: Editora Política, 1989. 162 p.

MIGUEL, Amando de. (1975), *Sociología del franquismo*. Análisis ideológico de los ministros del régimen. Barcelona: Euros, 1975, p. 237-352

MINA, Gianni. *Habla Fidel*. Madrid: Mondadori, 1988. 345 p.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 14.

NAVARRO, José; HURTADO, Martín Duarte. *Cuba 42 años de Revolución*. Cronología histórica 1959-1982. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2006. Tomo I.

NAVARRO, José Cantón. *Historia de Cuba*. El desafío del yugo y la estrella. La Habana: SIMAR, 1996. 278 p.

NOYOLA, Juan. *La economía cubana en los primeros años de la revolución y otros ensayos*. Mexico: Siglo Veintiuno, 1978.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DEL TURISMO. *Turismo Panorama 2020: Previsiones mundiales y perfiles de los segmentos de mercado*. Madrid: OMT, 2002.

PIERRE-CHARLES, Gérard. *Génesis de la revolución cubana*. 6. ed. Ciudad de Mexico: Siglo Veintiuno, 1985.

POLITZER, Georges. *Principios elementales y fundamentales de filosofía*. Madrid: Akal, 1985.

RAMONET, Ignacio. *Fidel Castro: biografia a duas vozes*. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 332.

RAMOS, Marcos Antonio. *Panorama del protestantismo en Cuba*. Miami: Caribe, 1986, p. 635-640.

REIS, Daniel Aarão. A Revolução e o Socialismo em Cuba: ditadura revolucionária e construção do consenso. In: QUADRAT, Samantha; ROLLEMBERG, Denise (Org.). *A Construção social dos regimes autoritários – Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SAIANI, Renato Cesar Santejo. O Estado de S. Paulo e a independência cubana: repercussão e posicionamento (1895-1898). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPUH, 2011.

SCHNEIDER, Roque. *João Paulo II e Fidel Castro*. São Paulo: Loyola, 1998.

SILVA, Keicy Lopes da. *Restrições econômicas: crescimento das mazelas sociais e a deficiência econômica em Cuba*. Brasília: Organização dos Estados Americanos – Modelo Internacional do Brasil, 2017.

TRIBUNA DE IMPRENSA. Rio de Janeiro: IAJES (NDH), 1986.

URÍA, Ignacio. *Iglesia y Revolución en Cuba*. Enrique Pérez Serantes (1883-1968), el o bispo que salvó a Fidel Castro. Madrid: Ediciones Encuentro, 2011.

WORD HEALTH ORGANIZATION. UNIAIDS. *OMS valida eliminação da transmissão de mãe para filho do HIV e da sífilis em Cuba*. Comunicado de Imprensa. Genebra, 30 jun. 2015.



## Artigos

AYERBE, L. F. A política externa dos estados unidos e a trajetória do desenvolvimento cubano. *Perspectivas. Revista de Ciências Sociais*. Unesp, v. 20-21, 1997-1998.

BETTO, Frei. Mística y socialismo. *Casa, Casa de las Américas*, n. 185, oct./dic., La Habana, 1991.

\_\_\_\_\_. Recuerdos de Cuba: à luz dos 52 anos de Revolução. *Estudos Avançados*, v. 25, n. 72, p. 224, 2011.

BOFF, Leonardo. Religión, justicia societaria y renacimiento. *Pasos*, n. 45, ene./feb., San José de Costa Rica, p. 1-10, 1993.

CHOMSKY, Aviva. As consequências da repressão: raça e nação em Cuba depois de 1912. *Revista de Investigação Ibérica e Latino-Americana*, v. 4, n. 2, p. 1-40, 1998.

CONTRERAS, Delia. El papel de la Iglesia Católica en el futuro de Cuba: su misión ante la sociedad y el Estado. ¿Quo vadis Cuba? *Blog científico*, sep. 2015.

CRESPO, Ramón Torreira. El impacto en la Iglesia Católica de la primera oleada migratoria cubana. *Enfoques*, Feb. 2005. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/cuba/cips/caudales06/fscommand/50T13.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

CUARTERO, Izaskun Álvarez. Y yo pase sereno entre los viles: estado, revolución e iglesia en Cuba, 1959-1961. Universidad de Salamanca, España. *América Latina Hoy*, n. 18, mar., p. 87, 1998.

DONEGANA, Costanzo. A missão nas Conferências Gerais do CELAM. *Encontros Teológicos* n. 45, ano 21, n. 3, p. 37-54, 2006.

DURÃES, Bruno José Rodrigues; MATA. Iacy Maia. Cuba, os afro-cubanos e a revolução: passado e presente Bruno. *História Social*, n. 17, p. 134, 2009.

FEITOSA, Emilly Couto. *Período Especial em Tempos de Paz: Revolução Cubana em debate. História: Debates e Tendências*, v. 10, n. 1, jan./jun. 2010, p. 35-52.

FERNÁNDEZ, Manuel. *Religión y Revolución en Cuba: Veinticinco años de lucha ateísta*. Miami: Saeta, 1984.

FRANCHINI NETO, Hélio. A política externa independente em ação: a Conferência de Punta del Este de 1962. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 48, n. 2, p. 10, 2005.

FUENTE, Alejandro de la. Raça e Desigualdade em Cuba, 1899-1981. *História Contemporânea*, n. 30, p. 131-168, 1995.

\_\_\_\_\_. Raça, discurso nacional e política em Cuba: uma visão geral. *Perspectivas latino-americanas*, v. 25, n. 3, p. 43-69, 1998.

GALLEGOS, Blanca I. Pedroza. Catolicismo y Revolución Cubana. Pacarina del Sur. *Revista de Pensamiento Crítico Latinoamericano*, ano 6, n. 22, 2015.

GALVEZ, William. Señor de la Vanguardia. *La Habana*. Editorial de Ciencias Sociales, 1988, p. 197.

GARCIA, D. Contreras. Iglesia Católica y Estado en la República de Cuba: pasado y presente de sus relaciones. *América Latina Hoy*, n. 63, p. 177-195, 2013. In: SILVA, Marcos Antonio; JOHNSON, Guillermo Alfredo. Revolução e religião: as relações entre a Igreja e o Estado na Cuba contemporânea. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 52, n. 1, p. 8-16, jan./abr. 2016.

GARCIA, Edmundo. No éramos aliados de los Estados Unidos. *Revista Temas*. La Habana, n. 55, p. 47-56, 2008. Entrevista concedida a Manuel Ray Rivero.

GARCÍA, Gregorio Delgado. Conceptos y metodología de la investigación histórica. *Revista Cubana de Salud Pública*, v. 1, n. 36, p. 9-10, 2010.

GORENDER, Jacob. O épico e o trágico na história do Haiti. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50, p. 295, 2004.

JUDIS, John B. 2009. Confissões de um crente verdadeiro. *Foreign Policy*, v. 172, n. 3, p. 142-43.

KIRK, John. H. La Iglesia católica en Cuba. *Temas: Cultura, Ideología, Sociedad*, n. 2, abr./jun., 1995.

MARIN, Emilio. Cada uno a lo suyo, con coincidencias y discrepancias. *Cuba Coraje*, mar. 2012.

MARX, Karl. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. *Temas de Ciências Humanas*. São Paulo, v. 2, p. 2, 1977.

MONTENEGRO GONZÁLEZ, Augusto. Historiografía de la Iglesia en Cuba (1902- 1952). *Anuario de Historia de la Iglesia*, n. 14, p. 313-349, 2005.

MOTTA, Roberto. Enciclopédia Afro-Cubana. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 44, n. 2, p. 204-205, 2001.

PINEDA, Victor M. Ruano: O Caminho da Igreja Latino-americana nos últimos 50 anos – os desafios mais significativos. *Revista Omnis Terra*, Roma, Itália, ano 12, n. 109, 110, abr./mai. 2006.

POLLIS, Adamantia. Direitos Humanos, Terceiro Mundo Socialismo e Cuba. *Mundo Desenvolvimento*, n. 9, p. 1005-1017, 1981.

ROUTHIER, Gilles. Vaticano II: bússola confiável para conduzir a Igreja rumo ao terceiro milênio. Tradução de Vanise Dresch. In: *HU ON-LINE*. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, n. 401, ano 12, p. 17-18, set. 2012. Entrevista concedida a Graziela Wolfart e Luis Carlos Dalla Rosa.

SÁNCHEZ, Alcides Francisco Antúnez; CUMBRERA, Jorge Manuel Martínez; BÁEZ, Jorge Luis Ocaña. El Trabajo por Cuenta Propria: incidencias en el nuevo relanzamiento en la aplicación del modelo económico de Cuba en el siglo XXI. *Prisma Jur.*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 68-72, jan./jun. 2015.

SÁNCHEZ, M. de Paz. La Iglesia Católica y la Revolución Cubana: Un informe del embajador Lojendio. *Anuario del Archivo Histórico Insular de Fuerteventura*, Fuerteventura, Islas Canarias, n. 13, p. 281-312, 2000.

SANTORO, Maurício. Cuba após a Guerra Fria: mudanças econômicas, nova agenda diplomática e o limitado diálogo com os EUA. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 53, n. 1, p. 132, jan./jul. 2010.

SEGRERA, Francisco López. A Revolução Cubana: Raízes Históricas, Situação Atual, Cenários e Alternativas. *Latin American Perspectives*, v. 38, n. 2, p. 3-30, 2011.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. Em Torno a Puebla-III. Puebla: expressão de uma prática pastoral latino-americana, p. 73-81. *Revista SÍNTESE*, v. 6, n. 15, 1979.

TABÍO, Luis René Fernández. Las relaciones de Cuba con América del Norte y el bloqueo de los Estados Unidos contra Cuba. *Cuadernos de Nuestra América*, v. 16, n. 31, p. 49-71, 2003.

VASCONCELOS, Joana Salém. Cuba e a dependência externa: passado e presente. *Revista REBELA*, v. 6, n. 1, jan./abr. 2016.

VERSTRAETEN, Johan. Concílio Vaticano II. 50 anos depois, apenas o início de um longo processo de recepção. Tradução de Luís Marcos. In: *IHU ON-LINE*. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, n. 401, ano 12, p. 19-21, set. 2012. Entrevista concedida a Graziela Wolfart e Luis Carlos Dalla Rosa.

VV. Rumo a Aparecida – V CELAM. *Revista Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, ano 38, n. 105, mai./ago. 2006.

VVAA: Rumo à V Conferência do CELAM. *Revista Vida Pastoral*, ano 47, n. 249, jul./ago. 2006.

## Publicações em meios eletrônicos

ACN BRASIL. *Disposições legais em relação à liberdade religiosa e aplicação efetiva*. 18 oct. 2018. Disponível em: <<https://www.acn.org.br/relatorio-liberdade-religiosa/brasil/>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

AGÊNCIA BRASIL. *Trump anuncia cancelamento de acordo e apoia embargo dos EUA a Cuba*. 16 jun. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-06/trump-anuncia-cancelamento-de-acordo-e-apoia-embargo-dos-eua-cuba>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

ALGAÑARAZ, Julio. La muerte del líder cubano. Tras la muerte de Fidel Castro, qué se espera de la relación de Cuba con el Vaticano. 26 nov. 2016. *Clarín Mundo*. Disponível em: <[https://www.clarin.com/mundo/cuba-iglesia-fidel-firmes-relaciones\\_0\\_SkO40ePgl.html](https://www.clarin.com/mundo/cuba-iglesia-fidel-firmes-relaciones_0_SkO40ePgl.html)>. Acesso em: 20 jan. 2018.

ASAMBLEA NACIONAL DEL PODER POPULAR. Ley n.º 62 Código Penal – Cuba, 29 dic. 1987. Disponível em: <[http://files.sld.cu/prevemi/files/2013/03/ley\\_21\\_codigo\\_penal\\_19791.pdf](http://files.sld.cu/prevemi/files/2013/03/ley_21_codigo_penal_19791.pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2019.

AYALA, Román Díaz. La República de Cuba y la Iglesia Católica en la Revolución. *Atrio. Lugar de Encuentro*, 25 ago. 2015. Disponível em: <<https://www.atrío.org/2015/08/la-republica-de-cuba-y-la-iglesia-catolica-en-la-revolucion/>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

BAYO, Hermano Jesús. ¿Es Cuba un país católico?. *Cubanálisis*. Disponível em: <<http://www.cubanálisis.com/ART%C3%8DCULOS/ES%20CUBA%20UN%20PA%C3%8DS%20CAT%C3%93LICO.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

BBC NEWS. Brasil. *Visita histórica: o que Barack Obama quer em Cuba?* 20 mar. 2016. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160320\\_visita\\_obama\\_cuba\\_rm](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160320_visita_obama_cuba_rm)>. Acesso em: 20 jan. 2018.

BENARD, José M. A González. *Proceso histórico del tratado de París de 10 diciembre de 1898: con algunas ideas de derecho internacional público*. Valencia: Imprenta de E. Mirabet, 1903, p. 98.

BETTO, Frei. Francisco reacende a fé em Cuba. *El País*. 24 set. 2015. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/24/opinion/1443053665\\_924985.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/24/opinion/1443053665_924985.html)>. Acesso em: 10 fev. 2018.

CÁNDIDO, Sergio N. Confirman construcción de tres nuevas iglesias en Cuba. *El nuevo Herald*, 21 set. 2015. Disponível em: <<http://www.elnuevoherald.com/noticias/mundo/america-latina/cuba-es/article35959389.html>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

CARDOSO, Ismael. Não sabemos se nos céus ou nas águas, mas, Camilo vive! *Vermelho*, 29 out. 2013. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/228054-8>>. Acesso em: 8 fev. 2018).

CEPEDA, Rafael. Las iglesias protestantes y el expansionismo norteamericano. *Caminos. Revista Cubana de Pensamiento Socioteológico*, abr., 2012. Disponível em: <<http://www.revista.ecaminos.cu/articles/article/las-iglesias-protestantes-y-el-expansionismo-norte/>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO E DO CARIBE, 5. 2007. Documento final. Aparecida. *Anais...* Aparecida. V Conferência CELAM. 2007. Ver documento na íntegra em: <<https://spirandiopadre.wordpress.com/documento-de-aparecida-v-conferencia-celam-texto-integral/>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

CORBELLINI, Dom Vital. A importância das Comunidades Eclesiais de Base no seguimento a Jesus Cristo, e à sua Igreja. *CNBB*. 5 mar. 2018. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/a-importancia-das-comunidades-eclesiais-de-base-no-seguimento-a-jesus-cristo-e-a-sua-igreja/>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

CRESPO, Ramón Torreira. El impacto en la Iglesia Católica de la primera oleada migratoria cubana. *Enfoques*, Feb. 2005. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/cuba/cips/caudales06/fsccommand/50T13.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

CUBA. *Proyecto de Constitución de la República de Cuba*. Disponível em: <<http://www.parlamentocubano.cu/wp-content/uploads/Tabloide-Constituci%C3%B3n.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. *Constitución de 1940*. Disponível em: <<https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/6/2525/51.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. *Constitución de 1976*. Disponível em: <<https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/6/2525/51.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Constitución (2018). Introducción al análisis del Proyecto de Constitución de la República durante la consulta popular. *Gaceta Oficial [de la] República de Cuba Ministerio de Justicia*. La Habana, 10 abr. 2019, p. 72. Disponível em: <<http://www.vanguardia.cu/images/materiales/gobierno/constitucion/constitucion-de-la-republica-de-cuba.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. Presidente (1976-2008: Fidel Castro). *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en la escalinata universitaria*. 27 nov. 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f271160e.html>>. Acesso em: 12 fev. 2018.



\_\_\_\_\_. Presidente (1976-2008: Fidel Castro). *Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la Clausura de la Plenaria Nacional de los Círculos Sociales*. 16 dez. 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f161260e.html>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. Presidente (1976-2008: Fidel Castro). *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del comite central del partido comunista de cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en la conmemoracion del IX aniversario del asalto al palacio presidencial, celebrada en la escalinata de la Universidad de la Habana*. 13 mar. 1966. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1966/esp/f130366e.html>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. Presidente (1976-2008: Fidel Castro). *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto para dar inicio a la etapa masiva de la zafra de los 10 millones de toneladas, efectuado en el teatro "Chaplin", La Habana*, 27 oct. 1969. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1969/esp/f271069e.html>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

CUBAENCUENTRO DOCUMENTOS. *Carta Pastoral "El amor todo lo espera"*. Mensaje de la Conferencia de Obispos Católicos de Cuba, dado a conocer en septiembre de 1993. 27 set. 2008. Disponível em: <<http://www.parlamentocubano.cu/wp-content/uploads/Tabloide-Constituci%C3%B3n.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

CUBA Y SU HISTORIA. Gobierno del General Fulgencio Batista y Zaldívar (1940-1944). Disponível em: <<https://cubaysuhistoria.wordpress.com/la-republica/la-constitucion-de-1940-y-los-gobiernos-autenticos/gobierno-del-general-fulgencio-batista-y-zaldivar-1940-1944/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

DURÃES, Bruno José Rodrigues; MATA. Iacy Maia. *Cuba, os afro-cubanos e a revolução: passado e presente* Bruno. *História Social*, n. 17, p. 134, 2009.

ECURED. *Pacto del Zanjón*. Disponível em: <[https://www.ecured.cu/Pacto\\_del\\_Zanj%C3%B3n](https://www.ecured.cu/Pacto_del_Zanj%C3%B3n)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

FERNÁNDEZ, Alexis Pestano. Iglesia Católica y Revolución cubana. *Espacio Laical*, Havana, p. 3, 2007. Disponível em: <<http://www.espaciolaical.org/contens/10/5559.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Leia íntegra da resolução que revogou suspensão de Cuba à OEA*, 3 jun. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2009/06/576072-leia-integra-da-resolucao-que-revogou-suspensao-de-cuba-a-oea.shtml>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

FOX NEWS. *Despite some tensions, evangelical churches booming in Cuba*, 27 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.foxnews.com/world/despite-some-tensions-evangelical-churches-booming-in-cuba>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

FUENTE, Álvaro. Como Cuba consegue índices de países desenvolvidos na saúde? *El País Internacional*. Havana, 8 fev. 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/12/internacional/1484236280\\_559243.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/12/internacional/1484236280_559243.html)>. Acesso em: 24. abr. 2018.

INSTITUTO DE INVESTIGACIONES JURÍDICAS. *Constitución (1976)*. Disponível em: <<https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/6/2525/51.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

INTER PRESS SERVICE EN CUBA. *Revista divulga cifras sobre catolicismo en Cuba*. 25 jul. 2014. Disponível em: <<https://www.ipscuba.net/sociedad/revista-divulga-cifras-sobre-catolicismo-en-cuba/>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

LA SANTA SEDE. *Constituição conciliar sacrosanctum concilium sobre a sagrada liturgia*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html)>. Acesso em: 24 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. *Documentos do Concílio Vaticano II*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm)>. Acesso em: 24 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. Perfil biográfico de João Paulo II (1920-2005), 3 mai. 2014. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20190722\\_biografia.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf_jp-ii_spe_20190722_biografia.html)>. Acesso em: 20 jan. 2018.

LÉNINE, V. I. O socialismo e a religião. *Jornal Nóvaia Jizn*, n. 28, 3 dez. 1905. Tradução de Edições Avante! In: LÉNINE, V. I. *Obras completas*. 5. ed. em russo, t. 12, p. 142-147. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1905/12/03.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

MANZATTO, Pe. Antonio. As primeiras Conferências do CELAM. *Vida Pastoral*, jul./ago. 2006, p. 3-8. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/documentos-e-concilios/as-primeiras-conferencias-do-celam/>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

MELLO, João. Fidel Castro, a revolução cubana e a América Latina, por Moniz Bandeira. *GGN – Nassif Online*, 26 nov. 2016. Disponível em: <<https://jornalggm.com.br/noticia/fidel-castro-a-revolucao-cubana-e-a-america-latina-por-moniz-bandeira>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. EUA conseguem tirar Cuba da OEA. Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/eua-conseguem-expulsar-cuba-da-oea>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

MINISTERIO DE JUSTICIA (Cuba). Resolucion n.º 43, a los 19 días del mes de febrero de 2005; Resolucion n.º 46, a los 22 días del mes de febrero de 2005. La Habana. *Gaceta Oficial [de la] República de Cuba*. 19 abr. 2005, p. 45-46; 50-52. Disponível em: <[http://www.scu.sld.cu/cpsc/wp-content/uploads/sites/89/2017/11/GO\\_X\\_008\\_2005-Resolucion-44-45.pdf](http://www.scu.sld.cu/cpsc/wp-content/uploads/sites/89/2017/11/GO_X_008_2005-Resolucion-44-45.pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2019.

MORAES, Isaiás Albertin de; MORAES, Leonardo. 50 anos da morte de Che Guevara: um economista dedicado. *Unesp Agência de Notícias*. 16 out. 2017. Disponível em: <<http://unan.unesp.br/destaques/29909/artigo-50-anos-da-morte-de-che-guevara-um-economista-dedicado&pagina=1>>. Acesso em: 8 fev. 2018.

NSC TOTAL. *Datas que marcaram os 11 anos de Raúl Castro no poder*. 31 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/noticias/datas-que-marcaram-a-decada-de-raul-castro-no-poder>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

NETSABER BIOGRAFIAS. *Raul Castro Ruíz (Irmão de Fidel) 1931-*. Disponível em: <<http://biografias.netsaber.com.br/biografia-2988/biografia-de-raul-castro-ruiz>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

O GLOBO. *De volta para a Igreja: Cuba restitui templos cristãos*. 27 dez. 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/de-volta-para-igreja-cuba-restitui-templos-cristaos-14919646>>. Acesso em 24 abr. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Cuba é o primeiro país do mundo a erradicar transmissão materna de HIV e sífilis*; vídeo. 18 abr. 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/cuba-e-o-primeiro-pais-do-mundo-a-erradicar-transmissao-materna-de-hiv-e-sifilis-video/#>>. Acesso em: 24. abr. 2018.

PIO XI. *Carta encíclica divinis redemptoris de Sua Santidade*. 19 mar. 1937. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19370319\\_divinis-redemptoris.html#I - ATITUDE DA IGREJA PERANTE O COMUNISMO](https://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divinis-redemptoris.html#I - ATITUDE DA IGREJA PERANTE O COMUNISMO)>. Acesso em: 20 abr. 2019.

PIO XI. *Motu proprio do Sommo Pontefice*. Do nosso próprio moto. Lei fundamental da Cidade do Vaticano. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pius-xi/it/motu\\_proprio/documents/hf\\_p-xi\\_motu-proprio\\_19290607\\_motu-proprio.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xi/it/motu_proprio/documents/hf_p-xi_motu-proprio_19290607_motu-proprio.html)>. Acesso em: 20 abr. 2019.

PONTIFÍCIO CONSELHO. *Compêndio da doutrina social da Igreja*. 9 jun. 2004. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html#APRESENTA%C3%87%C3%83O](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#APRESENTA%C3%87%C3%83O)>. Acesso em: 24 abr. 2019.

PUGGINA, Percival. Morreu Huber Matos, verdadeiro herói cubano. *Tribuna da Internet*. 2. mar. 2014. Disponível em: <<http://www.tribunadainternet.com.br/morreu-huber-matos-verdadeiro-heroi-cubano/>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

RAMOS, Jefferson Evandro Machado. Che Guevara. *Sua Pesquisa.Com*. Disponível em: <[https://www.suapesquisa.com/biografias/che\\_guevara.htm](https://www.suapesquisa.com/biografias/che_guevara.htm)>. Acesso em: 10 out. 2019.

REVISTA VEJA. *Fidel Castro completa 50 anos de excomunhão meses antes da visita do papa*. 2 jan. 2012. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/fidel-castro-completa-50-anos-de-excomunhao-meses-antes-da-visita-do-papa/>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

RODRIGUES, Andresa da Mota Silveira et al. Os rumos da revolução cubana. In: SIMULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA SECUNDARISTAS, 2012. Brasília. *Anais...* Disponível em: <<http://sinus.org.br/2012/wp-content/uploads/01-OEAH.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

SAIANI, Renato Cesar Santejo. Impressões de uma guerra: o discurso de O Estado de S. Paulo sobre a guerra de independência cubana (1895-1898). *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 20, p. 95-125, jan./jun., 2016. Disponível em: <<http://revista.anphlac.org.br>>. Acesso em: 24 ago. 2019.

SANCHO GOVERNADOR DE UNA ÍNSULA. *La Iglesia Católica del siglo XXI en la Cuba de los Castro*. Disponível em: <<https://sanchoamigo.wordpress.com/2016/10/22/la-iglesia-catolica-del-siglo-xxi-en-la-cuba-de-los-castro/>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

SANCHO, Marcelo Neuschwang. O socialismo em Cuba. *Marxismo*. 1.º mai. 2012. Disponível em: <<http://brasilsocialista2012.blogspot.com/2012/05/o-socialismo-em-cuba.html>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

SOCIEDADE BRASILEIRA DOS CANONISTAS. *A nunciatura apostólica*. 8 abr. 2009. Disponível em: <<https://www.infosbc.org.br/site/artigos/286-a-nunciaura-apostolica> <https://www.infosbc.org.br/site/artigos/286-a-nunciaura-apostolica>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. Em Torno a Puebla-III. Puebla: expressão de uma prática pastoral latino-americana, p. 73-81. *Revista SÍNTESE*, v. 6, n. 15, 1979. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/2334/2607>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

SOUSA, Rainer Gonçalves. Fim da União Soviética. *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/urss.htm>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

SUA PESQUISA.COM. *Che Guevara*. Disponível em: <[https://www.suapesquisa.com/biografias/che\\_guevara.htm](https://www.suapesquisa.com/biografias/che_guevara.htm)>. Acesso em: 10 fev. 2018.

THEOLOGICA LATINOAMERICANA. Conferências do Conselho Episcopal latino-americano (CELAM). Disponível em: <<http://theologicalatinoamericana.com/?p=1475/>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

THE WORLD TOURISM ORGANIZATION. *UNWTO condemns US Administration decision to restore travel restrictions with Cuba*. 19 jun. 17. Disponível em: <<https://media.unwto.org/press-release/2017-06-19/unwto-condemns-us-administration-decision-restore-travel-restrictions-cuba>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

VATICANO. *Profissão da fé*. Segunda secção. A profissão da fé cristã. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/p1s2cap2\\_422-682\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s2cap2_422-682_po.html)>. Acesso em: 20 abr. 2019.

VATICANO II. *Lumen Gentium*, n. 36. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm)>. Acesso em: 24 abr. 2019.

VEJA. *Fidel Castro completa 50 anos de excomunhão meses antes da visita do papa*. 2 jan. 2012. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/fidel-castro-completa-50-anos-de-excomunhao-meses-antes-da-visita-do-papa/>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

